

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA  
ISABEL GOMES AYRES

**CARTOGRAFIA DE UMA FORMAÇÃO: NATUREZA, ECOSOFIA E SUAS  
RESSINGULARIZAÇÕES**

PELOTAS  
2017

ISABEL GOMES AYRES

**CARTOGRAFIA DE UMA FORMAÇÃO: NATUREZA, ECOSOFIA E SUAS  
RESSINGULARIZAÇÕES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do Câmpus Pelotas do Instituto Federal Sul-riograndense (IFSul), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roselaine Machado Albernaz

PELOTAS  
2017

### **Ficha Catalográfica**

A985c Ayres, Isabel Gomes.

Cartografia de uma formação : natureza, ecosofia e suas  
ressingularizações / Isabel Gomes Ayres. – 2017.  
139 f. : il. color.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roselaine Machado Albernaz.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Educação. 2. Cartografia. 3. Formação de professores. 4. Ecosofia.  
I. Albernaz, Roselaine Machado. II. Instituto Federal de Educação, Ciência  
e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576  
Biblioteca IFSul - Campus Pelotas

ISABEL GOMES AYRES

**CARTOGRAFIA DE UMA FORMAÇÃO: NATUREZA, ECOSOFIA E SUAS  
RESSINGULARIZAÇÕES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do Câmpus Pelotas do Instituto Federal Sul-riograndense (IFSul), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roselaine Machado Albernaz

Aprovado pela banca examinadora em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cynthia Farina – IFSul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Henning - FURG

A quem, hoje, faz com que  
eu me sinta o dobro, o triplo, o múltiplo  
daquilo que já fui um dia.

## AGRADEDIMENTOS

Certa vez, Gilles Deleuze e Félix Guattari, disseram que escrever um livro a dois poderia significar escrever com muita gente. Os filósofos ainda acrescentaram, talvez a título de esclarecimento, que, cada um deles, por si só, já se sentia vários quando escrevia<sup>1</sup>. Partilhei dessa mesma, ou talvez de muito próxima sensação, ao produzir essa pesquisa. Sinto que esta cartografia foi traçada por uma multidão. Uma coletividade de corpos orgânicos e não-orgânicos com os quais tive bons encontros (conceito filosófico tratado no capítulo *Travessias de um corpo em formação*). Eis que chegou o momento de agradecer a alguns.

Começo falando acerca de um sol-gente. Na mitologia grega, Hélios é a personificação do sol. Por trâmites legais, Hélios e eu nos fizemos cônjuges. Pela vida fomos nos fazendo amigos. Pelo amor fomos nos fazendo o dobro<sup>2</sup>. Assim como o sol-estrela banha de luz e energiza meu corpo, os encontros que faço com as forças que emanam desse sol-gente me acalmam, me alegram, me movem. *Sentia outra vez o sol aquecer lhe a pele, estendia-se como podia na erva verde [...]. Como seria perfeito se a luz justificasse que deixasse aí o pouco corpo e flutuasse em partículas desunidas pela intensidade amena da temperatura*<sup>3</sup>. Até algumas malesas, que deitam em meu corpo vezes por outra, podem se desfazer nesses encontros.

Na escrita desta pesquisa, viajei por mundos longínquos. Explorei territórios desconhecidos. Imagine só, cruzei até por cidades invisíveis<sup>4</sup>! Em muitas dessas viagens, parti em direção a mim mesma. Deslocamentos que requeriam uma atenção extrema, um resguardo e um silêncio. *Aprender a calar. Nunca falar o desnecessário. A voz ocupa demasiado espaço. Observar e imaginar o longe*<sup>5</sup>. Um silêncio e uma ausência que por longos meses tiveram que ser suportados por meus pais, por minha irmã, por meus afilhados, por meus enteados. Agradeço-os pela resignação, afinal essas viagens interiores, além de imprescindíveis, me fizeram transformada. *Antes disso, não conhecia nada além do deserto e das trilhas das*

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995, p. 11.

<sup>2</sup> Em referência a escrita de Valter Hugo Mãe, em *O filho de mil homens*. Quando Camilo diz ao pai adotivo que este precisava se casar, o pai lhe responde que não precisava de nada, afinal sentia-se inteiro. Camilo disse-lhe que então, ao encontrar um amor, ele passaria a ser o dobro.

<sup>3</sup>MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 67.

<sup>4</sup> Em referência ao livro *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino.

<sup>5</sup> MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017, p. 70.

*caravanas. Nesta trajetória, senti que não havia bem que não pudesse esperar da vida*<sup>6</sup>.

E, por falar em família, perambulando por aí, descobri quão flexíveis, expansivos e fortes podem ser os laços estabelecidos com pessoas com as quais não se partilha qualquer vínculo parental. Falo sobre os amigos colombianos que inundaram minha casa de alegria e também daqueles que, tão amavelmente, nos receberam (Hélio e eu) na Colômbia. Falo sobre Lenita, sobre Adélia, sobre Gledi e sobre outros colegas que, sem titubear, assumiram minhas incumbências laborais durante o período em que usufruí da licença capacitação. Falo sobre Lígia e sobre Fátima, grandes parceiras, que viabilizaram minha iniciação no trabalho docente. Falo sobre meus alunos e sobre minhas alunas. Falo sobre muita gente que, mesmo sem saber, me fez transitar por *caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros. Os outros [...] justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria*<sup>7</sup>.

Nesta escrita-agradecimento e em tantas outras que compõem esta cartografia há uma certa poética, fragmentos que tomei emprestados de alguns literatos. Um jeito de pesquisar e de escrever mais solto, porém não menos rigoroso. Coisa que aprendi com Alberto, com Cynthia e com Rose. Mestres que me ensinaram que a arte e a filosofia pensam tanto quanto a ciência. Ensinaram-me a acolher no corpo forças que emanam da arte e da vida. Minha gratidão por tais ensinamentos é imensurável.

Para além de orientar, de funcionar como bússola, Rose ensinou-me que [...] *estudara nos livros demais. Porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar*<sup>8</sup>. Rose ensinou-me que se aprende também experimentando o mundo. Um modo diferente de ensinar e de aprender. Uma formação que transforma mais do que conforma. Ensinamentos que levo não apenas para a vida acadêmica e profissional, senão para as relações que estabeleço com os outros e comigo mesma. Quer coisa mais valiosa do que isso? Pelos ensinamentos, pela dedicação e pela amizade de Rose, serei eternamente grata.

Foram muitos os corpos que direta ou indiretamente contribuíram para a produção desta pesquisa. Impossível nomear todos aqui. Impossível e irrelevante. O que menos importa nesta cartografia são os nomes, as identidades. Afinal, ela se

---

<sup>6</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13.

<sup>7</sup> MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 244.

<sup>8</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006, XIV.

nutriu de intensidades. Lembre-se: esta cartografia é fruto das intensidades que colhi e acolhi nos encontros que fiz com inúmeros e distintos corpos.

Para encerrar essa seção, escolho o poema *As bênçãos* de Manoel de Barros. Que tais versos me sejam suficientes para demonstrar toda a gratidão que sinto por aqueles que, de algum modo, traçaram, comigo, as linhas deste mapa cartográfico:

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber em mim os perfumes do azul. Mas eu recebo. É uma bênção. Às vezes, se tenho tristeza, as andorinhas me namoram mais de perto. Fico enamorado. É uma bênção. Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro para que se tornem peregrinos do chão. Eles se tornam. É uma bênção. Até alguém já chegou de me ver passar a mão nos cabelos de Deus! Eu só queria agradecer<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> BARROS, Manoel de. **As bênçãos.** Disponível: [http://www.snpcultura.org/poesia\\_completa\\_manoel\\_barros\\_distinguida\\_casa\\_america\\_latina.html](http://www.snpcultura.org/poesia_completa_manoel_barros_distinguida_casa_america_latina.html). Acesso em: 12 set. 2017.

*Quem anda no trilho é trem de ferro,  
sou água que corre entre as pedras:  
liberdade caça jeito.*

Manoel de Barros

## RESUMO

A presente pesquisa cartográfica se propõe a pensar na formação de professores para além e para aquém das normatizações acadêmicas ou de qualquer outra forma de certificação de saberes. Nesse sentido, busca traçar um mapa cartográfico a partir das afecções produzidas no corpo de uma professora de meio ambiente que experimenta a arte, a filosofia e a educação em seu percurso formativo. Este traçado é composto por uma escrita heterogênea, na qual são mesclados artefatos artísticos e filosóficos com a criação de contos. O aporte teórico se constitui por obras de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jorge Larrosa e seus intercessores. Alguns dos pensamentos desses autores são articulados com artefatos da literatura, da música, da dança e do cinema. As intensidades que emanam das experimentações que faz a professora com a arte e com a filosofia se aliam as suas vivências para potencializar a invenção dos contos, em um misto de ficção e realidade. A experiência de que trata esta cartografia está relacionada com o conceito filosófico criado por Larrosa e refere-se aquilo que passa, aquilo que acontece a um sujeito. As linhas deste mapa também se constituem como um exercício de pensar as questões ambientais sob a óptica de Guattari. Segundo esse filósofo, o planeta enfrenta uma crise de ordem ecológica, social e subjetiva que, caso não seja remediada, ameaça a manutenção da vida em uma escala global. Como alternativa para amenizar os efeitos dessa crise, Guattari aposta em uma articulação dos três registros ecológicos (ambiental, social e mental), algo que ele chama de ecosofia. A partir dessa articulação, Guattari propõe a reinvenção dos modos de vida, a invenção de novos modos relacionais, a ressingularização. Transitando por estes e por outros conceitos filosóficos, esta pesquisa problematiza a fabricação e a modelização de corpos e subjetividades; a produção de enunciados sobre a natureza; os modos como os sujeitos se relacionam com o ambiente físico; e as maneiras como um indivíduo se constitui professor, sobretudo um indivíduo que não vivenciou uma formação didático-pedagógica convencional. Nesse exercício de pensar a formação de professores; de problematizar os modos de vida atuais; de experimentar a arte e a filosofia como produtoras de pensamento; de olhar transversalmente para o mundo e para si; de misturar ficção e realidade por meio da escrita, talvez possam surgir brechas de ressingularização.

**Palavras-chave:** Natureza. Formação de professores. Experiência. Ecosofia. Ressingularização.

## RESUMEN

La presente investigación cartográfica se propone a pensar la formación del profesorado para más allá y lejos de las normas académicas o de cualquier otra forma de certificación de los saberes. En este sentido, se pretende trazar un mapa cartográfico a partir de las afecciones producidas en el cuerpo de una profesora del medio ambiente que experimenta el arte, la filosofía y la educación en su trayecto formativo. Este trazado es compuesto por una escrita heterogénea, en la cual son mezclados artefactos artísticos y filosóficos con la creación de cuentos. El aporte teórico se constituye por obras de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jorge Larossa y sus intercesores. Algunos de los pensamientos de estos autores son articulados con artefactos de literatura, de música, de danza y del cine. Las intensidades que emanan de experimentaciones que la maestra hace con el arte y con la filosofía se suman a sus vivencias para potencializar la intervención de los cuentos, en una mezcla de ficción y realidad. La experiencia, la cual aborda esta cartografía, se relaciona con el concepto filosófico creado por Larossa y se refiere a que lo pasa, a que lo sucede a un sujeto. Las líneas de este mapa también se constituyen como un ejercicio para el pensamiento de las cuestiones ambientales bajo la óptica de Guattari. En conformidad con este filósofo, el planeta enfrenta una crisis de orden ecológica, social y subjetiva que, por supuesto no sea reparada, amenaza la manutención de la vida en una escala global. Como alternativa para la reducción de los efectos de esta crisis, Guattari apuesta en una articulación de tres registros ecológicos (ambiental, social y mental), algo que es llamado por él de ecosofía. Desde esta articulación, Guattari propone la reinención de maneras de vida, la invención de nuevos modos racionales, la resingularización. Al transitar por estos y por otros conceptos filosóficos, esta investigación problematiza la fabricación y la modelización de cuerpos y subjetividades, la producción de enunciados que abarcan la naturaleza, maneras como los sujetos se relacionan con el ambiente físico y los modos como un individuo si constituye profesor, sobre todo un individuo que no ha vivido una formación didáctica-pedagógica convencional. En ese ejercicio de pensar la formación de profesores, de problematizar las maneras actuales de vida, de experimentar el arte y la filosofía como productoras de pensamiento, de mirar transversalmente para el mundo y para si, y de mezclar ficción con la realidad por medio de la escrita, tal vez puedan emerger espacios de resingularización.

**Palabras-clave:** Naturaleza. Formación de profesores. Experiencia. Ecosofía. Resingularización.

## SUMÁRIO

1	Desembaraçando alguns fios...	13
2	CARTOGRAFIA: um método a ser experimentado	19
2.1	Cartógrafo: devorando e desovando matérias de expressão	27
2.2	Tudo o que não invento é falso: criando contos	30
3	Travessias de um CORPO em formação	36
3.1	Corpus: da disciplina ao pós-orgânico	40
3.2	Para além do biológico: um corpo em potência	53
4	NATUREZA: <i>tudo pode ter começado com um sim...</i>	66
4.1	Do paradigma divino ao tecnológico: uma natureza em reconfiguração	71
4.2	Do terror à sustentabilidade: a natureza como invenção	77
5	ECOSOFIA: tecer-se na ética, na política e na estética	88
5.1	Que crise é essa?!	94
5.2	A ecologia inventiva de Guattari	99
6	RESSINGULARIZAÇÃO: capturas e esquivas no CMI	104
6.1	Ressingularizar: despraticar as normas	106
7	FORMAÇÃO DE PROFESSORES: coletando intensidades	114
7.1	Formação pela experiência: por um pouco de poesia, dança, riso solto...	121
8	Referências	134

## 1 Desembaraçando alguns fios...

Um vento abafado me bagunça as melenas. Afasto do rosto apenas os cachos que atrapalham a vista. Alinho as costas. Deixo o tronco mais ereto. Ergo um pouco o queixo. Fecho os olhos. Saboreio as rajadas de ar quente vindas da laguna. Ouço algumas vozes destorcidas ao longe. Estamos no final do mês de agosto, num dia atipicamente mormacento. Vejo pouca gente circulando por ali. Mesmo com o ar abafado, a mansidão da praia parece arrefecer. Abro bem os olhos. Em ondulações pequeninas, vejo a água turva da laguna vir molhar a areia. Sentada sobre o solo granuloso, acompanho aquela troca de carícias entre laguna e terra. Como se levado por um barco enseada adentro, meu pensamento se desloca. Navego, agora, pelas correntezas da pesquisa que faço. Serenamente, penso: "Preciso escrever uma 'introdução'. Mas por onde começar? Como 'dar a partida' naquilo que não parece ter começo nem fim?" Desvio o olhar para o horizonte. Inspiro um pouco mais fundo. Cerro os olhos outra vez. Digo mentalmente: "Que entrevero é esse nas ideias? Logo agora! Tudo parece tão enredado, tão emaranhado!" Arregalo bem os olhos. Falo *sem ninguém e para ninguém*<sup>10</sup>, exceto para mim mesma: "Um emaranhado se ideias... Talvez seja isso! Talvez seja como puxar um fio qualquer de um emaranhado. A escolha pode ser aleatória mesmo! Não importa o fio que se escolha, ele sempre vai se entrelaçar, se articular, se conectar com outros fios..." Um corpo deixa-se tombar de joelhos ao meu lado. Me assusto. Mas, em seguida, reconheço aquela face morena a dizer-me: "Falando sozinha ou inventando mais um conto?" Sorrio. Não qualquer sorriso, mas um sorriso *que já não era como nenhum outro de passado. Era o dobro de um sorriso*<sup>11</sup>. E assim, com a boca rasgada num sorriso em dobro, respondo: "Pensando! Apenas pensando..."

\*\*\*

---

<sup>10</sup> MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 28.

<sup>11</sup> Idem, 2016, p. 28.

A pesquisa anunciada por esta escrita vem sendo tecida com fios de afecções que se entrecruzam como as raízes de um trevo, como as hastes de um rizoma. Compondo esse emaranhado de linhas está um corpo, um corpo de uma professora de meio ambiente em formação e em transformação. Esses fios estão tão enredados que já não sou capaz de precisar quando tudo começou. Mas isso já não importa! Ao puxar qualquer um desses fios, muitos outros virão à tona. Puxo aqui alguns.

O tornar-se professora tem sido, para mim, mais uma escolha e menos o *ponto de chegada de uma prescrição formal ou o resultado de um percurso acadêmico*<sup>12</sup>. Em 2013, fui convidada por uma amiga, coordenadora pedagógica do *Programa Mulheres Mil*<sup>13</sup> no Câmpus Pelotas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), para trabalhar voluntariamente como professora de meio ambiente no referido programa. Quando falava sobre seu trabalho junto às mulheres-mil<sup>14</sup>, o corpo de minha amiga exalava um encantamento contagiante. Contagiei-me também. De pronto, aceitei o convite. E, assim, embrenhei-me pelo campo da educação. Foi em sala de aula, na *prática de educar*<sup>15</sup>, que comecei a fazer-me professora.

Mais tarde, em 2015, ingressei como aluna especial no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do IFSul. Naquele ano, cursei dois seminários: *Práticas de si e outras artes* e *As três ecologias: formação e contemporaneidade*. Ali fui capturada pela literatura, pela dança e pelo cinema! Ali fui fisgada pelas filosofias da diferença! Lidar com aqueles artefatos artísticos e filosóficos me inquietava, desacomodava meu corpo. Talvez tenha sido nesses primeiros encontros<sup>16</sup> com a arte e com a filosofia que meu olhar para o mundo e para mim mesma enviesou-se.

Até então, minha formação acadêmica estava atrelada às ciências exatas. No percurso formativo trilhado até aquele momento, eu havia transitado entre o curso Técnico em Química, a graduação em Tecnologia em Controle Ambiental e a

---

<sup>12</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico da formação de professores. Sa aría: Editora UFSM, 2013, p. 13.

<sup>13</sup> Programa destinado a capacitação profissional de mulheres, criado pelo governo brasileiro através da Portaria nº 1.015 de 21 de julho de 2011.

<sup>14</sup> Termo utilizado para designar as cursistas do *Programa Mulheres Mil*.

<sup>15</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico da formação de professores. Sa aría: Editora UFSM, 2013, p. 13.

<sup>16</sup> Encontros no sentido filosófico que é dado por Baruch Espinosa e sobre o qual discorro nesta pesquisa.

especialização em Engenharia de Biosistemas. Naqueles seminários, eu provava algo inusitado: a possibilidade de criar um pensamento, não apenas pela ciência, mas também por meio da arte e da filosofia. Algo que me surpreendia, provocava e seduzia.

As ideias de Félix Guattari, em especial, abalavam demasiado as “certezas” que eu tinha em relação às questões ambientais. Pensar a crise contemporânea sob a óptica da *ecosofia*<sup>17</sup> não fizera parte de minha formação acadêmica. Por anos a fio, dediquei-me a estudar a problemática ambiental sem aperceber-me do quão apartados estamos da natureza. Não me dava conta de que muitos discursos ecológicos são fabricados em prol de interesses capitalísticos<sup>18</sup>. E o encontro com o conceito de *ressingularização*<sup>19</sup> foi acolhido por meu corpo como um convite. Um convite para repensar os modos como me constituía e ainda me constituo professora. Um convite a reinventar as relações que eu estabelecia e que ainda estabeleço com o mundo e comigo mesma.

Esses abalos ecoavam em minhas práticas pedagógicas. Em 2015, continuei dando aulas para as mulheres-mil e, no ano seguinte, trabalhei como professora num projeto de extensão chamado *Acolhendo e Educando*<sup>20</sup>. Nas turmas com as quais trabalhei nesse período, comecei a abordar as questões ambientais sob uma perspectiva ecosófica. Comecei a levar, também, um pouco de arte para as aulas que inventava. E fiquei à espreita, atenta às forças que emanavam de meu corpo e do corpo de meus alunos.

Experimentar (experiência como conceito filosófico tratado no capítulo *Formação de professores: coletando intensidades*) a arte, a filosofia e a educação como uma forma de produzir pensamento me trouxe mais perguntas e menos respostas. A cada experimentação, eu me inquietava mais e mais. Indagava: Que pensamentos podem ser criados a partir dessas experimentações? De que modo tais experimentações podem contribuir para a formação de um professor? E para a minha formação? Será que essas experimentações podem produzir brechas de *ressingularização*? Estas inquietações pululavam em meu corpo. Quando ingressei como aluna regular do MPET, comecei a persegui-las; a tensionar, a exercitar um

---

<sup>17</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 8.

<sup>18</sup> Termo utilizado por Guattari para tratar sobre o neocapitalismo.

<sup>19</sup> I GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 15.

<sup>20</sup> Projeto de extensão desenvolvido em 2016 no Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Pelotas para capacitação de crianças e adolescentes que vivem em abrigos e orfanatos na cidade de Pelotas.

pensamento sobre elas e tantas outras que foram surgindo. Com os vestígios que fui colhendo e acolhendo neste exercício de pensar a formação de professores, fui desenhando um mapa, produzindo uma pesquisa cartográfica.

Tanto a ecosofia quanto a ressingularização (conceitos que me afetaram antes mesmo de iniciar a pesquisa) implicam em uma ética, uma política e uma estética que se articulam como as hastes de um rizoma. Isso possibilita que tais implicações sejam traçadas em um mapa cartográfico. Este foi um dos fatores determinantes na escolha da cartografia como método para realização desta pesquisa.

No decorrer desta cartografia, tentei problematizar a formação de professores a partir das experimentações que fiz com a arte, com a filosofia e com a educação. Ainda, a partir dessas experimentações, tentei cartografar possíveis movimentos de ressingularização em meus modos de ser-fazer professora de meio ambiente. Quando se pesquisa o próprio percurso formativo, passa-se a *andar sobre o fio da navalha que é o relato autobiográfico*<sup>21</sup>. Para esquivar-me de uma narrativa pessoal, acolhi em meu corpo-cartógrafa as intensidades que emanavam nos encontros feitos com outros corpos (livros, poesias, músicas, paisagens, filmes, etc.).

Para *dar língua*<sup>22</sup> a essas afecções e traçá-las num mapa móvel e provisório, me vali de uma escrita heterogênea. Nela, mescliei conceitos filosóficos e artefatos artísticos com a criação de contos. Ademais, cada conto é anunciado por uma produção textual, elaborada em primeira pessoa, que versa sobre algumas das intensidades que potencializaram a sua invenção<sup>23</sup>. Utilizei tipografias distintas para diferenciar a escrita dos contos<sup>24</sup> e das produções textuais que os anunciam<sup>25</sup> da escrita dos demais elementos que compõem esta pesquisa.

Criar contos foi uma artimanha. Um subterfúgio para escapar do identitário, do uno. Uma estratégia de esquiva do pensamento representacional. Como disse Michel Foucault em uma entrevista: *Escreve-se também para não se ter mais rosto*

<sup>21</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico da formação de professores. Sa aría: Editora UFSM, 2013, p. 14.

<sup>22</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014, p. 66.

<sup>23</sup> Com exceção do fragmento que abre este capítulo, todas as demais produções textuais que recebem esta formatação (Comic Sans MS, 12) anunciam a escrita de contos. Optei por adotar tal formatação neste fragmento, uma vez que ele trata sobre as intensidades que nutriram a escrita deste capítulo introdutório.

<sup>24</sup> Os contos estão formatados com fonte Courier New, tamanho 12.

<sup>25</sup> As produções textuais que os anunciam os contos estão formatadas com fonte Comic Sans MS, tamanho 12.

[...]²⁶. Por meio da criação de *figuras estéticas*²⁷, minha voz foi se fundindo e se confundindo com a voz de outros corpos orgânicos e não-orgânicos, corpos que potencializaram a invenção dos contos, que viabilizaram a produção desta cartografia.

Esta escrita heterogênea é apresentada em seis capítulos, além desta introdução (primeiro capítulo). Todavia, ideias abordadas num capítulo não estão nele enclausuradas, pelo contrário, transitam em várias das linhas que compõem este mapa. No segundo capítulo, discorro sobre o método aqui experimentado, a cartografia. No terceiro capítulo, alio-me ao pensamento de Michel Foucault, de Baruch Espinosa e de seus intercessores para problematizar algumas questões sobre o corpo; para pensar o corpo como objeto de poder, mas também o corpo como potência. Aproximo o olhar, no quarto capítulo, de alguns enunciados sobre a natureza que podem moldar nossas relações com o ambiente físico. Mergulhando na correnteza do pensamento de Félix Guattari, debruço-me sobre o conceito de ecosofia no quinto capítulo. Ainda no fluxo das ideias de Guattari, no sexto capítulo, acerco-me do conceito de ressingularização. E, para exercitar um olhar transversal sobre a formação de professores, no sétimo e último capítulo, alio-me às ideias de Jorge Larrosa e de alguns de seus intercessores.

No exercício de pensar a formação de professores, problematizando minha própria formação e as relações que estabeleço com o mundo e comigo mesma, tenho acolhido, digerido e secretado intensidades múltiplas. Meu esforço nesta pesquisa foi o de traçar essas intensidades num mapa cartográfico. Por isso, há partículas do meu corpo nas linhas sinuosas que se cruzam para compor esse mapa. Mas há, também, rastros de meus alunos, de outros professores, de muita gente. Verti para a escrita desta pesquisa ideias que tomei emprestadas de filósofos, de poetas, de músicos, de escritores, de cineastas, etc. Talvez tenha aqui um pedaço seu, mesmo que nossos olhares nunca tenham se encontrado.

Volto a salientar que, as linhas que tecem essa pesquisa são fios de afecções. Fios nos quais a gente se enreda, se desenreda e se enreda de novo, Fios que podem nos fazer formados e transformados. Fios que nos conectam ao

---

²⁶ FOUCAULT, Michel. **O Belo Perigo**: conversa com Claude Bonnefoy. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016, p. 132.

²⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 83.

mundo, que tecem a vida. Convido você a tecer-se e a enredar-se comigo nesta cartografia.

## 2 CARTOGRAFIA: um método a ser experimentado

Chovia muito naquela manhã de sexta-feira. Pingos robustos bombardeavam o telhado, emitindo um som quase melódico. Espiei pela janela e vi que a água rapidamente se acumulava junto ao meio-fio. Pedestres, metidos embaixo de guarda-chuvas negros, aceleravam o passo e buscavam abrigo sob as marquises. Motoristas ligavam os faróis dos veículos. O dia ganhara um tom cinzento. O frio úmido era como um convite para mergulhar novamente no conforto do leito. Eu dizia para mim mesma, talvez até em voz alta: "Preciso escrever!" Não quis me privar do calor e da maciez do pijama de flanela. Entre bocejos e espreguiçadas, preparei um chimarrão e me coloquei diante do computador. Sobre a mesa uma pilha de livros, o caderno de campo e algumas pastas. De uma delas, retirei uma série de desenhos que haviam sido feitos por meus alunos do *Acolhendo e Educando*<sup>28</sup> em nossas primeiras aulas. Servi um mate e lentamente sorvi a bebida quente e amarga. Enquanto meus olhos percorriam aquele material, meu pensamento foi remetido à agitação daqueles tempos como professora. Nossas aulas ocorriam em uma sala de informática. As máquinas tecnológicas seduziam aqueles jovens. Todos os dias, impreterivelmente, os alunos pediam para acessar alguma rede social. Pareciam sempre ávidos para postar fotos, ler ou escrever publicações e comentários. Ver e ser visto, era algo que lhes interessava; era algo que lhes parecia útil. Isso me fazia pensar: "Como minhas aulas poderiam tocá-los? Como conquistar a atenção deles em meio aquelas distrações?" Mais do que úteis, eu desejava que minhas aulas fossem capazes de produzir um sentido, talvez um pensamento sobre as relações que estabelecemos com os outros e com nós mesmos. O desafio era grande! O clarão que precederia um trovão me fez, subitamente, emergir daquele

---

<sup>28</sup> Projeto de extensão desenvolvido em 2016 no Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Pelotas para capacitação de crianças e adolescentes que vivem em abrigos e orfanatos na cidade de Pelotas.

estado reflexivo. Deixando a cuia do mate de lado, liguei o computador e, rapidamente, - temia uma queda da energia elétrica - comecei a digitar. Eu precisava escrever sobre as inquietações daqueles dias como professora no *Acolhendo e Educando*.

Figura 1: Flor de trevo, erva rasteira, capim insistente.



Fonte: Elaborada pela autora.

### **Encantos rasos**

A aula começava cedo, mas antes mesmo do cedo, ela já está lá, na sala de aula. Aproveita o silêncio para apagar o quadro, organizar as cadeiras, conectar seu *notebook* ao projetor multimídia, dispor seus papéis sobre a mesa. Os alunos demoram a chegar. Pensa: O ônibus atrasou outra vez. O sol de dezembro que incide pelas janelas basculantes eleva a temperatura da sala. Vai até uma das janelas para fechar a cortina. A vista dá para um jardim, velho conhecido seu. Faz um cálculo rápido e se dá conta que entre os anos como aluna e como professora, passaram-se quase três décadas que transita pelos corredores daquela escola. Alguns dos bancos cinzentos do jardim estão ocupados por jovens. Uns sonolentos, outros enamorados e vários hipnotizados pelas telas de seus

*smartphones*. Um grupo posa para uma *selfie*. Depois de uma varredura visual rápida e despreocupada pouso o olhar sobre o tronco volumoso de um ipê rosa. Lembra-se de uma leitura que havia feito sobre pensamento rizomático. Faz um esforço para lembrar o nome do autor, desiste. Até que abstrai tudo a sua volta e pensa: Os tempos são de visibilidades. Quase tudo e quase todos podem e querem ser vistos. E para aparecer mais, alguns desejam ser tipo uma árvore. Talvez pensar como árvore. E, sendo árvore, quase sempre só árvore, corre-se o risco de fixar-se numa crença, numa ideologia. Enquanto isso, quem se ocupa do capim? Quem se preocupa com o que é raso, rasteiro? Quem deseja descobrir as *insignificâncias do mundo e as nossas*<sup>29</sup>, como disse Manoel de Barros? Gosta da sombra, dos frutos e do aroma das árvores. Mas se encanta com o raso das flores de trevo. O trevo é erva rasteira, é capim insistente, é rizoma. É a erva-daninha que se espalha. Capim que resiste, que se infiltra, que cria brechas para nascer entre as rochas. Pergunta para si mesma: Como possibilitar a produção de um pensamento rizomático em sala de aula? Nesta sala de aula? Pondera: Será que me irão “elogiar de imbecil” como fizeram com o poeta<sup>30</sup>? Sobressalto. Crianças irrompem na sala correndo e gritando. Um menino a olha e diz: Ah, sora! Pensei que era informática! Sorri sem graça para o menino. Saúda a turma com um “bom dia” e dá início à aula.

\*\*\*

A professora do conto *Encantos rasos* trata se inquieta com os modos de existência contemporâneos, sobretudo pela hegemonia que uma forma de pensamento exerce sobre nossas vidas. A imagem de uma árvore, suas estruturas e forma de crescimento, remete a essa forma de pensar dominante. Por isso, a visão de um ipê rosa a afeta, conduzindo suas lembranças a leituras que fizera sobre o

---

<sup>29</sup> BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do infinito**. Biblioteca de Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, p. 19.

<sup>30</sup> Idem, 2013, p. 19.

*pensamento rizomático*. Envoltas nessas ideias, a professora lembra-se de trechos da obra *Poema*, na qual Manoel de Barros diz que:

A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu sei. Meu fado é o de não saber quase tudo. Sobre o nada eu tenho profundidades. Não tenho conexões com a realidade. Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas). Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado. Sou fraco para elogios<sup>31</sup>.

A professora do conto se encanta por essas insignificâncias de que fala o poeta. Não que ela despreze as árvores, mas suas afecções vêm do *raso das flores de trevo*. *E trevo é erva rasteira, é capim insistente, é rizoma. É a erva daninha que se espalha; capim que resiste, que se infiltra, faz brecha e vai nascer entre as rochas*. Mas do que se trata este pensamento rizomático?

No primeiro volume do livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Gilles Deleuze e Félix Guattari, problematizam o modo de pensamento predominante no Ocidente e propõem outra forma de pensar e de produzir a partir do pensamento: o *rizoma*<sup>32</sup>. Nas ciências biológicas, rizoma refere-se a um tipo de *ramo horizontal que nasce imediatamente abaixo da superfície*<sup>33</sup> e que possui várias ramificações, inclusive aéreas, espalhadas e emaranhadas em múltiplas direções. Esses filósofos tomam emprestado o conceito de rizoma da botânica para criarem uma forma de pensamento rizomático, inventivo, que não mais priorize a hierarquia/totalização, mas que subtraia o uno<sup>34</sup> em favor da multiplicidade. Subtrai a verdade como uma cópia da *essência*<sup>35</sup>.

No platonismo, a cópia corresponde aquilo que mais se assemelha à essência (identidade), enquanto os simulacros se distanciam em semelhança da essência<sup>36</sup>. No catolicismo, por exemplo, Deus é tomado como a essência, pois como explica Deleuze

O catecismo, tão inspirado no platonismo, familiarizou-nos com esta noção: Deus fez o homem sua imagem e semelhança, mas pelo pecado o homem perdeu a semelhança embora

<sup>31</sup> BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do infinito**. Biblioteca de Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, p. 19.

<sup>32</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995, p. 15.

<sup>33</sup> CAMPBELL, Nell. **Biologia**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 741.

<sup>34</sup> Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (2011, p. 21) referem-se ao Uno como uma dimensão superior, um eixo central a partir do qual derivariam todas as outras coisas.

<sup>35</sup> DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 259.

<sup>36</sup> Idem, 2007, p. 262.

conservasse a imagem. Tornamo-nos simulacros, perdemos a existência moral para entramos na existência estética<sup>37</sup>.

Um rizoma difere de uma árvore-raiz. Um pensamento rizomático destitui o pensamento arborescente como a única forma de pensar. Na árvore, há um eixo central, o tronco, a partir do qual nascem os galhos e dos galhos nascem as folhas. Sob o solo, o crescimento da árvore também obedece a uma estrutura: raiz pivotante, que é formada por uma raiz principal, a partir da qual surgem as raízes secundárias. *Um torna-se dois*<sup>38</sup> por dicotomia.

Essa lógica binária domina a psicanálise, a linguística, a informática<sup>39</sup>, a educação e a forma de pensar a vida. A representação impregna o pensamento ocidental de dualismos: bem-mal, certo-errado, normal-anormal, natural-artificial e por aí vai. O dualismo trata dos extremos, enquanto o rizoma se interessa pelo que está no meio, pelo que ocupa os espaços entre os extremos. O rizoma é como o *riacho sem início e nem fim, que rói as duas margens e adquire velocidade no meio*<sup>40</sup>. No pensamento rizomático a preposição “e” toma o lugar do “ou”: bom ou mau passam a ser bom e mau, isso e aquilo<sup>41</sup>.

A natureza faz rizoma todo o tempo. Há *trevo, erva rasteira, capim insistente* (como a flor de trevo que é mostrada na Figura 1), grama, orquídea e tantas outras plantas rizomáticas com suas hastes subterrâneas que se entrelaçam, se enredam, se alastram, se articulam. Hastes que deslizam uma sobre as outras, sem um eixo principal, sem começo e nem fim. Alguns animais produzem rizoma. As tocas dos ratos têm funções *de habitat, de provisão, de deslocamento, de evasão, de ruptura*<sup>42</sup>. No corpo humano há rizoma: uma rede de fibras nervosas que se espalha da cabeça aos pés. *Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore*<sup>43</sup>. Por meio de nossos vírus, fazemos rizomas entre nós e entre os outros seres vivos. Os cientistas produzem rizoma quando manipulam os genes de um organismo e os transferem

<sup>37</sup> DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 263.

<sup>38</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995, p. 13.

<sup>39</sup> Idem, 1995, p. 13.

<sup>40</sup> Idem, 1995, p. 73.

<sup>41</sup> Idem, 1995, p. 73.

<sup>42</sup> Idem., 1995, p. 15.

<sup>43</sup> Idem, 1995, p. 25.

para outro<sup>44</sup>. Existe até rizoma que pode nascer e crescer sobre uma árvore, como é o caso das orquídeas.

Os modos de existência também podem ser pensados como um rizoma. Depois de denunciar que o desequilíbrio ecológico atual decorre de danos ao ambiente físico e da deterioração dos modos de vida<sup>45</sup>, Félix Guattari propôs uma articulação das três esferas ecológicas: ambiental, social e subjetiva. A partir dessa articulação, que Guattari denomina de *ecosofia*<sup>46</sup>, seria possível a invenção de novos modos de existência, de novas maneiras de se relacionar consigo e com o mundo, algo que Guattari conceitua como *produção de singularidade*, ou *ressingularização*<sup>47</sup>.

Tanto o conceito de Ecosofia quanto o de ressingularização podem ser pensados como arranjos rizomáticos. Na perspectiva ecosófica, as três esferas ecológicas (ambiental, social e subjetiva) transitam juntas, uma deslizando sobre a outra e estabelecendo conexões. *A ecosofia exercita um olhar para o mundo sob três lentes: a ambiental, a social e a mental*<sup>48</sup>. Assim como a ecosofia, a ressingularização decorre de implicações éticas, políticas e estéticas que se entrelaçam, se entrecruzam e se alastram em várias direções, como as hastes de um rizoma.

A filosofia de Guattari alterou meu olhar sobre a natureza e sobre minha própria formação. Pensar na problemática ambiental entrelaçada com as relações sociais e subjetivas não fez parte do escopo de minha formação acadêmica em Tecnologias de Controle Ambiental. Agora, quando olho para o mundo através de “lentes teosóficas”, lentes que me fazem ver o mundo sob a óptica dos três registros ecológicos, me questiono: Controlar o quê? A natureza? É disso que necessitamos, controle? Vivemos numa *sociedade de controle*<sup>49</sup> e isso não nos imuniza, senão nos imerge ainda mais na crise contemporânea. Essas e muitas outras provocações pululam em meu corpo, me instigam a experimentar outras maneiras de pensar,

---

<sup>44</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995, p. 19.

<sup>45</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 7.

<sup>46</sup> Idem, 2012, p. 8.

<sup>47</sup> Idem, 2012, p. 15.

<sup>48</sup> Palavras proferidas pela orientadora desta pesquisa, professora Roselaine Albernaz, em reunião do grupo de pesquisa *Cuidado de si, Ecosofia e Formação de professores. Aproximações possíveis*, no dia 05 de setembro de 2016.

<sup>49</sup> DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/95340226/Artigo-Entrevista-Com-Gilles-Deleuze-O-Ato-de-Criacao>. Acesso em: 25 out 2017. p. 11.

outras formas de me constituir como professora. Talvez esses outros modos de ser se aproximem do que Guattari nomeou como ressingularização.

Diferente da árvore e da raiz que se fixam em um ponto o rizoma faz conexões nas mais diversas direções<sup>50</sup>. *Não existem pontos ou oposições num rizoma como se encontra numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas*<sup>51</sup>. O rizoma se constitui por linhas móveis, linhas de intensidades que podem ser traçadas em um mapa, que podem ser cartografadas. E sobre esse mapa, Deleuze e Guattari dizem que:

Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas direções, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes. Ele pode ser rasgado, revertido, adequar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social<sup>52</sup>.

Assim, a cartografia pode se constituir como um método de pesquisa capaz de acompanhar sistemas rizomáticos, tais como a ressingularização proposta por Guattari. Da mesma forma que as ramificações do rizoma, as entradas e as saídas da cartografia são múltiplas. O mapa da cartografia é móvel e, por vezes, pode apresentar pontos de concentração de saberes que se confundem com centros de organização<sup>53</sup>. Todavia, como Deleuze e Guattari explicam, o rizoma não tem um eixo central.

A cartografia não é um método a ser aplicado, mas, sim, a ser experimentado. Cartografar é experimentar. Entretanto, isso não implica na destituição do rigor na pesquisa cartográfica, ocorre que o rigor é ressignificado. A precisão da cartografia está mais próxima *do compromisso e do interesse como implicação na realidade, como intervenção*<sup>54</sup>, do que da exatidão. A cartografia acolhe uma ética que se dá a partir de uma escolha de quem faz pesquisa.

A ideia desta pesquisa foi acompanhar possíveis movimentos de ressingularização em minha formação como professora de meio ambiente. Nessa empreitada, me aliei à estratégia de criar contos. Por meio dos contos, inventei personagens, figuras estéticas que têm muito de mim, mas que também carregam

<sup>50</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995, p. 15.

<sup>51</sup> Idem, 1995, p. 17.

<sup>52</sup> Idem, 1995, p. 22.

<sup>53</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 10

<sup>54</sup> Idem, 2010, p. 11.

rastros de outros professores, carregam intensidades que exalaram de outros corpos que me afetaram nesse processo formativo que experimentei e que ainda experimento.

Cartografar o próprio processo de formação não reduz essa pesquisa a uma narrativa autobiográfica. Ocorre que o corpo de um cartógrafo abriga muita gente. Um *corpus* composto pelas intensidades de outros corpos: poemas, filmes, pinturas, alunos, orientador da pesquisa, colegas e professores do mestrado, coordenador e supervisor pedagógico dos cursos em que dei aula. São muitos os corpos cujas intensidades, de algum modo, me afetaram. Essas intensidades nem sempre estão relacionadas com corpos orgânicos, uma vez que os encontros que fiz com livros, obras de arte, notícias, paisagens também potencializaram a escrita desta cartografia.

Pensar no corpo do cartógrafo como um coletivo de corpos me conduz a um trecho do livro *Palomar*, de Italo Calvino. Palomar, figura estética criada pelo escritor, estava no terraço de sua casa, observando um bando de pássaros que se dispersava pairando pelo céu como um [...] *corpo em movimento por centenas e centenas de corpos separados, mas cujo conjunto constitui um objeto unitário. Como uma nuvem ou uma coluna de fumo ou um repuxo, algo que embora seja fluído adquire solidez na forma*<sup>55</sup>. O corpo do cartógrafo é como um corpo em movimento composto pelas intensidades de inúmeros outros corpos, um corpo fluído que tenta ganhar forma no traçado de um mapa cartográfico.

Sou cartógrafa e também sou professora. Mas me tornei professora não por uma formação acadêmica, mas por meio das aulas de meio ambiente que ministrei. E seria somente a academia capaz de tornar alguém professor? Talvez possam existir outros tipos de formação. Não se trata de desvalorizar a formação acadêmica, mas de pensar numa outra formação. Uma formação que faça *brechas para nascer entre as rochas*, como diz a personagem do conto *Encantos rasos*.

Interessa-me uma formação que possa se dar nesse emaranhado de forças, nas experimentações que fiz e que ainda faço. Uma formação que se distancie de uma formação mais tradicional. Trago aqui algumas questões que me provocaram: **Que pensamentos podem ser criados sobre a formação de um professor a partir de suas experimentações com a filosofia, com a arte e com a educação?**

---

<sup>55</sup> CALVINO, Italo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 59.

**Que singularidades podem ser produzidas a partir das experimentações de um professor que cartografa sua própria formação?** Para além de respostas, esta pesquisa se propôs a problematizar, a exercitar um pensamento acerca dos modos de ser-fazer professorais.

## 2.1 Cartógrafo: devorando e desovando matérias de expressão

A cartografia se constitui como uma *pesquisa-intervenção*<sup>56</sup>, ocorre sem que haja uma separação entre o conhecer e o fazer, entre o sujeito (pesquisador) e o objeto (pesquisado). A cartografia se faz sem distanciamentos, uma vez que, nela, o cartógrafo mergulha na experiência individual e coletiva dos envolvidos com a pesquisa. A experiência, suporte da cartografia, é um saber-fazer, um *saber que vem, que emerge do fazer*<sup>57</sup>. Assim, não poderia o cartógrafo estar separado daquilo que por ele é cartografado, pois ele mesmo experimenta a cartografia enquanto a produz. Por isso, o cartógrafo é, também, um corpo no fluxo do mapa por ele desenhado. Um cartógrafo que abriga em seu corpo um *corpus* de figuras estéticas que também compõem o movimento da pesquisa em forma de contos.

Não somente as experiências em sala de aula foram aqui cartografadas. Mergulhei, também, nas experiências como aluna do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias do Instituto Federal Sul-rio-grandense (MPET), como membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (Experimenta), como indivíduo contemporâneo que vive uma crise multifacetada, como corpo que desejava e deseja inventar novos modos de existência e em outras experiências que foram surgindo ao longo da pesquisa. Afinal, não há como prever uma experiência.

O mergulho que faz o cartógrafo nas experiências que emanam do processo por ele acompanhado e vivido requer a sua atenção. Mas não se trata de qualquer tipo de atenção. A atenção do cartógrafo está mais próxima do *estar à espreita*<sup>58</sup>,

<sup>56</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 19.

<sup>57</sup> Idem, 2010, p. 19.

<sup>58</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

ideia que Deleuze traz em seu abecedário, do que de uma significação tradicional que remeteria à focalização<sup>59</sup>. E sobre estar à espreita Deleuze diz:

O escritor está à espreita, o filósofo está à espreita. É evidente que estamos à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo. Ele come, deve vigiar se não há alguém atrás dele, se acontece algo atrás dele, a seu lado. É terrível essa existência à espreita<sup>60</sup>.

O animal não domesticado, o escritor, o filósofo e também o cartógrafo precisam manter-se em constante vigília, de maneira que aquilo que possa *dar língua*<sup>61</sup> à experiência não escape por entre seus dedos. Passos, Kastrup e Éscossia destacam a importância do uso de uma *atenção flutuante*<sup>62</sup> no trabalho do cartógrafo, ou seja, uma atenção a-focalizada e a-seletiva. O cartógrafo busca *o que é menor, aquilo que agita um estado das coisas, faz problema, desse modo, ouvidos narizes, bocas e mãos se põem a vasculhar um acontecimento*<sup>63</sup>. Buscar o que é menor, encantar-se pelo raso como faz a personagem do conto *Encantos rasos*. Assim, há um envolvimento das diversas modalidades sensoriais (audição, visão, tato e olfato) na atenção, no corpo do cartógrafo. É na carne que o cartógrafo experimenta a cartografia ou, nas palavras da psicanalista e ensaísta Suely Rolnik: *Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua*<sup>64</sup>.

E quais são os materiais usados pelo cartógrafo? A heterogeneidade dos rizomas possibilita que o cartógrafo utilize artefatos de variadas origens em sua pesquisa. Sobre essa possibilidade Rolnik acrescenta que o cartógrafo

Não tem o menor racismo de frequência, de linguagem, de estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso, o cartógrafo se utiliza de fontes mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas<sup>65</sup>.

<sup>59</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; , Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 33.

<sup>60</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>61</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014, p. 66.

<sup>62</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 35.

<sup>63</sup> FONSECA, Tânia Mara Celli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCIN, Cleci (org.). **Pesquisar a diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 45.

<sup>64</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014, p. 66.

<sup>65</sup> Idem, 2014, p.65.

Rolnik se refere ao cartógrafo como um *antropófago*, pois ele *vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar*<sup>66</sup> todo o material que possa favorecer a sua cartografia. O cartógrafo “alimenta-se” de tudo o que possa incrementar a sua potência de cartografar. É desejo do cartógrafo fazer experiências com o que possa potencializar seu corpo: um livro, um filme, uma música, uma poesia, uma notícia, a fala e o silêncio de alguém, um dia de sol e uma tempestade... Até mesmo um encontro com o *tronco de um ipê rosa* ou a lembrança de uma *flor de trevo*, como ocorreu com a professora do conto *Encantos rasos*, podem afetar o cartógrafo e *dar língua*<sup>67</sup> a sua pesquisa.

Na cartografia, o pesquisador necessita *habitar um território existencial*<sup>68</sup>. O território existencial é mais do que um ponto estático que possa ser localizado em um mapa, pois trata-se de um ambiente vivo, móvel, sujeito a modificações por estar sempre em contato com outros territórios também em movimento<sup>69</sup>. Habitar esses territórios exige do cartógrafo uma abertura engajada, um deixar-se impregnar, um colocar-se ao lado, um estar disposto a encontrar o que não procurava ou deixar-se ser encontrado. Só assim, poderá o cartógrafo construir um “saber com” e não um “saber sobre” o aquilo que é por ele pesquisado<sup>70</sup>.

Dizer que o cartógrafo desta pesquisa acompanhou possíveis movimentos de ressingularização de um professor não significa que o território existencial foi a sala de aula. A formação de um professor não se restringe a uma formação acadêmica nem ao exercício da docência, ela também se dá nas relações que o professor estabelece consigo e com o mundo. Logo, os territórios existenciais habitados por um professor estão além dos muros da escola ou de qualquer outro espaço físico delimitado.

A cartografia não pretende explicar algo, o cartógrafo não se interessa pelo “porquê”. O cartógrafo quebra o “porquê” em fragmentos tão diminutos que ele se

---

<sup>66</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014, p. 65.

<sup>67</sup> Idem, 2014, 2014, p.65.

<sup>68</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 131.

<sup>69</sup> MACERATA, Iacã; SOARES, José Guilherme Neves; RAMOS, Júlia Florêncio Carvalho. Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção básica a rua. **Interface**. Botucatu, n.1, p. 19-930, jan. 2014, p. 922.

<sup>70</sup> PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010, p. 137

torna pequeninas partículas de “como”. O “como” é um pequeno “porquê”, tão apequenado em sua medida, que já não mede nada além da singularidade daquele evento<sup>71</sup>. O “como” não tenta explicar um evento e nem dar razão para acontecimentos do passado ou do futuro<sup>72</sup>. Além disso, o “como” se ocupa do que é fugaz, inútil, *das insignificâncias de mundo e das nossas*<sup>73</sup>, do que é mutável, *pois, lhe interessam as grandezas para além do tempo*<sup>74</sup>.

É na escrita que a pesquisa cartográfica ganha movimento. A escrita é o sopro de vida da cartografia. E a voz de Clarice Lispector vem sussurrar em meu corpo: *Não, não é fácil escrever. É duro como rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados*<sup>75</sup>. Numa cartografia, escrever não é o mesmo que descrever. A cartografia ganha força na criação e na evocação de mundos, pois o cartógrafo [...] *fabula, pinta, borda mundos. Não descreve mundos preexistentes, sugere a invenção de novos mundos*<sup>76</sup>. Como estratégia para criação de novos mundos, por meio da escrita, escolhi a invenção de contos.

## 2.2 Tudo o que não invento é falso: criando contos

Entre os anos de 2013 e 2016, trabalhei como professora de meio ambiente em um projeto de capacitação chamado *Programa Mulheres Mil*<sup>77</sup>, e em um projeto de extensão, intitulado *Acolhendo e Educando*<sup>78</sup> ambos realizados pelo

---

<sup>71</sup> FONSECA, Tânia Mara Celli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCIN, Cleci (org.). **Pesquisar a diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 46.

<sup>72</sup> Idem, 2015, p. 46.

<sup>73</sup> BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do infinito**. Biblioteca de Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, p. 19.

<sup>74</sup> FONSECA, Tânia Mara Celli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCIN, Cleci (org.). **Pesquisar a diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, p. 46.

<sup>75</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 19.

<sup>76</sup> OLIVEIRA, Tiago Rannery Oliveira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, danças, desenhos: cartografia com método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**: Campinas. v. 23, n. 3, out-dez 2012, p. 178.

<sup>77</sup> Programa destinado a capacitação profissional de mulheres, criado pelo governo brasileiro através da Portaria nº 1.015 de 21 de julho de 2011. No ano de 2013, trabalhei dando aulas de meio ambiente no Câmpus Pelotas do IFSul, em duas turmas com aproximadamente 15 alunas cada, numa carga horária total de 80h. No ano de 2015, ainda como professora de meio ambiente, trabalhei com aproximadamente 20 cursistas deste programa no referido câmpus, completando uma carga horária de 40h.

<sup>78</sup> Projeto de extensão desenvolvido no Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Pelotas para capacitação de crianças e adolescentes que vivem em abrigos e orfanatos na cidade de Pelotas. Em 2016, ministrei aulas de meio ambiente para duas turmas (carga horária total igual a 384h), com cerca de 10 alunos cada, neste projeto de extensão.

Câmpus Pelotas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Em 2017, esses cursos foram descontinuados em virtude da redução de investimentos do governo federal na área da educação. A interrupção desses cursos, impossibilitou as intervenções de campo que haviam sido inicialmente desejadas para esta cartografia. Talvez haja mais desvios, idas e vindas, ziguezagues e menos trechos retilíneos num percurso cartográfico.

O desafio de repensar os caminhos da pesquisa me remeteu aos primeiros passos dessa empreitada. Ingressei no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do IFSul, na condição de aluna especial, no ano de 2015, quando cursei os seminários *Práticas de si e outras artes* e *As três ecologias: formação e contemporaneidade*. Nesses encontros com a arte e a filosofia, aconteceu algo muito distinto do que eu havia vivenciado até então. Fui fisgada pelas filosofias da diferença! E, assim como a personagem do conto *Encantos raso*, comecei a me indagar: *Como possibilitar a produção de um pensamento rizomático em sala de aula?*

A partir dali algumas das ideias de Deleuze, de Foucault e de Guattari passaram a compor as aulas que inventava. Nessas aulas, por exemplo, não discutíamos apenas os efeitos deletérios da poluição sobre a saúde do homem, mas debatíamos sobre tensões sociais e comportamentais que deterioram nossos modos de vida. Em algumas dessas aulas, além das conversações, meus alunos produziam textos ou desenhos acerca do que havíamos discutido. Mais tarde, na condição de aluna regular do curso do MPET e como cartógrafa, me interessava resgatar essas produções para, a partir delas, tentar traçar algumas experimentações num mapa cartográfico. Assim, esta pesquisa também foi nutrida pelos efeitos que reverberaram em meu corpo no reencontro com materiais produzidos por meus alunos.

Algumas indagações foram se apropriando de meu corpo cartógrafo no encontro com essas escritas e desenhos. Forças que evolavam do meu corpo cartógrafo a partir daqueles encontros. Que pensamentos acerca das minhas experiências poderiam ser criados a partir dessas forças? Mais do que relatos ou opiniões, algumas das produções feitas por meus alunos poderiam se constituir como matéria para a criação de pensamento. Crias-pensamentos surgiram das afecções provocadas pela leitura daquele material. Para dar conta dessas afecções,

bem como daquelas que surgiram nas experimentações que fiz e que faço com a arte e com a filosofia, escolhi como estratégia a criação de contos.

Do latim *Commpuntum* que significa cálculo, enumeração, cômputo, o termo conto passou a designar a enumeração de fatos e, por consequência, a narração de ações reais ou fictícias. Entre os gêneros literários, o conto se caracteriza por ser, em geral, uma narrativa curta. Assim como a novela, o conto apresenta os seguintes elementos: personagens, ação, tempo e espaço. Contudo, num conto, o número de personagens e o tempo é bastante reduzido<sup>79</sup>.

A escolha pelos contos fez com que realidade e ficção se fundissem e se confundissem na pesquisa, pois como diz Manoel de Barros, *tudo o que não invento é falso*<sup>80</sup>. Assim, a escrita da pesquisa transcorreu como se o cartógrafo deslizesse sobre uma Fita de Moébius, habitando o mundo exterior e, ao mesmo tempo, se infiltrando num mundo interior; percorrendo teorias filosóficas no mesmo instante em que produzia ficção e arte. Os contos podem conter algo sobre as afecções do cartógrafo. Ficção e realidade. Quão vívidos podem ser os personagens criados em um conto? Esse misto entre real e imaginário faz lembrar os escritos de Fernando Pessoa, quando o poeta, pela voz de um de seus heterônimos, diz:

As figuras imaginárias têm mais relevo e verdade que as reais. O meu mundo imaginário foi sempre o único mundo verdadeiro para mim. Nunca tive amores tão reais, tão cheios de verve, de sangue e de vida como os que tive com as figuras que eu próprio criei [...]<sup>81</sup>.

No livro, *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, Rolnik ressalta que o cartógrafo não segue um protocolo normatizado. Isso porque ele deve inventar seus procedimentos em função do contexto que ele encontra no campo de pesquisa<sup>82</sup>. Mesmo sem haver um protocolo a ser seguido, o cartógrafo tem um compromisso, ou como diz a autora, uma *regra de ouro* que é: *ele sempre*

---

<sup>79</sup> D'ADDARIO, Miguel. **Como escrever seus próprios contos**: técnicas e exercícios práticos. 3 ed. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=PZskDwAAQBAJ&pg=PT49&dq=g%C3%AAneros+liter%C3%A1rios+%2B+contos&hl=ptBR&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q=g%C3%AAneros%20liter%C3%A1rios%20%2B%20contos&f=false](https://books.google.com.br/books?id=PZskDwAAQBAJ&pg=PT49&dq=g%C3%AAneros+liter%C3%A1rios+%2B+contos&hl=ptBR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=g%C3%AAneros%20liter%C3%A1rios%20%2B%20contos&f=false). Acesso em: 29 mai. 2017.

<sup>80</sup> BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Biblioteca de Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013, p. 43.

<sup>81</sup> PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 380.

<sup>82</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014, p. 66.

*avalia o quanto as defesas que estão sendo usadas servem ou não para proteger a vida*<sup>83</sup>. O compromisso do cartógrafo é com a vida.

Os dois cursos em que trabalhei como professora tinham como público-alvo grupos considerados em situação de “vulnerabilidade social”, designação que requer certo cuidado. Em sua tese de doutoramento, Arrison Gonçalves problematiza o “vulnerável” como um enunciado produzido em Projetos Sociais Esportivos (PSE). Segundo o autor o “vulnerável” como um sujeito à margem de condições geográficas e existenciais, seria um pré-requisito para o funcionamento dos PSE. Esse estereótipo seria construído a partir de uma virtualidade, de um potencial que teria o “vulnerável” de causar desordem social (envolvimento com drogas, prostituição, criminalidade, etc.) caso não houvesse uma intervenção, como as que são propostas pelos PSE<sup>84</sup>.

Independentemente do que a “vulnerabilidade” possa designar no *Programa Mulheres Mil* ou no *Acolhendo e Educando*, preservar no anonimato o nome dos alunos é imprescindível. Necessita de uma atitude ética de quem faz pesquisa. Nos contos que criei, as vozes desses alunos se confundem com a voz do professor ou com a voz de outros personagens. Não se deve e nem se quer identificar esses alunos. Primeiro, porque é o compromisso do cartógrafo preservar a vida e, segundo, porque a cartografia não se interessa pelo identitário, pelo uno, senão pela multiplicidade. Importam as intensidades que potencializam a pesquisa, não o nome de quem as empresta.

Os personagens criados nos contos são como as *figuras estéticas*, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari ao discorrerem sobre os *personagens conceituais*<sup>85</sup>. Segundos os autores, a filosofia faz viver os personagens conceituais, uma vez que eles pertencem ao plano que o filósofo traça e aos conceitos que ele cria<sup>86</sup>. Esses personagens são agentes de enunciação; por meio deles, o filósofo fala em terceira pessoa, escapando do identitário, da representação. *Na enunciação*

<sup>83</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014., p. 68

<sup>84</sup> GONÇALVES, Arrison Vinícius Landgraf. **Terra que no se conoce: Paisaje sin nombre: Quem são os vulneráveis dos projetos sociais esportivos?** 2016. 185f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde). Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2016, p. 94-157.

<sup>85</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 83.

<sup>86</sup> Idem, 2007, p. 86.

*filosófica, não se faz algo dizendo-o, mas se faz o movimento pensando-o por intermédio de um personagem conceitual*<sup>87</sup>.

Nem sempre um personagem conceitual é nomeado, por vezes, os filósofos só os fazem aparecer por alusão. Um personagem conceitual não se confunde com o filósofo, pois o *filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia*<sup>88</sup>. O personagem conceitual não representa seu criador, mas o faz transformado, como escrevem os autores:

O rosto e o corpo dos filósofos abrigam estes personagens que lhes dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos. As anedotas vitais contam a relação de um personagem conceitual com animais, plantas ou rochedos, relação segundo a qual o próprio filósofo se torna algo de inesperado, e adquire uma amplitude trágica e cômica que ele não teria sozinho. Nós, filósofos, é por nossos personagens que nos tornamos sempre outra coisa, e que renascemos como jardim público ou zoológico<sup>89</sup>.

Enquanto os personagens conceituais são potências de conceitos, as figuras estéticas são potências de *afectos e perceptos*<sup>90</sup>. Os personagens conceituais e as figuras estéticas atuam em planos diferentes: o primeiro, sobre um plano de imanência do pensamento; o segundo, sobre um plano de composição; o primeiro, refere-se à filosofia e, o segundo, à arte. A arte pensa tanto quanto a filosofia, porém, por meios distintos. As figuras estéticas *são a condição sob a qual as artes produzem afectos de pedra e de metal, de cordas e de ventos, de linhas e de cores, sobre um plano de composição do universo*<sup>91</sup>.

Operar em planos diferentes não significa que os personagens conceituais estejam isolados das figuras estéticas, pelo contrário há momentos em que eles passam um pelo outro, produzindo bifurcações ou substituições. Ocorre que um conceito pode ser um conceito de afecto, assim como um afecto pode ser um afecto de conceito. *O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro*<sup>92</sup>.

Nas figuras estéticas que fiz viver, por meio dos contos, tentei articular a filosofia e a arte. A trama que foi se construindo dessas aproximações possibilitou a

<sup>87</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 87.

<sup>88</sup> Idem, 2007, p. 85.

<sup>89</sup> Idem, 2007, p. 97.

<sup>90</sup> Idem, 2007, p. 213.

<sup>91</sup> Idem, 2007, p. 88.

<sup>92</sup> Idem, 2007, p. 89.

produção de um pensamento acerca da formação de professores. Uma formação que já não se refere apenas aos meus modos de ser professor, senão à existência de qualquer outro sujeito que possa ser atravessado por essa escrita. E, mais uma vez, as palavras de Fernando Pessoa ecoam em meu pensamento: *Tanto me exteriorizei dentro de mim que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena viva de vários atores representando várias peças*<sup>93</sup>. Que os mundos inventados nesses contos possam romper com identitário, de maneira que não tenha nenhuma importância dizer ou não dizer “eu”, uma vez que neles me tornei muitos.

Em seu texto *Na Oficina de Foucault*, Alfredo Veiga-Neto diz que fazer um estudo foucaultiano pode significar *tomar no todo ou simplesmente em pedaços as ferramentas conceituais do filósofo que possam ser úteis para o nosso trabalho ou, até mesmo, respirarmos cuidadosamente a atmosfera que envolve sua oficina*<sup>94</sup>. Assim como sugere o autor, no próximo capítulo, entro na oficina de Foucault para fazer uso de suas ferramentas, especialmente aquelas que se referem às relações entre poder e corpo que foram sendo estabelecidas ao longo da história. Com isso, tento “pôr em marcha” um pensamento sobre como tais relações reverberam até hoje nos modos de ser e de fazer de um professor. Alio-me, também, aos contos *Travessia*, *Estrelas Cadentes* e *Carta Anônima* para problematizar essas relações de poder que envolvem o corpo e também para pensar o corpo como potência.

---

<sup>93</sup> PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 11.

<sup>94</sup> VEIGA-NETO, Alfredo. **Na oficina de Foucault**. Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/Na%20oficina%20de%20Foucault%20-%20Editorado%20Final%20-%20dez%2006.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017, p. 4.

### 3 Travessias de um CORPO em formação

Já passava da uma e meia da tarde. Eu acelerava o passo para chegar a tempo. Era uma segunda-feira ensolarada. No céu, as nuvens pareciam finos fios de algodão. Um vento leve acariciava-me o rosto e desalinava meus cabelos. Clima típico do veranico de maio. Eu estava quase em frente à antiga Estação Férrea de Pelotas, no Largo de Portugal. O fluxo de carros, motos e ônibus era intenso naquele início de tarde. Tive que interromper a caminhada antes de atravessar a rua. Nessa pausa, que não deve ter durado mais do que uma fração de segundos, senti como se meu corpo fosse invadido pelos sons, odores e sabores daquela paisagem. Já havia estado ali tantas outras vezes sem que nada, porém, me acontecesse. Estranhei aquelas sensações. Retomei o passo. Avancei uma ou duas quadras sem, no entanto, deixar as inquietações para trás. Assim que pude, escrevi algumas linhas sobre aquelas sensações em meu diário de campo. Porém, nada daquilo parecia fazer muito sentido. Só depois de algum tempo, fui capaz de transformar aqueles desassossegos em matéria de criação, em insumo para invenção de um conto.

#### Travessia

Segue. Anda apressada pela rua a caminho do cotidiano. O pensamento preso no trabalho, nos estudos, nas coisas da casa... Foca a atenção para poder atravessar a rua. Corre o olhar embaralhado e sonolento pela paisagem. Pausa: Respira um sol tímido que aquece a pele. Ouve som de pássaroquecanta-motorqueronca-carroquebuzina<sup>95</sup>. Sente uma raiz robusta de árvore que rasga a calçada. Ouve brisa de outono impregnada de fuligem. Retoma. Tudo passa através de seu corpo num *movimento peristáltico*<sup>96</sup> fora de seu controle. Parece acompanhar o passo. Ou será que acompanha o pulso? Percebe que atravessa o mundo,

---

<sup>95</sup> As palavras são escritas sem espaçamento para dar a ideia de um som único que se compõem com os outros sons, separados por hífen.

<sup>96</sup> DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 124.

no mesmo instante em que o mundo a atravessa. Acelera. Os ponteiros também atravessam o relógio. Quase não há tempo! Logo fará a travessia de sempre, deslocamento de casa para o trabalho. O mesmo percurso, a mesma direção, o mesmo sentido de todos os outros dias. Todos os dias são quase iguais.

Segue. Embarca no trem do mesmo modo que fez ontem, anteontem, trasanteontem... Equilibra-se como pode. O peso da mochila quase equivale à massa de seu corpo franzino, esquelético. O corpo parece *não aguentar mais*<sup>97</sup>. Acomoda tudo isso, corpo e bagagem, nos assentos rígidos e gelados. Num movimento circular, desliza a mão sobre a janela embaçada. Está frio lá fora. Dissimula uma atenção pela paisagem. Encena para si mesma, pois parece que todos ali sabem bem o seu itinerário diário. Pausa. Embalada pelo ruído metálico do atrito entre o trem e os trilhos, pensa sobre o que acontecera enquanto atravessava a rua. Embora os dias pareçam os mesmos, hoje havia algo diferente, algo que não consegue codificar, algo que ainda ignora. Sente-se encolher, murchar, diminuir diante daquilo que não sabe. Logo ela que sabe tantas coisas! Sempre tirava boas notas em química, física, biologia... Talvez apenas pense que saiba, pois agora mesmo, não é capaz de dar sentido às suas sensações. Se antes já se sentia pequena, pensar que sabe menos do que pensava saber a reduz mais ainda. A sensação era que seu corpo acabava de diminuir a proporções nano, quase uma poeira cósmica. Para se sentir melhor, opta por ignorar que ignora.

Segue. Ainda no trem, abre a mochila e dela retira um robusto livro de capa dura e, talvez, de textos "duros", com o título "Práticas de controle ambiental". Ah! Terreno firme! Isso lhe devolverá o tamanho normal, quem sabe até o corpo ficará maior? Lembra-se de uma frase que seu pai dizia: "Se a ignorância apequena, decerto a sabedoria engrandece".

---

<sup>97</sup> No livro *Vida Capital: ensaios de biopolítica* (2003, p.45), Peter Pál Perlbart discorre sobre a ideia do "corpo que não aguenta mais".

Seleciona o capítulo "Controle da poluição" e se depara com a imagem de um desastre ambiental. Um rio coberto por peixes asfixiados, intoxicados por substâncias que foram despejadas em seu ambiente. Fixa o olhar na imagem, mas o pensamento se move. Pausa. Vê névoa de intolerância que sufoca. Respira racismo que incendeia a pele. Tateia som de máquina que modela corpos. Ouve frieza de gente que escraviza gente. Retoma. A travessia se refez. As coisas do mundo mais uma vez lhe atravessaram. Sente-se asfixiada como os peixes da imagem. Questiona: Que venenos meu corpo produz e lança no ambiente, podendo intoxicar a mim e ao outro? O que há de ser controlado, o ambiente ou nossos venenos?

Para. O trem freia. A travessia terminou, mas só para aqueles que ainda pensam que todos os dias são iguais. Segue. Guarda rapidamente o livro na mochila. Ergue lentamente o corpo amassado. Respira fundo para recuperar o fôlego. Acomoda o peso do conhecimento nas costas. Sente-se meio que como Atlas, personagem da mitologia grega que carrega o mundo em suas costas. Sente como se a ignorância latejasse na cabeça. Ou será que circula em todo o corpo, da cabeça aos pés, um misto de saber e não saber? Acelera. Não há mais tempo! Num passo apressado retoma o cotidiano, mesmo sabendo que o hoje não foi igual ao ontem. E o amanhã, sabe-se lá o que será.

Segue. Retorna para casa. Pausa. Precisa contar as bizarrices daquele dia, mas não há para quem contar. Não há quem possa entender. Dirão que está louca. Que estudou demais, por isso "pirou" de vez... Mas precisa contar logo, senão sufoca. Acelera. Com um traçado impaciente, quase ilegível, verte para as folhas de um caderno qualquer aquelas inquietações.

\*\*\*

A partir de fragmentos do conto *Travessia*, neste capítulo tento problematizar o corpo na contemporaneidade, sempre atentado sobre a influência que essas questões podem exercer sobre a formação de um professor. Para tanto, estabeleço

interlocuções entre referenciais filosóficos, artefatos artísticos, este conto e outros que crio ao longo deste capítulo.

Há quem diga que as discussões sobre o corpo foram retomadas apenas recentemente, que o corpo foi esquecido por muito tempo<sup>98</sup>. Contudo, embora o cristianismo, por meio de sua exegese<sup>99</sup>, tenha trabalhado fortemente na renúncia da carne<sup>100</sup>, a herança teórica deixada por alguns filósofos demonstra que as questões do corpo jamais foram esquecidas.

Platão e René Descartes relegaram o corpo e o sensível para um segundo plano. Já Baruch Espinosa dedicou-se a pensar no corpo como potência, sendo que aqui a ideia de corpo ultrapassa o biológico. Mais recentemente, os estudos de Foucault e de outros filósofos contemporâneos problematizaram o corpo como um objeto de poder.

Não se pode negar a subjugação da potência de um corpo disciplinado, nem as tentativas de anulação ou de controle dos corpos que marcaram períodos históricos e que ainda fazem parte dos nossos modos de vida. Por isso, há de se questionar: O que pode um corpo? Que forças podem emanar de um corpo orgânico, mas também de um corpo que esteja para além de qualquer tipo de organicidade? Um corpo artista, um corpo paisagem, um corpo obra de arte, um corpo natureza, um corpo talvez intensivo? E um corpo de professores em transformação? Como pensar num corpo como potência?

No século V a.C., Platão teorizou que o corpo estaria separado do pensamento, ou seja, que haveria uma disjunção entre o sensível e o inteligível. Mais tarde, no século XVII, Descartes corroborou com as ideias de Platão, afirmando que o corpo era independente da alma<sup>101</sup>. Entender as forças que abalam os corpos é algo que interessa a esta pesquisa. Forças como aquelas que passaram pelo corpo da personagem do conto *Travessia*. *Essas forças que passam através do corpo num movimento peristáltico* e que deixam nele algumas marcas: a desordem, o desassossego, o estranhamento. Todavia, não há como dualizar este estranhamento da personagem. Não se pode julgar se essa desordem de seu corpo

<sup>98</sup> GREINER, Christiane. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005, p. 15.

<sup>99</sup> A exegese cristã refere-se a leitura e interpretação dos Textos Sagrados.

<sup>100</sup> FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso do *Collège de France* (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora MF Martins Fontes, 2010, p. 229.

<sup>101</sup> Trecho do episódio “*O que pode um corpo?*” apresentado pela poetisa e filósofa brasileira Viviane Mosé no programa Café Filosófico da TV Cultura.

afetado é boa ou ruim. Interessa o que está entre. Para olhar um pouco mais de perto essas questões, debruço-me sobre os estudos de Foucault, de Espinosa, de Deleuze, de Guattari e de seus intercessores.

### 3.1 *Corpus*: da disciplina ao pós-orgânico

Durante a década de 60, Foucault esteve na Tunísia e na Polônia. Nesses dois países, o filósofo testemunhou episódios de violência e repressão da polícia contra estudantes que se opunham ao governo. Em entrevista com Roger Pol-Doit, Foucault diz ter ficado obcecado por esses momentos e, por isso, se dedicado a estudar o problema das relações entre o poder e o corpo. Ainda nessa entrevista, o pensador francês declara que

Nos silêncios e nos gestos cotidianos de um polonês que sabe que é vigiado, que espera estar na rua para lhe dizer alguma coisa, porque sabe muito bem que no apartamento de um estrangeiro há microfones por toda a parte, na maneira pela qual se baixa a voz quando se está num restaurante, na maneira pela qual se queima uma carta, enfim, em todos esses pequenos gestos sufocantes tanto quanto na violência crua e selvagem da polícia tunisiana se abatendo sobre uma faculdade, atravessei uma espécie de experiência física do poder, das relações entre corpo e poder<sup>102</sup>.

Investidas repressivas, como as que afetaram Foucault, contra estudantes que se opõem ao governo foram recentemente vivenciadas no Brasil. Em outubro de 2016, mais de mil instituições de ensino brasileiras, inclusive o Câmpus Pelotas do IFSul, foram ocupadas por estudantes em protesto ao descaso do governo federal com a educação. No período das ocupações, participantes do movimento estudantil, batizado como *Ocupa*, denunciaram, nas redes sociais, ameaças e agressões. No Paraná, onde as ocupações foram mais intensas (cerca de 850 escolas ocupadas), um estudante de 16 anos, membro do *Ocupa*, foi assassinado<sup>103</sup>. Passam os séculos, mudam os atores e os cenários, mas o corpo permanece como alvo de dominação e opressão.

Outro destaque a ser feito na fala de Foucault sobre os anos em que viveu na Tunísia e na Polônia refere-se ao tipo de espionagem daquela época. Se no passado os ditos “insurgentes” temiam microfones que pudessem estar camuflados em determinados locais, hoje o controle sobre os corpos é bem menos dissimulado.

<sup>102</sup> POL-DROIY, Roger. **Michel Foucault**: entrevistas. São Paulo: Graal, 2006, p; 89.

<sup>103</sup> BLUME, Bruno André. **Ocupações das escolas: entenda**. Disponível em: <http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>. Acesso em: 05 de jun. de 2017.

Câmeras, celulares, computadores, tablets e tantas outras parafernalias portáteis estão, literalmente, à mão daqueles que desejam exercer algum tipo de vigia sobre outros corpos. Na contemporaneidade, o *panóptico*<sup>104</sup> ganhou ares tecnológicos!

É no chamado segundo domínio de suas pesquisas que Foucault se lança na empreitada de entender como *os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de um intrincado processo de objetivação que se dá no interior das redes de poderes, que capturam, separam e classificam*<sup>105</sup>. Nessa fase, o filósofo descreve em suas obras que entre o Antigo e o Novo Regime<sup>106</sup>, no âmbito das *instituições sequestro* (prisões, hospitais, manicômios, escolas, etc.), práticas como o suplício, os castigos e a violência corporal foram substituídas pela disciplinarização e pela docilização dos corpos. Mas não foi por acaso que tais práticas mudaram. Percebeu-se que disciplinar era mais econômico do que torturar. Enquanto o terror mutilava e aniquilava, a disciplina e a docilização tornavam os corpos aptos para o trabalho<sup>107</sup>.

Em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, Foucault descreve que, à época clássica, o corpo foi tomado como um objeto de poder. Já nesse período, é possível encontrar sinais de uma atenção dedicada à manipulação, à modelação, ao treinamento dos corpos, com o intuito de torná-los obedientes e hábeis. A obra *O homem máquina*, escrita pelo médico e filósofo francês La Metrie, em 1748, já trazia, concomitantemente, temas sobre anatomia e regulamentos destinados ao adestramento de corpos em escolas, quartéis, hospitais, etc. *É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado, que pode ser aperfeiçoado*<sup>108</sup>. Os autômatos eram mais do que ilustrações do organismo humano, eram *bonecos políticos, modelos reduzidos de poder*<sup>109</sup>.

Antes mesmo do século XVIII, o corpo já era objeto de investimento. Em muitas sociedades se impôs e ainda se impõem sobre o corpo limitações e obrigações. O que aparece de novo, a partir deste século, é o controle *minucioso*

---

<sup>104</sup> Termo criado pelo inglês Jeremy Bentham, em 1785, para designar estruturas arquitetônicas que permitem um único vigilante ver sem ser visto. Em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, Foucault fala do dispositivo panóptico como instrumento de controle utilizado pelas instituições sequestro.

<sup>105</sup> VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 55.

<sup>106</sup> O Antigo Regime corresponde ao sistema político e social que vigorou na França a partir do final da Idade Média até a Revolução Francesa (1789), e o Novo Regime, que corresponde a Modernidade é o sistema que o sucede.

<sup>107</sup> VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 65.

<sup>108</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 118.

<sup>109</sup> Idem, 2010, p. 132.

das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade<sup>110</sup>, corpos disciplinados e dóceis. Diferentemente de processos disciplinares anteriores a este século, como aqueles aplicados na escravidão, na vassalidade e na domesticidade, nessa nova técnica, os corpos eram tão mais úteis quanto mais obedientes se tornassem<sup>111</sup>. A partir da disciplina,

Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo faz dele por um lado, uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita<sup>112</sup> [grifos do autor].

A produção de corpos dóceis e úteis por meio da disciplina. Mas que utilidade é essa? Útil para o que e para quem? Desde o início da Modernidade até os dias atuais, a lógica utilitarista é ditada pelo capital. Guattari chama esse sistema de *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI)<sup>113</sup>. Para o CMI, é útil apenas aquilo do qual se pode extrair algum lucro, alguma vantagem econômica. Nele, a utilidade das coisas é mensurada quali ou quantitativamente. Os versos do poema *Sobre importâncias*, criado por Manoel de Barros, me remetem a outra lógica de valorização do mundo; uma lógica que talvez se aproxime de uma ressingularização.

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança, nem com barômetro etc. **Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.** Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel (veja que só um dente de macaco!). Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Formula 1. **Há um desagero em mim de aceitar essas medidas.** Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar

<sup>110</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 118.

<sup>110</sup> Idem, 2010, p. 133.

<sup>111</sup> Idem, 2010, p. 133.

<sup>112</sup> Idem, 2010, p. 113.

<sup>113</sup> Denominação que o filósofo Félix Guattari dá ao neocapitalismo.

que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos<sup>114</sup> [grifos meus].

Por vezes, sinto que há em mim um pouco desse *desagero*<sup>115</sup> de que fala o poeta. Enquanto teço a trama que constitui esta pesquisa, recolho e acolho tantas intensidades, tantas coisas que, aos olhos de outros, podem parecer inúteis. Talvez esse *defeito da alma ou da razão*<sup>116</sup> que acomete o poeta também tenha se abatido sobre o meu corpo-cartógrafa.

Em algumas instituições, como a escola, ainda vigoram práticas de docilização dos corpos desenvolvidas no século XVIII. Em geral, a organização dos estudantes em filas, a disposição de suas cadeiras e de suas mesas nas salas de aula, os olhares vigilantes sobre seus corpos, são alguns exemplos de técnicas disciplinares aplicadas desde o século XVIII.

Não é só o corpo do estudante, todavia, que ainda permanece sob o domínio do poder disciplinar. Nas *instituições sequestro* nenhum corpo escapa da vigilância. No Brasil, o projeto de lei *Escola sem Partido*<sup>117</sup>, que tramita na Câmara dos Deputados desde 2015, tenta proibir a manifestação política de professores em sala de aula. Se esse projeto for aprovado, as escolas deverão criar mecanismos para o controle e a punição dos transgressores. Em abril de 2017, a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) recomendou às autoridades brasileiras a revisão desse projeto, de modo que seja assegurado o direito à opinião sem interferências e o direito ao compartilhamento de ideias de qualquer tipo<sup>118</sup>. O controle não incide somente sobre os corpos físicos, mas, também, sobre as subjetividades.

Em seu livro *Foucault & a Educação*, Veiga-Neto enfatiza o papel da escola no poder disciplinar: [...] *a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna*<sup>119</sup>. Talvez algumas das inquietações da personagem de *Travessia* decorram disso. Os saberes que foram consolidados

<sup>114</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006, IX.

<sup>115</sup> Idem, 2006, IX.

<sup>116</sup> Idem, 2006, IX.

<sup>117</sup> Em referência ao Projeto de Lei Nº. 867 de 2015. Que pretende incluir entre as diretrizes e bases da educação nacional o “Programa Escola sem Partido”.

<sup>118</sup> POZZEBOM, Fábio Rodrigues. **ONU alerta para impactos do projeto Escola sem Partido na educação brasileira**. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2017/04/geral/557435-onu-alerta-para-impactos-do-projeto-escola-sem-partido-na-educacao-brasileira.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/04/geral/557435-onu-alerta-para-impactos-do-projeto-escola-sem-partido-na-educacao-brasileira.html). Acesso em: 06 jun. 2017.

<sup>119</sup> VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 70.

pelas disciplinas de *química, física, biologia*, e em tantas outras ciências não foram capazes de explicar o que agora afeta a personagem. Tais afecções não se explicam pelas disciplinas dos currículos pedagógicos, porque talvez sejam da ordem do sensível. E *talvez seja exatamente essa desconfiança em relação aos nossos sentidos que nos impede de nos sentirmos à vontade no universo*<sup>120</sup>.

O literato inglês David Herbert Lawrence, no início do século XX, criticava essa tentativa de disciplinarização do homem pela educação e também tentava desconstruir a ideia de uma “identidade” do sujeito. Em seu livro *Estudos sobre a literatura clássica americana*, ele diz:

A perfectibilização do homem! Ah, céus, que tema horroroso! A perfectibilização do automóvel Ford! A perfectibilidade de um homem? Sou muitos homens. Qual deles você pretende aperfeiçoar? Não sou uma engenhoca mecânica. Educação! Qual dos seus vários eus você pretende educar, e qual pretende suprimir<sup>121</sup>?

Se Lawrence se sente muitos homens, muitos corpos fazem parte do seu ser. Em sua escrita, ele transgride a ideia de “homem”, “ego”, “identidade”. Uma tentativa de escape às regras disciplinares. Não ser simplesmente “útil e dócil” para realização de um trabalho que lhe fosse imposto. Talvez ele quisesse apenas romper a modelização do controle e da disciplina dos corpos na sociedade moderna.

Na segunda metade do século XVIII, vê-se surgir uma nova técnica de poder que não substituiu as práticas de disciplinarização dos corpos, mas as modificaram. Enquanto o poder disciplinar direcionava suas estratégias aos corpos, essa nova técnica se dirigirá à vida. O alvo deixa de ser o homem-corpo e torna-se o homem como ser vivo, o homem-espécie. Se no poder disciplinar havia uma individualização dos sujeitos, essa nova técnica se instala na população. Trata-se, pois, de interferir nos processos (nascimento, morte, doença, etc.) que atingem as massas. A anátomo-política do corpo humano foi sendo substituída por uma *biopolítica* da espécie humana que se exerceu por meio de estratégias que Foucault chamou de *biopoder*<sup>122</sup>.

Assim como no poder disciplinar, os objetivos da biopolítica eram de ordem política e econômica. A partir dessas novas tecnologias, estabeleceram-se mecanismos para o controle da natalidade, da mortalidade e, principalmente, das

<sup>120</sup> CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 38.

<sup>121</sup> LAWRENCE, David Herbert. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 22.

<sup>122</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 289.

epidemias, para que se pudesse otimizar o uso da força de trabalho humana<sup>123</sup>. Outros dois fatores impeditivos do labor humano também começaram a ser pensados nesse período: a velhice e as enfermidades/anormalidades incapacitantes. Não é ao acaso que, na metade do século XVIII, já se iniciava a criação de instituições assistenciais, seguros individuais e coletivos, poupanças, entre outros<sup>124</sup>.

Todavia, questões como a natalidade, velhice, doença e óbito, no biopoder, são pensadas em uma escala global, pois nessa perspectiva o corpo

É um novo corpo: um corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos, necessariamente numerável. É a noção de “população”. A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder [...] <sup>125</sup>[grifos do autor].

Diferentemente dos mecanismos disciplinares, no biopoder, a maximização e a extração da força de trabalho não decorrem do treinamento individual realizado sobre um corpo. Não se trata mais de práticas pontuais, mas, sim, de mecanismos globais que regulam a vida, os processos biológicos de toda a espécie humana. Portanto, mais do que disciplina, a biopolítica requer regulamentação. No entanto, isso não significa que o biopoder anulou os mecanismos disciplinares, muito pelo contrário. Disciplina e regulamentação operam em níveis distintos, enquanto a primeira é exercida sobre o corpo orgânico, a segunda atua sobre um corpo maior, que é o da população. Biopoder e poder disciplinar não só não se anulam como transitam juntos, “de mãos dadas”, inclusive na contemporaneidade<sup>126</sup>.

O sol ia se despedindo. Uma leve penumbra invadia a sala de estudos. Naquelas tardes de agosto, a sala era preenchida por uma quietude estranha. Lá fora, toda a turbulência ruidosa de uma escola. Ali dentro, um quase silêncio. Eu aproveitava aqueles raros momentos de mansuetude para estudar. Ocupando uma pequena escrivaninha sob a janela, inclinava meu tronco, quase debruçando-me sobre o livro. Naquela tarde, mergulhei profundamente na leitura. Estudava acerca do corpo. Sequer percebi o adiantado das horas, tamanho o estado de

---

<sup>123</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 291.

<sup>124</sup> Idem, 1999, p. 291.

<sup>125</sup> Idem, 1999, p. 293.

<sup>126</sup> Idem, 1999, p. 299.

compenetração em que me encontrava. Até que o clarão do acender das luzes bruscamente me arrancou daquela hipnose. Saudações, pedidos de desculpas e risos romperam o silêncio da sala. Quase às cegas, verbalizei um "olá". O contraste luminoso me embaralhou a visão, dificultando a identificação daqueles rostos. Pelas vozes reconheci alguns colegas do mestrado. Animados, eles conversavam sobre os Jogos Olímpicos que estavam ocorrendo naquela semana. "Assististe a cerimônia de abertura?" Um colega me perguntou. Num movimento automático, balancei a cabeça em negativa. A interrupção do estudo não foi capaz de desconectar meu pensamento das ideias que acabara de ler. Inicialmente, não dei maior atenção àquela conversa. Imersa em meus pensamentos, estava guardando os livros na bolsa, quando uma voz feminina me pôs em alerta. Uma moça começou a falar sobre o corpo dos atletas olímpicos. Fiquei à espreita. Todos meus sentidos ficaram aguçados. Enquanto gesticulava com braços e mãos, ela ressaltava a exuberância do corpo de alguns atletas. "O que são aquelas pernas, coxas e glúteos?! Parecem corpos esculpidos!" — Dizia ela enquanto tateava o próprio corpo. Percebendo minha atenção, ela arregalou bem os olhos e falou num tom de quem busca o consentimento alheio: "Aquilo sim é símbolo de saúde, beleza e perfeição. Vocês não acham?! Por mais que a gente faça dieta e malhe, "nuuuunca" teremos um corpo assim!". Como fios que se tramam para tecer uma rede, as ideias enunciadas, na fala daquela moça foram se entrelaçando com os conceitos que eu acabara de estudar. Por semanas, essa rede foi sendo tecida em meu pensamento. E talvez ainda esteja. Na tentativa de tornar algumas das conexões dessa rede visíveis, escrevi um conto.

### **Estrelas cadentes**

Enfim volta para casa. Corpo exausto. Mente acelerada. Ser professora durante o dia e mestranda durante a noite a agitam. Ao mesmo tempo, a esgotam. Serve uma xícara do quentão que ficou esquecido sobre o fogão à lenha. Marido e filhos já

estão dormindo. Cansaram de esperar por ela. Liga a televisão para se distrair, para desacelerar. O Brasil está sediando os jogos olímpicos e a mídia só fala disso. A tela plana de moldura negra apresenta uma disputa de atletismo: prova feminina de 100m rasos. De início, as cenas pouco lhe atraem. Está absorta em uma mescla desconexa de pensamentos sobre a família, o trabalho, os estudos... O aroma do vinho quente com canela a inebria, a faz relaxar. Mas entre um gole e outro da bebida, algo nas imagens que emanam do televisor a desperta: os corpos das atletas. Braços e pernas com músculos bem torneados. Bustos muito pequenos, quase inexistentes. Abdomens exacerbadamente planos. Pele que reluz como se estivesse coberta por uma camada delgada de purpurina. São como estrelas. Estrelas cadentes que se movem quase à velocidade da luz. Corpos modelizados, aerodinâmicos, velozes, fortes e hábeis. Corpos surreais. Corpos que parecem ter sido fabricados.

\*\*\*

Como pode um corpo ser fabricado? Na escrita do conto *Estrelas cadentes* é possível problematizar a fabricação de corpos que ocorre desde a sociedade disciplinar. Uso o termo “fabricação”, porque já não são apenas os exaustivos treinos físicos que garantem o desempenho surpreendente de alguns atletas. E não estou falando do uso de anabolizantes.

O aumento da eficácia de detecção dos hormônios sintéticos pelos testes *antidoping* forçou a invenção de artifícios que incrementassem o desempenho físico dos esportistas quase sem deixar rastros. E foi assim que a manipulação genética, a biotecnologia, se apresentou como uma artimanha capaz de fabricar “superatletas”; de produzir corpos *aerodinâmicos, velozes, fortes e hábeis; corpos surreais*; como aqueles que despertam a atenção da personagem de *Estrelas Cadentes*.

Primordialmente, a terapia genética se propunha a tratamentos médicos baseados na transferência de genes “estrangeiros”, capazes de suprirem a função dos genes anormais de pessoas com determinadas doenças. A propriedade desse tipo de terapia para aumentar o desempenho muscular fez com que atletas

submetessem seus corpos à transferência de genes manipulados em laboratório. Um *upgrade* na natureza! Uma reconfiguração da natureza! O uso destas terapias por esportistas ganhou o nome de *doping* genético e é proibida desde 2003. O problema é como detectar o *doping* genético. Após a transferência genética, o gene “estrangeiro” passa a fazer parte do genoma do atleta, dificultando a detecção dessa fraude<sup>127</sup>.

Na obra *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*, a antropóloga argentina Paula Sibilia discorre sobre como essas e outras façanhas da engenharia genética, junto à informática, têm colaborado para uma reconfiguração da natureza na contemporaneidade<sup>128</sup>. Segundo a autora, as necessidades de um mercado capitalista, ávido por lucros, eram incompatíveis com os vagarosos e imprevisíveis mecanismos naturais do evolucionismo, teorizado por Charles Darwin, no século XIX. Não se poderia mais contar com a naturalidade de uma seleção.

Para acelerar e controlar a seleção natural, mãos humanas passaram a ditar as regras em uma *evolução artificial*<sup>129</sup>. Se no passado cogitou-se a possibilidade da extinção do homem, os dilemas agora são outros: Que espécies podem ser extintas? Que organismos precisavam ser aperfeiçoados? Como transferir uma propriedade benéfica de uma espécie para outra?

Não se trata de dualizar as atuais façanhas tecnocientíficas como boas ou más. Ao mesmo tempo em que a terapia genética, por exemplo, tem sido utilizada como “trapaça” esportiva, o seu propósito primordial é o tratamento de patologias. O que pretendo, nesta escrita, é problematizar como antigas práticas disciplinares podem se articular com o biopoder na composição dos modos de vida contemporâneos.

Algumas estratégias podem ser inovadoras (terapia genética, transgenia, bioinformática, clonagem, etc.), mas os objetivos, em alguns casos, se perpetuam: adestrar, treinar, manipular, transformar e aperfeiçoar os corpos para que eles sejam cada vez mais úteis. Lembrando que há, também, na atualidade, um apelo para que os corpos sejam belos.

---

<sup>127</sup> ARTIOLI, Guilherme Gia Nini; HIRATA, Dominguez Crespo; LANCHETA, Antônio Herbert Jr. Terapia gênica, *doping* genético e esporte: fundamentação e implicações para o futuro. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**. São Paulo. v. 13. n. 5, out-set 2007.p.349-354.

<sup>128</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 114.

<sup>129</sup> Idem, 2002, p. 115.

Para tensionar um pouco mais essa relação entre poder disciplinar e biopoder, volto ao conto *Travessia*. A personagem do conto anda *apressada pela rua* porque está a caminho do trabalho e não quer se “perder em devaneios”, *pois os ponteiros também atravessam o relógio e quase não há tempo*. Provavelmente, seu corpo foi treinado, disciplinado, para ser pontual, além de útil e dócil. A personagem do conto *acelera* tantas vezes que até faz lembrar o Coelho Branco de *Alice no país das Maravilhas*: o coelho que várias vezes passa apressado por Alice, sempre consultando seu relógio de bolso e proferindo expressões do tipo: *Oh, meu Deus! Eu vou chegar muito atrasado*<sup>130</sup>. O assombro do atraso! Nessa aceleração da vida contemporânea, quantas coisas nos passam sem que nada nos aconteça?

Ainda no conto *Travessia*, percebe-se, também, mecanismos do biopoder atuando sobre o corpo da personagem. Algumas das técnicas descritas no livro *Práticas de controle ambiental* (aquele que a personagem folheia enquanto está no trem) são exercidas como reguladoras de processos biológicos com efeitos sobre a população da qual a personagem faz parte. Será que a crise de nossos tempos requer apenas controle e regulamento?

Embora o biopoder se ocupe da vida da população, ele também se ocupa da morte. Segundo Foucault, a biopolítica legitimou o direito do Estado de tirar a vida por meio do racismo. É preciso esclarecer, porém, que esse “tirar a vida” não se trata apenas de assassinato direto, senão a um expor ao risco de morte; morte não apenas do corpo físico, mas também a morte política, a expulsão, a rejeição, a anulação, etc.<sup>131</sup>. O racismo de que nos fala Foucault, não se limita à intolerância entre indivíduos de raças distintas, como por exemplo, o racismo entre brancos e negros e vice-versa. O racismo como condição da aceitabilidade de “tirar a vida” do outro se estabelece a partir de uma perspectiva evolucionista<sup>132</sup>.

A relação entre a vida e a morte do outro, na biopolítica, não se trata apenas de um enfrentamento militar, mas também de questões biológicas. As espécies e raças ditas inferiores, os degenerados, os anormais, os incapazes, os não adaptáveis, serão eliminados para que somente os corpos vigorosos e úteis sobrevivam e procriem: uma purificação da espécie. Qualquer semelhança com a

<sup>130</sup> CAROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 11.

<sup>131</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 304.

<sup>132</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 305.

prerrogativa darwiniana da *Seleção Natural* não é mera coincidência! Os discursos evolucionistas do século XIX contribuíram para aceitabilidade do direito de morte do Estado<sup>133</sup>. Nesta perspectiva, o racismo

[...] assegura a função de morte no biopoder segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento em uma pluralidade unitária e viva<sup>134</sup>.

O racismo de que nos fala Foucault parece se aproximar dos *microfascismos cotidianos*<sup>135</sup> que, segundo Marcos Villela Pereira, podemos cometer, intencionalmente ou não, sempre que reduzimos alguém a um “rótulo”. É como se quando dizemos que alguém é “gordo” ou “sarado” eliminássemos a possibilidade dessa pessoa ser qualquer outra coisa como inteligente, simpática, divertida, etc.<sup>136</sup> Talvez esses “racismos”, esses microfascismos cotidianos, sejam como os venenos que intoxicam a personagem de *Travessia*, fazendo com que ela veja *névoa de intolerância que sufoca, respire racismo que incendeia a pele, tateie som de máquina que modela corpos, ouça frieza de gente que escraviza gente*. Não seriam esses microfascismos, venenos que degeneram corpos e subjetividades, uma das facetas da crise contemporânea denunciada por Guattari?

Mas existem outras formas dos sujeitos se relacionarem com o corpo e com o mundo. Na sociedade dos canaques, habitantes nativos da Nova Caledônia, o corpo não é concebido de forma isolada do restante do mundo, mas como parte da *totalidade de uma natureza que, ao mesmo tempo, o assimila e o banha*<sup>137</sup>. Os canaques caracterizam órgãos e tecidos de seus corpos do mesmo modo que o fazem com as partes de uma planta. O termo *kara*, por exemplo, designa, simultaneamente, a pele do homem e a casca da árvore<sup>138</sup>. Não se tratam de metáforas, senão de uma relação singular com o mundo. O corpo, como a maioria dos ocidentais o entende, não existe para os canaques. Para os canaques, o “*corpo*” (o *karo*) é [...] *confundido com o mundo, ele não é o suporte ou a prova de uma individualidade [...] Não existe aspereza entre a carne do homem e a carne do*

<sup>133</sup>, FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 307.

<sup>134</sup> Idem, 1999, p. 308.

<sup>135</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **O desafio da tolerância na cidade contemporânea** em PORTO, Tania Maria Esperon (Org.) Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas Araraquara: JM Editora Ltda., 2003.

<sup>136</sup> Idem, 2003.

<sup>137</sup> BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 23

<sup>138</sup> Idem, 2011, p. 23.

*mundo*<sup>139</sup>. Outro entendimento de corpo e de natureza que reverbera nos meus modos de ser-fazer professora de meio ambiente.

Nesse momento da escrita, retorno ao conto *Travessia*. Nele há uma passagem acerca do corpo da personagem para ser problematizada: seu corpo é um corpo que *não aguenta mais*. Um corpo *franzino e esquálido* que faz lembrar o corpo de outras personagens literários, como o corpo de Bartleby de Melville e o do jejuador de Kafka. Mas o que o corpo não aguenta mais? *Ele não aguenta aquilo que o coage por fora e por dentro*: não suporta mais a modelização que tornou seu corpo dócil e útil através das tecnologias disciplinares; não aceita mais o *sistema de martírio e de narcose que primeiro o cristianismo e depois a medicina inventaram para lidar com a dor*<sup>140</sup>; não tolera mais a renúncia ao corpo.

Em *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, Herman Melville, conta por meio da voz do narrador, um advogado que trabalha num escritório em plena Nova Iorque do século XIX, época da industrialização, a história de Bartleby, um taquígrafo de aparência esquelética e pálida que havia trabalhado com ele. Inicialmente, Bartleby desempenhava suas funções de copista de modo sossegado, sempre metido atrás de um biombo. Mas depois de algum tempo, começou a recusar-se a fazer cópias, alegando que “preferiria não fazer”. De imediato o advogado, tentou ignorar as esquisitices do copista. Porém, a situação agravou-se e Bartleby passou a negar-se a realizar qualquer ação, inclusive retirar-se do escritório. O advogado mudou de endereço para fugir de Bartleby. Enquanto isso o copista enraizou-se no antigo escritório até ser preso. Na prisão, Bartleby negava-se a fazer qualquer coisa, até mesmo comer, assim definiu até a morte. O copista morreu em sua inércia. Depois da morte de Bartleby, o advogado descobriu que o copista havia sido funcionário da seção de cartas extraviadas em Washington. O advogado se questionava: seria Bartleby também um homem extraviado<sup>141</sup>? Ou seria uma resistência aos modos de vida na Modernidade?

A história do jejuador, escrita por Franz Kafka, refere-se a um homem cuja arte era recusar qualquer alimento. Esse artista da fome era mantido, por vontade própria, em uma jaula, e espectadores pagavam para vigiar se o homem realmente

---

<sup>139</sup> Idem, 2011, p. 25.

<sup>140</sup> PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: Ensaio de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2003, p. 45.

<sup>141</sup> MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**: uma história de Wall Street. São Paulo: Guardalivros, 2014.

não se alimentava. Era assim que os espectadores o admiravam: dentro da jaula, faminto e esquelético. Passado algum tempo, sua arte foi esquecida. Os espectadores já não se interessavam por seu corpo esquelético e os que ainda o observavam só o faziam para ultrajá-lo. Esquecido em meio à palha apodrecida na jaula de um circo, o jejuador dizia que não comia por nunca ter encontrado um alimento que o agradasse. Após a morte do artista, a jaula foi ocupada por uma pantera bem alimentada, *com uma gorda saúde*<sup>142</sup>, que parecia trazer a liberdade nas mandíbulas e que atraía o olhar dos novos espectadores<sup>143</sup>. A gorda saúde pode ser pensada como o grande sistema capitalista que invade os corpos desde a Modernidade até os dias atuais. Em nossos tempos modernos e contemporâneos, é o CMI quem produz as regras de modelização dos corpos e das mentes.

Bartleby e o artista da fome são figuras estéticas potentes, pois podem levar alguns leitores a outras zonas de indeterminação e de incertezas, como ensinam Deleuze e Guattari<sup>144</sup>. Corpos afetados talvez inventem novos modos de vida para escapar, mesmo que por instantes, dos mecanismos de coação. Por vezes, esses escapes se dão por uma produção escrita, como aquela produzida pela personagem de *Travessia: com um traçado impaciente, quase ilegível feito nas folhas de um caderno qualquer*. E se atravessamos o mundo, no mesmo instante que o mundo nos atravessa, pode ser que a escrita desta pesquisa atravesse outrem. Quiçá, uma travessia, uma experiência, se faça no corpo de quem a ler!

O corpo de Bartleby se extraviou como uma carta que nunca chegou ao destinatário. O artista da fome nunca encontrou o alimento que o agradasse. A personagem do conto *Travessia* teve o corpo desorganizado pelas coisas do mundo. Três corpos afetados. Três corpos que também podem afetar e provocar resistência. E essa resistência pode estar nos modos de ser e de fazer de um professor.

Podemos pensar que os corpos são sempre afetados por relações de forças, mas que esses também afetam. Um corpo é constantemente bombardeado pelas forças do mundo. Um corpo recebe, a todo instante, estímulos e excitações. Caberá ao sujeito selecionar, evitar, acolher, ignorar tais forças? Nem sempre é tão simples

<sup>142</sup> PELBART, Peter Pál. **Vida capital: Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2003, p. 45.

<sup>143</sup> KAFFA, Franz. **Um artista da fome**. In: Biblioteca virtual da PUC. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Franz%20Kafka-2.pdf>. Acesso em 06 de ago. 2016.

<sup>144</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p.87.

assim. Por isso, é preciso estar atento para distinguir o alimento do veneno. Que forças podem aumentar ou diminuir a potência de um corpo? Não que se possa escapar dessas afecções, uma vez que as forças do mundo exterior são móveis e se refazem a todo instante. Mesmo assim, talvez haja a possibilidade de escolher o que será feito com essas afecções. Talvez essa escolha permita uma atitude ética frente ao mundo. Para tensionar um pouco mais essa ideia do corpo como potência, aproximo-me dos seguintes conceitos filosóficos: *encontro*, criado por Espinosa; e *sensação, afectos e perceptos*, criados por Deleuze e Guattari.

### **3.2 Para além do biológico: um corpo em potência**

O celular despertou, abri os olhos rapidamente, desativei o alarme e, sem rodeios, saltei da cama. O sol mal apontara no horizonte e eu já me sentia animada. Depois de um café fugaz, retomei a leitura dos textos produzidos por meus alunos. Tatear o material da pesquisa me motivava. Alguns daqueles textos haviam sido feitos no período em que eu ainda cursava o mestrado na condição de aluna especial. Todavia, naquele material, já havia indícios que, antes mesmo de começar esta pesquisa, uma metamorfose iniciava-se em meu corpo-professora. Alguns textos não se limitavam a tratar de temas ambientais, mas reflexionavam sobre relações sociais e produção de subjetividades, uma vez que essas questões haviam sido discutidas em sala de aula. O encontro com as ideias de Guattari já haviam me afetado. A ecosofia fizera eu mudar o tom das aulas de meio ambiente. Entre textos e desenhos, me deparei com uma escrita inquietante. Num extenso texto, uma de minhas alunas criticava a homossexualidade. Outrora, eu já havia lido aquela escrita. Porém, aquele reencontro me desassossejou. Assim como uma estrela que nasce pela agitação de elementos químicos em uma nebulosa, daquelas inquietações nasceu o desejo de inventar um conto.

Há algum tempo, o experiente professor de filosofia, Oliver Sanches, percebera que o interesse dos alunos por suas aulas decrescia vertiginosamente. Rostos sonolentos, olhares distantes, distrações tecnológicas, conversas mal dissimuladas denunciavam o tédio que se abatera sobre seus alunos. Aquele torpor parecia virótico e o próprio Oliver já sentia uma ponta de marasmo em sua didática.

Certo dia, ocupando um dos lugares da mesa de reuniões, na sala dos professores, cabisbaixo e com um olhar perdido no interior de sua xícara de café, Oliver desabafou:

- Estou cansado! Parece que ninguém mais se importa com a filosofia. A maioria dos alunos me ignora. Ou será que eles ignoram o mundo? Parece que se importam apenas com seu ego e com as fotos *selfies* que registram os sujeitos narcisos.

Do outro lado da mesa, enquanto enfiava livros velhos numa pasta de couro ressecado, um professor calvo respondeu:

- Meu caro e velho Oliver! És muito benevolente! A escola não combina com bondade, mas sim com disciplina. Faz uma prova de lascar que esses moleques passarão a te dar ouvidos.

Demonstrando imensa satisfação pelo conselho que acabara de dar a Oliver, o professor se retirou sem nem sequer despedir-se de quem permanecia na sala. O desânimo de Oliver cedeu lugar à perplexidade. Se tivesse permanecido ali, talvez o professor calvo tivesse percebido o desapontamento que agora acentuava as rugas na fronte de Oliver.

Sobre a mesa de reuniões, ainda fumegava o café e foi só ao erguer a xícara que Oliver notou que era observado. Por entre o vapor aromático que emanava da bebida, o professor fitou um rosto redondo, preenchido por olhos diminutos e emoldurado por cabelos muito negros. Um rosto que lembrava figuras femininas pintadas por Botero<sup>145</sup>. A boca pequena daquela jovem esboçava um sorriso contido, quase malicioso.

---

<sup>145</sup> Fernando Botero é um artista plástico colombiano que se consagrou pelas figuras estéticas robustas que cria tanto em suas pinturas quanto em suas esculturas.

Intuindo que a moça desejava comunicar algo, Oliver devolveu a xícara para a mesa no mesmo instante que exclamou:

- Olá! Já nos conhecemos, senhorita?

- Creio que não. Sou nova por aqui. Comecei nesta semana algumas intervenções artísticas com alunos do segundo ano.

- Ah! Professora de artes.

- Não! Sou licenciada em ciências biológicas, mas participo de um grupo de pesquisa que trabalha com educação, arte e filosofia.

- Aham! Exclamou Oliver, meio desconcertado.

- Desculpe a intromissão - prosseguiu a moça - mas discordo de seu colega e me parece que o senhor também não está convencido da eficácia do conselho que acaba de receber.

Com um sorriso tímido e um leve aceno de cabeça, Oliver confirmou as suspeitas da jovem, o que a incentivou a prosseguir:

- Discordo que a escola necessite de mais disciplina ou de punições. Parece-me que nos falta um pouco de arte. Não apenas na escola, mas também na vida. Pensar por meio da filosofia e da arte!

- Como assim? - Interrompeu Oliver.

- Talvez pensar a filosofia através da poesia, da dança, da pintura ou do cinema, em suas aulas, afete os estudantes. Talvez uma aula menos convencional inquiete seus alunos. E essa inquietude pode movê-los a pensarem de outra forma. Mas não tome isso como uma prescrição. Eu diria que estou lhe sugerindo uma estratégia, uma estratégia para romper a inércia.

As ideias daquela jovem professora tocaram Oliver. Sair do lugar comum. Produzir pensamento através da ciência, da filosofia e da arte. Um mundo de novas possibilidades se revelara a partir daquele encontro. A jovem sugeriu a Oliver a leitura de livros de alguns filósofos contemporâneos, além de filmes, séries de TV e obras literárias.

Depois de alguns meses, mesmo receoso, Oliver lançou-se no desafio de aceitar a arte como potência da filosofia em suas aulas. Como artefato para a primeira investida, Oliver escolheu alguns episódios da série de TV *Merlí*<sup>146</sup>. O enredo da série versava sobre aulas pouco tradicionais ministradas por um professor de filosofia que estimulava seus alunos a problematizarem a vida a partir de conceitos filosóficos.

A ideia de Oliver não era substituir suas aulas pelos vídeos, nem tampouco tornar-se um professor como *Merlí*. Oliver desejava que seus alunos questionassem seus modos de vida, a partir da filosofia e da arte. Por isso, após cada episódio, Oliver organizava rodas de conversa para que, junto aos alunos, fossem construídas articulações entre o que fora assistido nos vídeos, os conceitos filosóficos e as vivências do grupo. Nas primeiras conversações, os estudantes mostraram-se tímidos. Mas o sarcasmo de alguns episódios e o tom descontraído das conversas em aula proporcionaram o engajamento de grande parte da turma.

Ao final de uma dessas rodas de conversa, Oliver encontrou, sobre sua mesa, um envelope. Preferiu não o abrir naquele momento. Mais tarde, já no conforto da sala de estar de sua casa, estendido numa poltrona, Oliver sacou de sua maleta aquele envelope pardo que havia sido, clandestinamente, deixado sobre sua mesa. Ali dentro, havia uma carta escrita à mão em folhas de caderno. No texto, não havia qualquer indicação de autoria. Oliver não fez qualquer esforço para tentar reconhecer a autoria da carta pela caligrafia. Interessava ao professor mais o conteúdo e menos a autoria. Por isso, com avidez, seus olhos começaram a percorrer o texto.

A escrita se constituía em uma crítica às atuais práticas de Oliver em sala de aula, sobretudo à apresentação de um

---

<sup>146</sup> LOZANO, Héctor. *Merlí* [Série de televisão – vídeo]. Direção: Héctor Lozano. Roteiro: Eduard Cortés. Madri: Netflix, 2015, 50 min, color, son.

episódio da série Merlí, no qual dois adolescentes do sexo masculino se beijavam. Os argumentos usados pelo autor eram de cunho fortemente religioso. Oliver releu incontáveis vezes aquele manifesto de repúdio às suas aulas e sublinhou alguns de seus trechos.

Quero dizer que faz oito anos que sou crente, por isso vou te falar o que penso usando sempre a Bíblia, que é a palavra de Deus e da verdade. / Os filmes que o senhor passa em aula são do pecado, são de Sodoma, por isso, eles não me servem. A Bíblia diz que Sodoma e Gomorra eram duas cidades que tinham tanta depravação, tanto pecado, que Deus mandou o fogo do céu para queimá-las. / Jesus é nosso advogado e todos seremos julgados após a morte. Quem planta o mal, colherá o mal. As almas pecadoras terão que se explicar a Deus diante do grande trono branco no dia do juízo final. / Sobre aqueles homens que se beijam num dos filmes, quero dizer para o senhor que a Bíblia fala sobre a homossexualidade. Mas o senhor não está preparado para ouvir a palavra de Deus. Esse é assunto do tipo comida pesada, o senhor só esquenta comida leve. / Toda mulher, Deus preparou o corpo dela para ser mãe. Essa é a lei! A homossexualidade contraria a lei de Deus. Quem obedece à lei, será recompensado, mas quem a contraria será punido.

Oliver recostou-se na poltrona e, imerso na penumbra da sala de estar, perguntou para si mesmo: Comida leve ou comida pesada, o que um corpo aguenta? O que aumenta e o que reduz a potência de um corpo? O medo, a opressão e a intolerância, por vezes, paralisam. Enquanto a arte pode mover a vida, inquietar. Esses encontros entre arte, filosofia e modos de vida desassossegam. Encontros... Bons e maus encontros que afetam a vida.

Como alguém que acaba de receber uma descarga elétrica, Oliver saltou da poltrona. Em pé, o professor de filosofia bradou para ele mesmo: ESPINOSA! Levarei tuas ideias para minha próxima aula.

\* \* \* \*

Assim como o professor Oliver, personagem do conto *Carta Anônima*, evoco para esta cartografia, por meio dos escritos de Deleuze, algumas ideias de Espinosa. Isso porque a filosofia espinosista, num contrafluxo aos pensamentos platônico e cartesiano, que ainda vigoram nas sociedades contemporâneas, propôs, ainda no século XVII, um outro modo de pensar um corpo: um corpo como potência. Algo que me interessa problematizar nesta pesquisa.

Embora muito se fale sobre corpo, sobre sua organicidade, sobre as formas de mover e de dominar um corpo, pouco se sabe sobre suas capacidades<sup>147</sup>. Não sabemos do poder de um corpo. Suas potencialidades não decorrem da perspectiva cartesiana que separa o inteligível do sensível, a alma do corpo. Ao longo dos séculos, se perpetuou a concepção de que a alma padeceria pelos deslizes da carne. Ideias como as que trazem a carta dada ao professor Oliver, de que *as almas pecadoras terão que se explicar a Deus*, ainda vigoram nos dias atuais. No entanto, para Espinosa *o que é ação na alma é também necessariamente no corpo* [...] <sup>148</sup>. Nessas perspectivas, não há, portanto, qualquer superioridade do sensível sobre o inteligível e vice-versa.

No pensamento espinosista, há também uma desconstrução dos dualismos bem ou mal. Para além do bem e do mal<sup>149</sup>, como diria Nietzsche, o que está em jogo para Espinosa são os *bons* e os *maus encontros*<sup>150</sup> que podem ocorrer entre os corpos. O bom ocorre quando de um encontro resulta um aumento da potência (força) de agir no corpo. Do contrário, um mau encontro, resultará na redução do potencial de ação de um dos corpos envolvidos<sup>151</sup>. Na ordem dos encontros há, portanto, uma relação de conveniência ou de desconveniência na qual

Os corpos existentes se encontram a partir de suas partes extensivas, pouco a pouco. Pode ser que os corpos que se encontram tenham justamente relações que se compõem de acordo com a lei (conveniência); mas também pode ser que se as duas relações não se compuserem, um dos dois corpos seja determinado a destruir a relação do outro (desconveniência)<sup>152</sup>.

<sup>147</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 23.

<sup>148</sup> Idem, 2002. p. 24.

<sup>149</sup> Em referência a obra *Além do bem e do mal* escrita pelo filósofo Friedrich Nietzsche.

<sup>150</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 28.

<sup>151</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 28.

<sup>152</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Disponível em: <http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 20 de mai. 2017, p. 162.

Pode-se fazer uma analogia com as ideias do tipo *comida pesada* ou *comida leve* que aparecem no conto *Carta anônima*. O encontro com uma ideia do tipo *comida pesada*, uma ideia indigesta, nociva, pode não convir a um corpo, limitando sua capacidade de agir. Ao passo que o encontro com ideias do tipo *comida leve* pode nutrir e dar energia para que um corpo aja. Deleuze utiliza essa ideia do alimento e também do veneno para nos explicar o conceito de bons e maus encontros.

O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com todo ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um alimento. O mau para nós existe quando um corpo decompõe a relação do nosso, ainda que aquelas que correspondam a nossa essência: por exemplo, como um veneno que decompõem o sangue<sup>153</sup>.

Ainda sobre o conto *Carta anônima*, será que poderíamos dizer que houve um encontro entre Oliver e a jovem professora? Os encontros como conceito filosófico ultrapassam uma ideia meramente biológica de corpo; não se trata, pois, apenas do encontro entre seres vivos. Segundo Deleuze, [...] *não se têm encontros com pessoas e, sim, com coisas, com obras: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música*<sup>154</sup>. Sendo assim, não se trata de um encontro entre os sujeitos Oliver e a professora, mas de um encontro entre as ideias desses personagens. *Quando um corpo “encontra” outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes*<sup>155</sup>. Pode-se pensar em composição de forças!

Há, também, um encontro entre o professor Oliver e a série de TV Merlí. Um encontro com uma obra de arte. Os episódios da série parecem ter tocado o professor; não simplesmente passaram por ele, mas passaram através de seu corpo. Talvez nesse encontro com a arte fez-se uma experiência, no sentido filosófico que Larrosa dá a esta palavra. E, a partir dessa experimentação com o cinema, Oliver é movido a transformar sua prática pedagógica. Para além da distração ou da contemplação, a arte é produtora de pensamento. Um bom encontro!

<sup>153</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. p. 28.

<sup>154</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>155</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. p. 25.

E quanto ao encontro de Oliver com as ideias contidas na carta? Será que por se constituir como um *manifesto de repúdio as suas aulas*, este foi um mau encontro? Penso que não! Quem escreve a carta tem ideias que se opõem às práticas propostas por Oliver. Essa oposição de ideia aparece explícita quando o anônimo escreve os *filmes que o senhor passa em aula são do pecado, são de Sodoma, por isso, eles não me servem* ou quando faz referência ao episódio em que homens se beijam, afirmando que *a homossexualidade contraria a lei de Deus. Quem obedece à lei, será recompensado, mas quem a contraria será punido*. Ideias provocativas que levam Oliver a pensar sobre a potência dos corpos, sobre o conceito filosófico de encontros. E, a partir desses pensamentos, emerge no professor a vontade de levar a filosofia espinosista para suas aulas. Mais um encontro que potencializou a ação de Oliver; mais um bom encontro.

Assim como a experiência, os encontros são da ordem da imprevisibilidade. Como poderia Oliver saber que a série Merlí ou que as ideias daquela carta contribuiriam para a invenção de suas aulas? Lidar com o fortuito requer atenção. É preciso estar atento ao que pode afetar um corpo. Do encontro com um poema, com um conceito filosófico, com a fala ou com a escrita de alguém, com uma flor de trevo... pode surgir o desejo de inventar novos modos de existência; o desejo de romper com as subjetividades hegemônicas; o desejo de ressingularizar. Por isso, exponho meu corpo-professora, meu corpo-cartógrafa às intensidades que emanam de artefatos artísticos e filosóficos, às intensidades que evoluem do mundo. Exponho-me e experimento!

Para tensionar ainda mais essa temática do corpo, debruço-me sobre os conceitos filosóficos de *afecto, sensação e percepto*<sup>156</sup>, criados por Deleuze e Guattari. Segundo os autores, pensamento é invenção. E só existe pensamento quando a ciência cria fórmulas, equações e funções; a filosofia cria seus conceitos; e a arte cria sensações. *Pensar é pensar por conceitos, ou então por funções, ou ainda por sensações e um desses pensamentos não é melhor que um outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente "pensado"*<sup>157</sup> [grifos dos

---

<sup>156</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 212-255.

<sup>157</sup> Idem, p. 253-254.

autores]. Essas três formas de pensar não estão isoladas uma da outra, elas se entrelaçam, se cruzam para formar um tecido de correspondência<sup>158</sup>.

A filosofia e a arte como produtoras de pensamento pode ser algo inusitado. A formação acadêmica convencional, seja de um professor ou de outros profissionais, geralmente está alicerçada nas ciências. Assim, o ensino, torna-se apenas um instrumento de repetição dos enunciados científicos. Por isso, pensar a arte, a filosofia e a ciência como produtoras de pensamento, me leva a questionar: Como esse tecido de correspondências, essa trama entre ciência, filosofia e arte, pode criar pensamento para a formação de um professor?

Se a arte produz pensamento é porque ela se conserva em si mesma. Se depois de algum tempo, volto a folhear as páginas de *A hora da estrela*, à procura de algo que possa contrabandear de Clarice Lispector para esta cartografia, logo me deparo com Macabéia, moça nordestina, [...] *tão tola que às vezes sorri para os outros na rua*<sup>159</sup> sem que ninguém lhe responda ao sorriso. Posso avançar na leitura, virar a página, e, mais tarde, voltar infinitas vezes para ela, que Macabéia e sua tolice de sorrir mesmo quando é ignorada continuarão lá.

Dizer que a arte conserva não é o mesmo que dizer que ela só se faz com materiais duráveis. Pouco importa quão perecível possa ser o papel em que *A hora da estrela* foi impresso. *Mesmo que o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e se conservar em si, na eternidade que coexiste com essa curta duração*<sup>160</sup>. Será, então, que esse romance se conserva porque foi criado por Clarice Lispector, considerada uma das mais importantes escritoras do século XX? Penso que não! Uma obra de arte independe do criador, pois o criado se conserva em si. *O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos*<sup>161</sup>. Todavia, há uma conexão entre a obra de arte e o artista, uma conexão que se dá por um estilo.

Um artista escreve, pinta, encena, esculpe, dança, compõe sensações. A função da arte é criar sensações<sup>162</sup>. Para Deleuze, a noção de sensação está relacionada com a ideia de força. *Em arte, [...] não se trata de reproduzir ou de*

<sup>158</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, 2007, p. 254-255.

<sup>159</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 16.

<sup>160</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 216.

<sup>161</sup> Idem, 2007, p. 213.

<sup>162</sup> Idem, 2007, p. 216.

*inventar formas, mas de captar forças*<sup>163</sup>. A sensação só existe quando uma força invisível é exercida sobre um corpo; corpo como um ponto de vibração ondulatório. A arte, por sua vez, torna estas forças visíveis<sup>164</sup>.

Deleuze e Guattari, afirmam que a função da arte é elevar, captar, arrancar os perceptos das percepções e os afectos das afecções<sup>165</sup>. Se os perceptos são extraídos das percepções é porque um não se confunde com o outro. O mesmo acontece com as sensações e com os afectos. O percepto ultrapassa a percepção. O afecto não pode ser entendido como sentimento. A sensação não é a mesma que uma opinião. *As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido*<sup>166</sup>.

Os perceptos são conjuntos de percepções e de sensações construídos pelos artistas e que independem daqueles que as sentem<sup>167</sup>. *Os perceptos [...] dão aos personagens e às paisagens dimensões de gigantes, como se estivessem repletos de uma vida na qual nenhuma percepção vivida pode atingir*<sup>168</sup>. Como diz Deleuze, um conceito filosófico é capaz de “rachar a cabeça”, porque não se está acostumado a pensar por meio dos perceptos. Eles são capazes de nos “torcer os nervos”<sup>169</sup>. Os olhos não apenas veem um quadro, mas degustam, escutam, tateiam a pintura que contemplam. Uma desorganização nos sentidos que remete a um trecho da obra *A desumanização* em que Valter Hugo Mãe escreve que Thurid, uma das suas figuras estéticas, fazia música como se estivesse a pintar uma tela. Nesse trecho, o literato português escreve assim: *E a Thurid tocava e, subitamente, entendemos muito bem. Dizia: azul, azul, negro, branco. A Thurid achava que pintava. Achava que as teclas eram pincéis [...]*<sup>170</sup>.

<sup>163</sup> DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 62.

<sup>164</sup> MARTINS, Carlos José. Arte como sensação. In: 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. UFG, 36, 2013, Goiânia. **Anais**. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24\\_3448\\_texto.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_3448_texto.pdf). Acesso em 25 abr. 2017, p. 1.

<sup>165</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 217.

<sup>166</sup> Idem, 2007, p. 213.

<sup>167</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>168</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 222.

<sup>169</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>170</sup> MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017, p. 147

Já os afectos referem-se a um tornar-se. Os afectos são os devires, mas os devires não humanos do homem<sup>171</sup>. *São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles*<sup>172</sup>. No entanto, o afecto não se confunde com a imitação e nem tampouco com a semelhança, embora ele produza semelhança<sup>173</sup>. Gregor Samsa, figura estética criada por Kafka no conto *A metamorfose*<sup>174</sup>, não imita e nem só se parece com um inseto. O caixeiro-viajante não apenas se transforma em um inseto, mas algo passa entre eles. Algo que nada mais é do que a sensação<sup>175</sup>.

É por meio dos contos que crio que tento dar visibilidade às forças do mundo que me afetam, que me transformam. *Não é esta a definição do percepto em pessoa: tornar sensíveis as forças insensíveis que povoam o mundo e que nos afetam, nos fazem devir*<sup>176</sup>? Já não são apenas os enunciados científicos que determinam minha formação como professora, senão as relações que estabeleço com a arte, com a filosofia, com a natureza e comigo mesma. O mundo já não se define apenas pela razão, mas também pela capacidade de um corpo afectar e de ser afectado. Como escreve Deleuze:

Ser afectado é um poder. Então definimos as coisas, os seres, os animais por poderes. E vemos em seguida a que outras passagens se opõem isto: já não definimos as coisas pelo gênero ou espécie. Não diz que uma mesa é uma coisa fabricada, que um cavalo é um animal, que uma pessoa é do sexo masculino ou feminino. Perguntarei melhor: De que afectos é você capaz? É dizer: Quais são seus poderes de ser afectado<sup>177</sup>? [Tradução minha]

Para tensionar ainda mais essa questão dos afectos, tomo emprestado um outro questionamento feito por Deleuze: *A que se opõe um pensamento descrito por afectos*<sup>178</sup>? [Tradução minha] O pensamento que tento criar, por meio desta cartografia, se opõe à separação entre o sensível e o inteligível, bem como à disciplinarização, à modelização de corpos, enfim, a tudo que possa limitar ou anular

<sup>171</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 220.

<sup>172</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

<sup>173</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007, p. 224.

<sup>174</sup> KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, passim.

<sup>175</sup> Idem, 2007, p. 225.

<sup>176</sup> Idem, 2007, p. 235.

<sup>177</sup> DELEUZE, Gilles. **Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia**. Buenos Aires: Cactus, 2005, p. 278.

<sup>178</sup> DELEUZE, Gilles. **Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia**. Buenos Aires: Cactus, 2005, p. 275.

a potência de um corpo. A ideia é pensar em uma nova possibilidade de ser e de se fazer professor.

Há casos em que as forças que atravessam um corpo o inquietam. Mas a inquietude pode desacomodar um corpo, movê-lo e levá-lo à criação de um pensamento. Como disse o historiador americano Henry Adams: *O caos gera a vida, ao passo que a ordem gera o hábito*<sup>179</sup>.

Retorno ao conto *Travessia*, pois há, nele, vestígios sobre essa inquietação que, por vezes, acomete os corpos. Nos encontros que faz com as forças do mundo exterior, a personagem desse conto sente seu corpo ora murchar e ora inflar, fazendo lembrar a protagonista de *Alice no país das maravilhas*<sup>180</sup>. Para Alice, bastava beber alguns goles de uma poção, dar algumas mordiscadas em um bolo ou comer as laterais de um cogumelo para que o seu corpo esticasse e encolhesse como um telescópio<sup>181</sup>. Já a personagem do conto sente-se murchar diante daquilo que era incapaz de explicar e infla-se frente aos conhecimentos que acredita dominar. Talvez lidar com o "sem sentido" tenha sido o que aconteceu a essas duas figuras estéticas. Não se trata de reduzir ou aumentar, mas se tornar algo diferente do que era antes.

Essa busca por um sentido para as coisas do mundo me remete às palavras de Fernando Pessoa: *Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos*<sup>182</sup>. Como esperar que haja apenas uma verdade capaz de explicar o mundo, quando há muitos sentidos possíveis? Talvez algumas coisas estejam aí não para serem explicadas, senão experimentadas.

Também não se trata de valorar se esta ou aquela força do mundo exterior poderá causar efeitos bons ou ruins ao afetar um corpo. O que está em jogo é: como uma força que atravessa um corpo poderá torná-lo diferente do que ele havia sido até então? As forças que abatem um corpo não são iguais para todos os corpos. O que passa em meu corpo não é o mesmo que passa em outro. Nos termos de

---

<sup>179</sup> Henry Brooks Adams (1838 – 1918) foi um historiador, jornalista e novelista estadunidense. Também foi professor de História em Harvard, onde introduziu o sistema de seminários.

<sup>180</sup> CAROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

<sup>181</sup> Idem, 2009, passim.

<sup>182</sup> PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 164-165.

Deleuze, *um cavalo, um peixe, um homem, ou mesmo dois homens comparados um com o outro, não têm o mesmo poder de serem afetados: eles não são afetados pelas mesmas coisas, ou não são afetados pela mesma coisa da mesma maneira*<sup>183</sup>. Isso não tem a ver com generalidades.

No conto *Travessia*, foi possível perceber o desassossego da personagem frente a sua incapacidade de dar sentido ao que lhe ocorrera. As forças que atravessaram o seu corpo deixaram muitas perguntas, por isso ela se interroga: *Que venenos meu corpo produz e lança no ambiente, podendo intoxicar a mim e ao outro? O que há de ser controlado, o ambiente ou nossos venenos?* Talvez esses questionamentos da personagem decorram das relações que predominam entre os sujeitos contemporâneos e a natureza; relações quase sempre antropocêntricas. No capítulo seguinte, acerco-me de alguns estudos que abordam e problematizam essa temática da natureza.

---

<sup>183</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 20 de mai. 2017, p. 147.

#### 4 NATUREZA: *tudo pode ter começado com um sim...*

De acordo com teorias científicas atuais, a vida na Terra começou de um modo semelhante ao que diz a escritora Clarice Lispector em seu livro *A hora da estrela: Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida*<sup>184</sup>. A partir do “casamento” entre poucos elementos químicos, moléculas distintas “disseram sim” umas às outras, dando origem ao primeiro organismo vivo de nosso planeta<sup>185</sup>. Mas o surgimento da vida nem sempre foi explicado dessa forma.

Depois de várias horas de estudo, devolvi o livro para a estante. Da escrivaninha, só carreguei comigo algumas inquietações provocadas pela leitura que acabara de fazer. Minutos antes, estava imersa em textos que lidavam com questões acerca da natureza. Para arrefecer o pensamento, busquei o sossego do quintal. Com parte do tronco de um eucalipto, que mais tarde alimentaria o fogo que ardia na lareira, improvisei um banco. Sentei-me ali, entre o limoeiro e a bergamoteira. Por intuir meu desejo de estar só ou por pura displicência, o cusco, enroscado em si mesmo, me seguia apenas com o olhar. Escapando da sombra dos arbustos frutíferos, posicionei o corpo de modo que pudesse captar um pouco da luz solar. Senti os tímidos raios daquele sol de inverno penetrarem através da pele desnuda de meu rosto e de minhas mãos. Cerrei os olhos na tentativa de desacelerar o pensamento. Ele apenas se deslocou. Lembrei-me de alguns desenhos produzidos por meus alunos do *Acolhendo e Educando* numa aula em que eu lhes perguntara: “O que vocês entendem por natureza?” Dei-me conta de que as paisagens retratadas naqueles desenhos continham, quase sempre, os mesmos elementos: um céu azul com poucas nuvens brancas; um sol intenso, por vezes, preenchido na cor laranja, por outras, em amarelo; um gramado verde do qual brotavam delicadas flores ou frondosas árvores. Desenhos que se

<sup>184</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 11.

<sup>185</sup> ARTHUS-BERTRAND, Yann. **Home**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wa546EesVPE>. Acesso em: 14 out. 2015.

assemelhavam à paisagem daquele quintal, exceto por um detalhe: a presença humana. Raramente figuras humanas eram traçadas naqueles desenhos. Talvez no imaginário daqueles jovens o homem não fizesse parte da natureza. Como se despertasse de um sono agitado, abri os olhos no mesmo instante em que me questionei: "Que entendimento é esse que separa o humano da natureza?" Pensamentos provocativos que transformei em matéria-prima de criação.

### **Provocações**

A luz do sol se infiltra pelas frestas da veneziana do quarto, mas Nico só desperta com o brado de alerta.

– NICO! TU VAIS TE ATRASAR! – Grita a mãe que está na cozinha. Enquanto se desvencilha do cobertor de retalhos, o garoto responde no mesmo tom de voz da mãe:

– JÁ VOU, MÃE! – Nico, que não é bobo nem nada, já dorme com a roupa de ir para a escola. Mesmo a contragosto da mãe, que duas por três censura tal artimanha, dormir "fardado" o poupa de ter que despir-se naquelas gélidas manhãs de agosto. Assim, é só acordar, saltar da cama, resgatar a mochila esquecida num canto qualquer do quarto e disparar para a cozinha.

Sobre a mesa, enfeitada com uma toalha quadriculada, estão a caneca fumegante de leite com achocolatado e o pão francês recheado com margarina, queijo e mortadela bolonha. A visão da mesa posta faz Nico salivar. Mas antes de devorar o banquete matutino, o garoto abandona a mochila numa cadeira e corre até a mãe que se ocupa com a louça da noite anterior. Um beijo materno na testa acompanhado de um cafuné que desalinha ainda mais a cabeleira bagunçada do garoto. Agora sim, Nico está pronto para saborear o seu café da manhã.

O garoto ainda mastiga a última mordida que deu no pão, quando a mãe recomenda:

– Vê se não se esquece de pentear os cabelos e escovar os dentes! – Depois de uma rápida e desleixada higiene bucal,

Nico retorna à cozinha, enfia a mochila nas costas, vai até a mãe para beijar-lhe a face e dizer-lhe:

– Tô indo lá, mãe!

Ainda em pé diante da pia, segurando talheres ensaboados, a mãe sorridente responde:

– Vai com Deus, filho!

Chegando à escola, Nico se dá conta do quanto está atrasado. Poucas crianças ainda circulam nos corredores e sua professora de ciências já está na sala de aula.

– Foi mal, sora!

É a maneira tímida que o garoto encontra para desculpar-se. Mas aqueles pequenos deslizos na pontualidade já faziam parte da rotina escolar matinal. Por isso, a professora tenta tranquilizá-lo:

– Sem problemas, Nicolas!

Cabisbaixo, Nico tenta esconder o rubor das bochechas. “Bah! Se a mãe descobre que me atrasei...” – Pensa o menino para si mesmo enquanto atravessa a sala num trote firme.

Aos poucos, a tensão de seu corpo se dissipa. E Nico se concentra no que a professora, agora, escreve no quadro. “Natureza”. Nico pronuncia mentalmente, sílaba por sílaba, seguindo o mesmo ritmo vagaroso que a professora emprega ao giz enquanto risca naquela superfície verde-escura.

Desenhada a última letra, a professora contempla a própria escrita por alguns segundos. Girando lentamente o corpo alto e esguio, ela olha para os estudantes e lança a primeira provocação:

– Natureza! É sobre isso que nós vamos conversar hoje. Como vocês imaginam que a vida começou no planeta Terra?

Erguendo o bracinho roliço e a mãozinha rechonchuda, uma estudante responde:

– Deus, sora! Deus criou o paraíso, as plantas e os bichos. – Risos e cochichos ecoam pela sala.

Nenhum outro aluno, porém, expõe abertamente suas ideias sobre o tema. Nico, por sua vez, se mantém calado. Imerso em seus pensamentos, o garoto exclama para si mesmo: "Caramba! Nunca parei para pensar nisso!" – Um arrepio na pele, olhos arregalados e ouvidos em alerta. A discussão aguça os sentidos de Nico.

A professora, antes em pé diante da turma, agora, afasta seus livros e senta-se sobre sua mesa. Descontraída, mesmo diante da agitação de alguns alunos, ela balança as longas pernas enquanto os observa. Passados poucos minutos, a professora pede a atenção para si, batendo palmas e emitindo um estridente assovio. Quando quase todos a olham, ela prossegue:

– Realmente, esse é um assunto polêmico. Por muito tempo, a origem da vida foi atribuída a um ato divino. Mas com o passar do tempo, foram surgindo outras teorias.

Braços cruzados e beijo esticado, a menina que respondera ao questionamento não dissimula seu desapontamento diante do que acaba de ser dito pela professora.

Enquanto isso, Nico tenta captar fragmentos daquela fala, anota tudo que pode em seu caderno. Ciências nunca fora sua matéria favorita. As aulas de educação física o atraíam bem mais. Mas a aula de hoje parecia diferente de todas as outras que já participara. De algum modo, falar sobre natureza o afetava.

Como um contador de histórias, a professora vai explicando algumas das teorias acerca da origem e a evolução da vida. De volta ao quadro, ela rabisca coisas como: Criacionismo, Evolucionismo, Lamarck, Darwin e outras palavras esquisitas. Estranhamento, mas também fascínio. Era isso que aquelas ideias provocavam no corpo de Nico.

Depois de desenhar um grande círculo em volta da palavra natureza (ainda estampada no quadro), a professora volta a cutucar os estudantes:

– E a natureza? O que é a natureza?

A troca de olhares e o silêncio dos alunos transparece receio.

– Vamos lá, pessoal! Eu quero ouvir vocês! – Encoraja a professora.

Impulsivamente, Nico dá voz ao seu pensamento:

– As árvores, as flores, a grama, os pássaros, os gatos. Isso é natureza, né sora?

E a professora complementa a resposta do garoto:

– E nós, Nicolas! Os seres humanos também fazem parte da natureza. Acontece que a ideia de natureza vem sendo fabricada... – UÓÓÓÓÓÓ! A sirene da escola anuncia o final daquele primeiro período de aula.

Ruídos de mesas e cadeiras sendo arrastadas, conversas, gritaria e risadas irrompem por todos os lados. A efervescência da mudança! Em meio à turbulência, Nico mal consegue ouvir as últimas palavras da professora:

– Bom, pessoal! Continuaremos nossa conversa na próxima semana. – A professora se despede, sai, se junta a um grupo de adolescentes que passa por ali, segue em direção a outra sala.

Nico, indiferente a movimentação que o cerca, permanece estático. Absorto em seus pensamentos, o garoto se pergunta: “Mas a natureza não é a mesma desde todo sempre? Que conversa é essa de fabricar ideias?” – Um colega chacoalha seu braço, interrompendo aquele estado de inércia.

– Bora jogar bola, Nico! Agora é educação física, meu!

\*\*\*

Não é por acaso que uma das personagens do conto *Provocações* afirma que *Deus criou o paraíso, as plantas e os bichos*. Por muito tempo, a origem de todas as formas de vida existentes na Terra foi atribuída a um só criador: Deus. Todavia, esse paradigma divino tem sido contestado nos últimos séculos. Nas palavras da professora do conto *Provocações*: [...] *esse é um assunto polêmico. Por muito tempo, a origem da vida foi atribuída a um ato divino. Mas com o passar do tempo,*

*foram surgindo outras teorias*. Em virtude da emergência dessas outras teorias, a perspectiva de natureza vem sendo radicalmente transformada<sup>186</sup>.

Há de se problematizar um pouco mais essas mutações que a ideia de natureza vem sofrendo com o passar dos séculos. Afinal, elas ecoam não apenas no meu fazer professora de meio ambiente, mas também nas relações que estabeleço com o mundo como cartógrafa.

#### 4.1 Do paradigma divino ao tecnológico: uma natureza em reconfiguração

No século XVI, as crenças e as atitudes dominantes da Idade Média começaram a sofrer abalos, fazendo com que alguns teóricos desse século investissem em novas perspectivas sobre o conhecimento e sobre a natureza. Em meados do século XVII, o filósofo e matemático francês René Descartes se opôs ao ceticismo de sua época, afirmando ser possível conhecer e chegar à verdade<sup>187</sup>. Descartes também revolucionou a noção de natureza ao descrever que essa poderia ser alterada pelo homem. Em um trecho do *Discurso do Método*, Descartes declara:

Pois elas [noções gerais relativas à física] me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza<sup>188</sup>.

A partir do pensamento de Descartes, surge o método científico, as coisas do mundo passam a ser explicadas pela razão e não apenas pela fé, como antes acontecia. Há, nas ideias cartesianas, uma “matematização” do mundo<sup>189</sup>. Tudo na natureza passa a ser passível de mensuração, de controle, de uma regulação feita pelo homem. É pelo método científico que o homem se torna o centro regulador da natureza ou, nas palavras de Descartes, que nos tornamos os *senhores e possuidores da natureza*<sup>190</sup>.

<sup>186</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 111.

<sup>187</sup> ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 201.

<sup>188</sup> Idem, 2012, p. 203.

<sup>189</sup> Idem, 2012, p. 205.

<sup>190</sup> Idem, 2012, p. 203.

A ideia cartesiana do homem como senhor da natureza me provoca a pensar sobre minha formação acadêmica: Tecnóloga em Controle Ambiental. Não pretendo questionar a validade de técnicas desenvolvidas para mitigar ou prevenir ações poluidoras. O que faço aqui é, por meio de um exercício do pensamento, tensionar essa ideia de um controle sobre a natureza; é pensar que talvez haja algo além de um controle que possa amenizar a crise ambiental. Mesmo ciente da capacidade humana de intervir sobre a natureza, não deixo de me perguntar: Quantas coisas na vida nos escapam por entre os dedos? E desses pensamentos, emerge o sarcasmo e humor de Bill Watterson<sup>191</sup> ao criticar o antropocentrismo em uma de suas tirinhas<sup>192</sup>.

Figura 2: Frustrações de um antropocêntrico.



Fonte: Página “Calvin e Haroldo” do Pinterest<sup>193</sup>

Ao tomar emprestada essa tirinha de Watterson, me pego a recitar mentalmente mais alguns versos de Fernando Pessoa. Eles dizem assim: *Quando*

<sup>191</sup> O americano William B. Watterson (1958), mais conhecido como Bill Watterson, é o criador das tirinhas como Calvin e Hobbes.

<sup>192</sup> WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/explore/calvin-e-haroldo/>. Acesso em: 18 jun. 2017.

<sup>193</sup> CALVIN e Haroldo. Disponível em: <https://br.pinterest.com/explore/calvin-e-haroldo/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

*vier a Primavera, / Se eu já estiver morto, / As flores florirão da mesma maneira/ E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada. / A realidade não precisa de mim [...]*<sup>194</sup>. E, percorrendo a filosofia, arte e educação, transitando de um artefato artístico a outro, vou captando forças que dão energia a esse exercício de pensar a vida. Vou colhendo e acolhendo forças que potencializam a produção desta cartografia.

No início do período moderno, grandes esforços humanos foram direcionados ao domínio do mundo natural. Embora, em 1800, dominar a natureza fosse o objetivo de muitas pessoas, já nessa época emergiam hesitações quanto ao lugar do homem na natureza. Como escreve o historiador britânico Keith Thomas em sua obra *O homem e o mundo natural*:

O estudo cuidadoso da história natural fizera cair em descrédito muitas das percepções antropocêntricas de tempos anteriores. Um senso maior de afinidade com a criação animal debilitara as velhas convicções de que o homem era um ser único. Uma nova preocupação com o sofrimento dos animais viera à luz; e ao invés de continuarem destruindo as florestas e derrubando toda árvore sem valor prático, um número cada vez maior de pessoas passavam a plantar árvores e a cultivar flores por pura satisfação emocional<sup>195</sup>.

Ainda no século XIX, o naturalista britânico Charles Darwin, lança sua teoria sobre a *Evolução Natural*, a mesma que causou estranhamento e fascínio a Nico, personagem do conto *Provocações*, ao ser explicada pela professora. Embora contrariasse as ideias da criação divina, essa teoria corroborava com os interesses sociopolíticos e econômicos do capitalismo industrial que emergia na época. A visão darwiniana do homem como um ser naturalmente competitivo que luta constantemente pela dominação e pela sobrevivência serviria de justificativa para a perspectiva antropocêntrica do capitalismo. Além disso, a teoria darwiniana da *Seleção Natural*, na qual os inaptos eram naturalmente descartados, também favorecia as perspectivas utilitárias da industrialização<sup>196</sup>. Mesmo na sua forma mais embrionária, o capitalismo já era hábil na captura de discursos.

<sup>194</sup> PESSOA, Fernando. **Quando vier a Primavera**. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/quando-vier-a-primavera-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa>. Acesso em: 18 jun. 2017.

<sup>195</sup> THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 344.

<sup>196</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 112.

Contudo, as modificações naturais que, segundo Darwin, configuravam e equilibravam a vida sobre o planeta, ocorriam ao acaso e de forma lenta<sup>197</sup>. E isso era um entrave para os objetivos capitalistas que almejavam uma produtividade acelerada, um “progresso” mais veloz. Para atender a tal necessidade, a natureza precisava ser reconfigurada. As ideias darwinianas chocavam a sociedade do século XIX, mas seu paradigma evolucionista estava em *concordância com o individualismo moderno e com a sociedade competitiva do capitalismo industrial*<sup>198</sup> da época. A fabricação de uma ideia de natureza de que fala a professora do conto *Provocações* não é uma estratégia contemporânea: desde tempos bastante remotos tal enunciado vem sendo alvo de manipulações.

Nos séculos posteriores à apresentação das teorias darwinianas, as ideias evolucionistas e a crença na necessidade de um “progresso” começaram a invadir as mais diversas áreas do saber. Abandonada pelos deuses, a natureza *passa a ser entendida como uma criação dos próprios homens e, como tal, é submetida à correção de erros inspirada na lógica digital*<sup>199</sup>.

O desenvolvimento de novas tecnologias na informática e, principalmente, nas ciências biológicas, contribui para a “correção” desses erros. Se o século XX foi regido pelos saberes da física, hoje é a biologia molecular que, em conjunto com a informática, exerce um dos papéis mais relevantes nessa nova versão da natureza<sup>200</sup>. Assim, nos últimos séculos,

Das páginas do livro seminal de Darwin, ela [natureza] surgia como uma feroz arena de luta, na qual o nascimento era um acidente e a morte a única certeza. Hoje, no entanto, sabemos que o universo é outro. Essas duas asseverações, por conseguinte, estão em mutação: agora o nascimento pode ser planejado e, no horizonte fáustico da nova tecnociência, a morte está deixando de ser uma condenação certa<sup>201</sup>.

O excerto acima talvez responda ao questionamento que Nico, personagem do conto *Provocações*, faz a si mesmo: *Mas a natureza não é a mesma desde todo sempre?* O entendimento de natureza muda conforme o contexto histórico e cultural de cada época. Muitas façanhas científicas, atualmente factíveis, não eram sequer imaginadas há poucos séculos. Hoje, a ciência permite ao homem modificar

<sup>197</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 113.

<sup>198</sup> Idem, 2002, p. 113.

<sup>199</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 128.

<sup>200</sup> Idem, 2002, p. 116

<sup>201</sup> Idem, 2002, p. 113.

determinadas espécies, criar novos organismos, retardar o envelhecimento e a morte celular, entre outras<sup>202</sup>.

A partir dessa reconfiguração da natureza, a seleção, teorizada por Darwin, foi destituída de seu caráter “natural”. Desde o começo da industrialização, por exemplo, tem-se verificado uma progressiva extinção de espécies biológicas. Antes da industrialização, a taxa de extinção era de uma espécie a cada mil anos; com o surgimento das fábricas, a taxa aumentou para uma espécie por década; nos primeiros anos do século atual, essa taxa já era de 72 espécies por dia<sup>203</sup>.

Esse vertiginoso extermínio da fauna e da flora, legitimado pelo dito “progresso” tecnológico e científico, me remete aos versos da canção *Passaredo*, composta por Francis Hime e Chico Buarque: [...] *Xô, pescador-martim/ Some, rolinha/ Anda, andorinha/ Te esconde, bem-te-vi/ Voa, bicudo/ Voa, sanhaço/ Vai, juriti/ Bico calado/ Muito cuidado/ Que o homem vem aí/ O homem vem aí/ O homem vem aí*<sup>204</sup>. Quando deteriora aquilo do qual faz parte, o homem não deteriora também as relações na sociedade e a si mesmo? Homem que captura e que, ao mesmo tempo, tem seu corpo e subjetividade capturados.

O mesmo ritmo, porém, de extermínio de algumas espécies, parece ser empregado na criação de outras<sup>205</sup>. Como lembra Sibilía,

[...] graças à engenharia genética aliada ao aparato instrumental da informática por meio de artimanhas “não-naturais”, a criação de novas espécies também virou rotina diária nos laboratórios do mundo inteiro. Desde 1996, foram lançadas no planeta Terra, várias dezenas de organismos geneticamente modificados, tanto vegetais como animais, para serem utilizados nas lavouras e pastagens de diversos países<sup>206</sup> [grifos da autora].

Tamanho esforço técnico e científico empregado na criação de organismos que serão utilizados em lavouras e pastagens poderia remeter à ideia de que tais espécies destinar-se-iam a suprir as necessidades alimentares da população de diversos países. Contudo, o montante de alimento resultante desses organismos, criados por mais de duas décadas, parece contrastar com o número assustador

<sup>202</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 116-120.

<sup>203</sup> Idem, 2002, p. 114.

<sup>204</sup> BUARQUE, Chico; HIME, Francis. **Passaredo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pec2KWx2yJM>; Acesso em: 19 jun. 2017.

<sup>205</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 114.

<sup>206</sup> Idem, 2002, p. 114.

(cerca de 795 milhões) de pessoas que ainda são massacradas pela fome em todo o planeta. Novamente, os interesses do CMI podem esclarecer esse paradoxo, pois como acrescenta Sibilia,

A grande maioria [dos organismos geneticamente modificados] é produzida, patenteada e comercializada por poucas empresas transnacionais, membros de um mercado florescente, que registra uma grande concentração de capitais. Atualmente, milhares de espécimes estão sendo criados em laboratórios destas instituições [...] em uma verdadeira corrida pela criação de “produtos inovadores” que possam obter uma boa colocação no mercado globalizado do *agrobusiness*<sup>207</sup> [grifos da autora].

No entanto, as técnicas para o melhoramento genético que permitem uma seleção artificial de organismos vivos, não têm sua aplicação restrita a espécimes destinados à alimentação. Por meio de estratégias de seleção gamética, hoje, alguns progenitores podem predeterminar o sexo e algumas características físicas de sua prole. Além disso, a probabilidade de gerar uma criança portadora de doenças genéticas pode ser reduzida por meio da seleção dos gametas que lhe darão origem.

A imprevisibilidade e a morosidade da Evolução Natural foram ultrapassadas pelas transformações técnico-científicas das últimas décadas. Em nossos tempos, a evolução ocorre em laboratórios sobre condições criteriosamente controladas e a uma velocidade vertiginosa. A Evolução Natural deu espaço à *Evolução Artificial*<sup>208</sup>.

Vivemos, hoje, em um mundo híbrido onde o natural e o artificial se confundem. O entendimento tradicional, que antes era atribuído à ideia de natureza, já não dá conta das transformações contemporâneas. A ideia de natureza como o ambiente em que vivemos, mas que não depende de nós para existir, não condiz com as possibilidades que a tecnociência hoje nos oferece. Como lembra a professora-pesquisadora Paula Côrrea Henning,

Desde o advento da modernidade, na curva do século XVII, nossa relação com a natureza mudou. Hoje em tempos contemporâneos, com o campo dos estudos em Educação Ambiental e tantos outros, temos pensado sobre isso. E me parece que esse é o primeiro movimento para experimentarmos outros modos de lidar com a vida, com a humanidade e com o ambiente que nos cerca<sup>209</sup>.

<sup>207</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 114.

<sup>208</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 115.

<sup>209</sup> HENNING, Paula Côrrea. Modos de existir, conviver e se relacionar com a natureza no contexto contemporâneo. **Jornal Eco**. Rio Grande, 3 ed., p. 5, dez 2013.

Talvez seja interessante pensar as relações que estabelecemos com o mundo. Esse parece ser o desejo que move a professora do conto *Provocações* ao cutucar seus alunos com interrogações e afirmativas tão inquietantes. Quando diz que os *seres humanos também fazem parte da natureza*, a professora parece desconstruir ideias que Nico e, que talvez, outros alunos têm como verdades. O garoto desse conto, assim como grande parcela dos sujeitos contemporâneos ocidentais, se vê apartado da natureza. Algumas questões me fazem pensar: Como esse enunciado, que separa o humano do natural, vem sendo produzido? E mais: Que implicações tal enunciado pode ter sobre as relações que estabelecemos com o ambiente? E sobre a formação de um professor de meio ambiente? Inquietações que dão fluidez e velocidade ao pensamento.

#### 4.2 Do terror à sustentabilidade: a natureza como invenção

Depois de marchar por sete dias através das matas, quem vai a Bauci não percebe que já chegou. As finas andas que se elevam do solo a grande distância uma da outra e que se perdem acima das nuvens sustentam a cidade. Sobe-se por escadas. Os habitantes raramente são vistos em terra: têm todo o necessário lá em cima e preferem não descer. Nenhuma parte da cidade toca o solo exceto as longas pernas de flamingo nas quais ela se apóia, e, nos dias luminosos, uma sombra diáfana e angular que se reflete na folhagem./ Há três hipóteses a respeito dos habitantes de Bauci: que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contato; que a amam da forma que era antes de existirem e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência<sup>210</sup>.

Isolados da natureza, *com binóculos e telescópios apontados para baixo, não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência*<sup>211</sup>. Parece ser assim, como se fossem habitantes de Bauci, uma das cidades invisíveis narradas por Marco Pólo ao imperador Kublai Khan (figuras estéticas criadas por Italo Calvino), que muitos indivíduos contemporâneos e ocidentais se relacionam com o ambiente natural. Essa é, todavia, apenas uma das formas de se pensar e de se relacionar com a natureza. *O que entendemos por natureza é apenas um conceito, uma invenção da*

<sup>210</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 73.

<sup>211</sup> Idem, 1990, p. 73.

*humanidade, uma ideia que varia nas diversas formações sociais de acordo com os tipos de saberes nelas gerados*<sup>212</sup>.

É a partir da cultura que, em cada sociedade, os conceitos de natureza vão sendo “inventados” e que as relações entre o homem e o ambiente natural vão sendo tecidas. O professor-pesquisador Leandro Belinasco Guimarães, na esteira do teórico cultural Stuart Hall<sup>213</sup>, entende a cultura como *o conjunto de práticas que imprimem significações sobre o mundo e sobre nós mesmos*<sup>214</sup>. Assim, os diversos artefatos culturais, (revistas, jornais, programas de televisão, músicas, filmes, livros didáticos, etc.) que nos interpelam na vida cotidiana, produzem significações que podem definir nossos modos de ser e de nos colocar no mundo. A partir desse entendimento de cultura, pode-se considerar que as relações que estabelecemos com a natureza resultam de ideias construídas culturalmente que nos dizem “o que é” a natureza e “quais as maneiras” possíveis de nos relacionar com ela<sup>215</sup>.

Ser professora de meio ambiente requer de mim uma atenção sobre o funcionamento dos enunciados de natureza que circulam na contemporaneidade. Por isso, me interrogo: De que maneira os saberes científicos, os artefatos artísticos e, principalmente, as mídias operam nessa “fabricação” da natureza? Que relações entre os sujeitos e a natureza vão sendo tecidas a partir dos discursos legitimados como “verdadeiros” por esses artefatos culturais? Essas são questões que reverberam, não apenas em meus modos de ser-fazer professoral, senão nas maneiras pelas quais eu me relaciono com o mundo.

Os saberes legitimados pelas ciências se constituem como uma engrenagem desse grande mecanismo produtor de entendimentos acerca da natureza que se constitui a cultura. A instituição de áreas de proteção ambiental (Unidades de Conservação), erigidas pelas ciências ecológicas e garantidas pela legislação, por exemplo, vem sendo problematizada como produtora de um modelo *sui generis* de

<sup>212</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 115.

<sup>213</sup> Stuart Hall (1932-2014) foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e trabalhou, a partir da década de 50, no Reino Unido. Junto com outros estudiosos, Stuart Hall fundou uma escola de pensamento conhecida como Estudos Culturais Britânicos.

<sup>214</sup> GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Pesquisas em educação: olhares atentos à cultura. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. (org.). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência**: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 238.

<sup>215</sup> GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Pesquisas em educação: olhares atentos à cultura. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. (org.). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência**: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 240.

natureza. Estas áreas *afirmam a existência de uma única natureza: aquela que deve ser protegida*<sup>216</sup>, fabricando, assim, uma identidade de natureza. Contrariando uma possível garantia da biodiversidade, justificativa usual para criação dessas áreas, tal modelização extrai o humano da natureza ao preconizar que

[...] o que está dentro de uma área está lá desde sempre e para sempre (formas naturais de existência); o que está fora jamais esteve dentro e jamais estará (modos humanos de existência); e o que intermedeia esses mundos, falando por eles ou fazendo-os falar, são os cientistas, as instituições de pesquisa e as leis<sup>217</sup>.

Modelo. Padrão. Referência. Protótipo. Pronuncio silenciosamente essas palavras inquietantes e me pergunto: Seria a natureza passível de uma modelização? Mergulhando nessa indagação, sou logo remetida a uma das tantas ponderações oriundas do pensamento crítico do senhor Palomar, outra figura estética de Italo Calvino:

O modelo é por definição aquele em que **não há nada a modificar**, aquele que funciona com perfeição; ao passo que **a realidade**, vemos bem que ela **não funciona** e que **se esfrangalha** por todos os lados; portanto, resta **obrigá-la a adquirir a forma** do modelo, por bem ou por mal<sup>218</sup> [grifos meus].

E indago mais: Quando assumimos um modelo único de natureza como verdadeiro, não estamos também assumindo um modo padrão de nos relacionarmos com o mundo? Talvez obrigando aos outros e a nós mesmos a enquadrarem-se nesse modelo? Quando modelizamos, corremos um risco: o de reforçar uma subjetividade dominante. Os discursos pedagógicos também podem favorecer uma modelização. Por isso, transitar sobre o terreno da Educação Ambiental requer um olhar atento sobre os múltiplos e, por vezes, sutis mecanismos de “invenção” da natureza.

Assim como a ciência, a arte também pode favorecer a produção de um entendimento de natureza. Em pesquisa realizada por Paula Henning e Virginia Tavares Vieira, observa-se que as pesquisadoras se debruçaram sobre a música pampeana para pensarem a constituição das relações que os sujeitos habitantes da região do Pampa estabelecem com a natureza. Em trechos de algumas dessas músicas, as autoras perceberam enunciados que enaltecem as belezas naturais

<sup>216</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **Perspectiva**. São Paulo. v. 14, n. 4, p. 129-138.out-dez 2000, p. 136.

<sup>217</sup> Idem, 2000, p. 133.

<sup>218</sup> CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p.98.

dessa região, uma ideia romântica da natureza que remete à literatura dos séculos XVIII e XIX; além de uma visão de natureza “verde” da qual o homem não faz parte<sup>219</sup>. Esses enunciados podem reverberar no modo como os sujeitos se relacionam com a natureza, uma vez que

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura. Somente compartilhando os significados que circulam pelas sociedades, seja através das relações de amizade e vizinhança que estabelecemos, dos programas que assistimos na televisão, dos cursos que fazemos, das revistas e livros que lemos, das notícias que escutamos no rádio, é que vamos aprendendo a ver e a ler de determinada forma as coisas do mundo e a estabelecer relações com os outros e com a natureza<sup>220</sup>.

Nem todo artefato artístico é produtor de pensamento. Pelo contrário, alguns, mesmo que não intencionalmente, operam como reprodutores do senso comum, como reforçadores da representação. Há outros, porém, pelos quais me interesso, que potencializam uma ruptura do instituído; que deslocam o pensamento do lugar comum; que funcionam como os furos feitos no guarda-chuva de que fala o escritor Lawrence:

O homem ergue, entre ele e o selvagem caos, algum maravilhoso edifício de sua própria criação, e gradualmente torna-se pálido e rígido embaixo de seu pára-sol. Então ele se torna um poeta, um inimigo da convenção, e faz um furo no guarda-chuva; e oba!, o vislumbre do caos é uma visão, uma janela para o sol [...] <sup>221</sup>.

Essas palavras de Lawrence me tocam. Ensimesmada, pergunto: Além dos poetas e de outros artistas, não poderiam também alguns professores fazerem *furos no guarda-chuva*<sup>222</sup>, rupturas no senso comum? Tornarem-se como que *inimigos da convenção* e, em suas práticas pedagógicas, romperem com as formatações, com as modelizações? Vou mais adiante!

<sup>219</sup> VIEIRA, Virginia Tavares; HENNING, Paula Corrêa. Os modos de fabricar a Natureza do Rio Grande do Sul na música pampeana. In: X ANPED Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, UDESC, 10, 2014, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/857-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/857-0.pdf). Acesso em: 15 jun. 2017.

<sup>220</sup> GUIMARÃES, Leandro Belinasco. A natureza na arena cultural. **Jornal A Página**. Portugal, ano 15, n. 155, p. 7, abr 2006.

<sup>221</sup> LAWRENCE, David Hebert. **O caos da poesia**. In: TADEU, Tomas (trad.). O caos da poesia. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,818.html>. Acesso em: 28 jun. 2017.

<sup>222</sup> Idem, 2017.

Na lareira, a seiva fervilhante da lenha de eucalipto chia exposta ao calor do fogo. Lá fora, estrelas começam a brotar no firmamento. Sapos-boi cantam à beira do açude. Galhos da acácia mimosa, embalados pelo vento, arranham as telhas de barro da velha casa. O quase exílio do anoitecer na pequena chácara favorece a leitura e a escrita. No aconchego da sala, numa poltrona gasta pelos anos de uso, acomodo o corpo. Descanso os pés, vestidos em grossas meias de lã, sobre uma banquetta de madeira. Retiro da mochila textos que foram escritos por minhas alunas do Programa Mulheres Mil. Leio. Releio. Penso. Escrevo. Nesses deslocamentos, percebo que alguns textos relatam a importância de um cuidado com a natureza; uma natureza que parece estar em constante ameaça pela presença humana. Penso para mim mesma: "De que modo essa perspectiva salvacionista da natureza vem sendo produzida? E ainda: Que reverberações essa ideia de 'salvar a natureza' tem sobre nossos modos de agir e pensar?" Uma mão quente me afaga os cabelos. Percebo que o cansaço se apodera de meu corpo. Mas antes de encerrar aquele momento de estudo, rabisco palavras isoladas no caderno de campo: natureza, medo, culpa, salvação, futuro. Sinto que, daquelas palavras, evoluem intensidades, forças propulsoras de criação. Rumino aquelas palavras e ideias por algumas semanas. A partir delas, escrevo um conto, uma mistura de realidade e ficção.

### **O futuro do planeta**

Chega esbaforido no colégio. Mal atravessa o portão principal, é surpreendido. O que faz toda essa gente perambulando por aqui? Pergunta-se, ao ver alunos e professores transitando de um lado para outro. É um pouco míope, mas consegue, na imagem borrada que se forma ao longe, distinguir alguns colegas de turma que acompanham um professor. O mestre, distraído, sabe-se lá com o que, não percebe sua aproximação. Sorrateiramente, infiltra-se no grupo. Depois de alguns segundos, consegue captar fragmentos

do cenário que o cerca. Dá-se conta de que, naquela semana, seria comemorado o dia do meio ambiente. Essa era a única época do ano em que as paredes cinzentas daquela escola eram cobertas por cartolinas de um verde pálido. Nesse pano de fundo monocromático, vê anexadas reportagens de jornais e de revistas, todas relacionadas com a temática ambiental. Em letras garrafais, cada cartaz estampa uma frase impactante que tem a ver com a reportagem ali apregoada. A ÁGUA VAI ACABAR. AS GELEIRAS ESTÃO DERRETENDO. A TEMPERATURA DO PLANETA NÃO PARA DE AUMENTAR. PLANTAS E ANIMAIS SERÃO EXTINTOS. A TERRA ESTÁ EM PERIGO. SEJA SUSTENTÁVEL! O FUTURO DO PLANETA ESTÁ EM SUAS MÃOS. Como anotações feitas em *post-it*, as mensagens parecem querer lembrar aqueles que as leem de suas responsabilidades frente à problemática ambiental. Vez por outra, o professor para diante de um cartaz e faz alguns comentários acerca do que ali é comunicado. Os enunciados dos cartazes se compõem com a narrativa do professor. Essa composição atravessa seu corpo, deixando nele um mal-estar. Sente culpa ao lembrar a torneira que esqueceu aberta, o banho quente que desfrutou, as árvores que não plantou, o lixo que não separou, a lâmpada LED e a *ecobag* que não comprou... E também sente medo diante da possibilidade da vida humana não resistir a tamanho desequilíbrio ecológico. Procura recompor-se afirmando para si mesmo. "Mas ainda dá tempo!" E contemplando as palmas das próprias mãos se convence de que: "O futuro do planeta está bem aqui!". Agora, sente-se animado.

\*\*\*

Se faço o conto *O futuro do planeta* irromper nessa escrita é porque pretendo, por meio dele, suscitar um olhar crítico sobre algumas enunciações acerca da natureza que, na contemporaneidade, vêm sendo produzidas pelas mídias. Artefatos midiáticos que alcançam uma quantidade expressiva de sujeitos ou, nos termos de

Guattari, as *mass mídias*<sup>223</sup> são instrumentos-chave na produção das subjetividades. Por isso, alguns pesquisadores do campo da Educação Ambiental têm direcionado suas investigações para esses artefatos.

Em outro estudo realizado por Paula Henning, agora em parceria com Bárbara Hees Garré, percebe-se que as autoras problematizam a contribuição de discursos midiáticos que atualizam o enunciado catastrófico do planeta Terra para a subjetivação de sujeitos<sup>224</sup>. Segundo as pesquisadoras, enunciações do fim da vida no planeta não são novidades, pelo contrário, os enunciados catastróficos tornaram-se uma *marca no campo ambiental*<sup>225</sup>. Na mesma esteira do pensamento das autoras, o pesquisador Paulo Rodrigues Santos escreve que

A natureza é objetivada ora de uma forma, ora de outra; o que ela é resulta de processos diferentes de objetivação. A ideia de uma natureza frágil, de uma natureza carente, ameaçada, é uma peça fundamental em uma subjetivação que tem como valor central sua preservação. Essa natureza frágil, carente de cuidados, deve ser apreendida como produto nuclear de uma fabricação discursiva que diz e faz dizer, que vê e faz ver verdades sobre ela<sup>226</sup>.

A pesquisa desenvolvida por Garré e Henning não pretende avaliar a veracidade dos enunciados catastróficos difundidos pela mídia, senão tensionar as formas pelas quais eles se apresentam na atualidade. Para tanto, as pesquisadoras debruçaram-se sobre reportagens, que versavam acerca da temática ambiental, publicadas na capa de algumas edições da Revista *Veja*, revista com maior número de exemplares distribuídos no Brasil<sup>227</sup>. Nas publicações analisadas, as autoras perceberam que a atualização do enunciado catastrófico ambiental se dava a partir de apelos ao consumo consciente ou ao consumo sustentável<sup>228</sup>. Nada escapa da constante captura do CMI! E aqui tomo emprestado as inquietações com as quais as autoras encerram a escrita do artigo em que sua pesquisa foi publicada:

Consumir de modo sustentável, de modo consciente, causando menos impacto ao meio ambiente – estaria aqui a possibilidade de salvar a Terra?

<sup>223</sup> GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 11-12

<sup>224</sup> GARRÉ, Bárbara Hees e HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 16, n. 3, p. 426-439, set-dez 2014, p. 426.

<sup>225</sup> Idem, 2014, p. 431.

<sup>226</sup> SANTOS, Paulo Rodrigues dos. Meio Ambiente, verdade e governamentalidade. In.: GADELHA, Sylvio; PULINO, Lúcia Helena (org.). **Biopolítica, Escola e Resistência**: infâncias para a formação de professores Campinas: Alínea. p. 79-88.

<sup>227</sup> GARRÉ, Bárbara Hees e HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 16, n. 3, p. 426-439, set-dez 2014, p. 432.

<sup>228</sup> Idem, 2014, p. 437.

[...] Como não participar dessa onda verde em prol da vida do planeta? Como não consumir produtos que reduzam os impactos ambientais? Como ficar indiferente ao quadro calamitoso que está se desenhando? Como não agirmos, não fazermos a nossa parte<sup>229</sup>?

*A água vai acabar. As geleiras estão derretendo. A temperatura do planeta não para de aumentar. Plantas e animais serão extintos. A Terra está em perigo.* Não é por nada que esses enunciados atravessam o corpo do personagem do conto *O futuro do planeta* deixando nele um mal-estar. Porém, mais do que despertar a atenção dos sujeitos para crise ambiental contemporânea, esses enunciados podem servir como fortalecedores do neocapitalismo.

Sabedor dos efeitos que tais enunciados podem causar nos sujeitos, o CMI apodera-se deles para, por meio das mídias de massa, fabricar modos de ser e agir voltados para o consumo; modos de ser e agir economicamente lucrativos. Talvez, por isso, o personagem desse conto se sinta culpado ao *lembrar a torneira que esqueceu aberta, o banho quente que desfrutou, as árvores que não plantou, o lixo que não separou, a lâmpada LED e a ecobag que não comprou....* Repensar nossas relações de consumo. Será esta a única saída para a crise atual? E quanto às relações que estabelecemos com os outros e com nós mesmos? Talvez o consumo seja apenas um ponto, uma unidade da miríade de conflitos que compõem essa crise.

Contudo, os enunciados apocalípticos que atravessam o personagem do conto *O futuro do planeta* não marcam seu corpo apenas pela culpa. O personagem também sente medo, [...] *medo diante da possibilidade da vida humana não resistir a tamanho desequilíbrio ecológico.* Por meio dos discursos de periculosidade e medo, as mídias vão fabricando o que Henning chama de *modos ecológicos de vida*<sup>230</sup>. Dito de outra forma, ao instituírem uma política do medo e da periculosidade, as mídias vão persuadindo os sujeitos a agirem em prol da “salvação” do planeta.

Longe de pôr em cheque a validade de ações que visem à preservação do ambiente natural, a intenção aqui é problematizar essa modelagem subjetiva exercida pelas mídias. Ao assumirem esses modos ecológicos de vida fabricados

<sup>229</sup> GARRÉ, Bárbara Hees e HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja. Educação Temática Digital*. Campinas, v. 16, n. 3, p. 426-439, set-dez 2014, 2014, p. 437.

<sup>230</sup> HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org.). **Ecologias Inventivas**: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 243.

pela mídia, os sujeitos o fazem por entenderem que integram o meio ambiente ou por temerem consequências catastróficas<sup>231</sup>? Talvez, para além de uma política do terrorismo, a problemática ambiental requeira um novo olhar às relações que os sujeitos estabelecem com o mundo.

Ainda sobre o conto *O futuro do planeta*, é possível perceber que, entre as mensagens e reportagens que enunciam a eminência de uma hecatombe ecológica, emerge uma “solução”: a sustentabilidade. *Seja sustentável! O futuro do planeta está em suas mãos*. Se os enunciados anteriores culpabilizam e amedrontam o personagem do conto, crer que salvará o planeta com suas próprias mãos não apenas alivia seu mal-estar como lhe devolve o ânimo. Bastaria, então, uma mudança em nossas ações individuais para sanar a crise atual? Essa me parece uma questão bem mais abrangente.

Figura 3: Logotipo Programa Mulheres Mil.



Fonte: Portal do Ministério da Educação e Cultura brasileiro<sup>232</sup>.

Os apelos à sustentabilidade, que circulam nas mídias e em projetos sociais, também podem ser pensados como um propulsor de expansão do CMI. Cabe salientar, que o *Programa Mulheres Mil*, do qual participei como professora, traz em seu logotipo esse apelo ao “desenvolvimento sustentável” (Figura 3). Se por um lado, o discurso catastrófico que vislumbra o fim da vida no planeta pode atravessar os sujeitos gerando culpa e medo, a possibilidade de “salvar” o planeta, tornando-se “sustentável”, surge como um antídoto<sup>233</sup>. Nas palavras de Guimarães,

A sensação do risco se “amortece” na produção de um “novo” *valor* que apenas está começando a ser construído e disseminado pelas sociedades. Trata-se do *valor econômico* de ser “verde” (facilmente mensurável, consumível e controlável), que *exige* um sujeito responsável pelo planeta e,

<sup>231</sup> HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org.). **Ecologias Inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 246.

<sup>232</sup> BRASIL, Ministério da Educação. **Logotipo Programa Mulheres Mil**. Disponível: <http://mulheresmil.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

<sup>233</sup> GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”. In.: 4º SBECE - SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, ULBRA, 4, 2011, Canoas, **Anais**. Canoas: ULBRA, 2011, p. 7.

portanto, consumidor de produtos (e, principalmente, de mundos), certificadamente, “verdes”. Um *novo* mundo de negócios parece se abrir, um *novo* humano se produzir<sup>234</sup> [grifos do autor].

Além dos lucros econômicos advindos da comercialização de bens e serviços “verdes”, os enunciados de sustentabilidade favorecem os interesses capitalísticos na medida em que instituem formas de “ser sustentável” em várias instâncias da vida cotidiana. *Agora, em nossas vidas diárias também precisamos controlar nossos passos, reduzir nossa “pegada”, otimizar, portanto, nosso cotidiano de sujeira deixando-o mais “limpo”, mais “verde”*<sup>235</sup> [grifos do autor], acrescenta Guimarães.

Em suma, as mídias de massa se constituem como uma potente ferramenta na produção de modos de vida, e na legitimação de verdades. A verdade, contudo, pode também ser entendida como uma fabricação, uma produção dos discursos que circulam como verdadeiros. Com isso, nossas escolhas acabam nem sempre sendo privadas; pelo contrário, não raramente, elas são *governadas por um conjunto de valores*<sup>236</sup>. que nos cerca e nos conduz a determinadas maneiras de agir e pensar.

A verdade é o resultado de uma fabricação. Sendo a verdade um produto, terá ela um prazo de validade? Parece que sim. Quantos ditos, hoje considerados como verdadeiros, serão amanhã invalidados? Aqui pouco importa distinguir o falso do verdadeiro. E, nesses devaneios, imagino uma voz rouca e masculina a me dizer: *da verdade não quero mais que a vida*<sup>237</sup>. É Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, que comigo fala em pensamento.

É a partir das verdades inventadas sobre a natureza que os sujeitos se relacionam com ela. Transitando entre perspectivas antropocêntricas e salvacionistas, vamos dominando, reconfigurando, deteriorando, temendo, protegendo o que convencionamos chamar de natureza. À primeira vista, o antropocentrismo e o salvacionismo podem parecer antagônicos, mas há neles um ponto em comum: ambos concebem o homem como um ser vivo apartado da

---

<sup>234</sup> GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”. In.: 4º SBECE - SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, ULBRA, 4, 2011, Canoas, **Anais**. Canoas: ULBRA, 2011, p. 7-8.

<sup>235</sup> Idem, 2011, p. 7-8.

<sup>236</sup> HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org.). **Ecologias Inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 240.

<sup>237</sup> PESSOA, Fernando. **Da verdade não quero mais que a vida**. Disponível em: <http://direitoeavesso-pepa.blogspot.com.br/2010/01/fernando-pessoaricardo-reis-da-verdade.html>. Acesso em: 29 jun. 2017.

natureza. Como se o homem estivesse acima da natureza, e não fazendo parte dela<sup>238</sup>; separados do restante da natureza como os habitantes de *Baucif*<sup>239</sup>, cidade invisível inventada por Italo Calvino, sobre os quais escrevo nas primeiras linhas deste subcapítulo.

Contudo, nem só o antropocentrismo ou salvacionismo regem as relações entre os sujeitos e a natureza. Na sociedade dos canaques, sobre a qual discorro no capítulo *Travessias de um corpo em formação*, os sujeitos são entendidos como parte integrante da natureza. Não há para os canaques uma distinção entre o corpo do homem e a natureza. Não seríamos todos integrantes dessa natureza, na medida em que a sua reconfiguração altera também nossos corpos e subjetividades?

A crise ecológica de nossos tempos não decorre apenas da deterioração do ambiente natural, senão de uma vertiginosa degradação das relações sociais e das subjetividades. Assim, para além da disseminação de discursos aterrorizantes ou de apelos ao consumo sustentável, talvez essa crise requeira a invenção de novos modos relacionais. Quem sabe exercitar *uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e de criação diante da crise ambiental que se instala*<sup>240</sup>? Talvez seja aceitar o convite de Guattari e, a partir de suas ideias ecosóficas, ressingularizar em pequenas ações diárias na escola, na família, no trabalho, etc. É por ter aceito esse convite que me engajo nesta pesquisa. E, no capítulo que segue, lanço o corpo na fluidez do pensamento ecosófico desse filósofo.

---

<sup>238</sup> DODSWORTH-MAGNAVITA, Alexey. A filosofia para questões urgentes. **Revista Filosofia, Ciência & Vida**: São Paulo, ano VI, n. 72, p. 14-22, 2012, p. 21.

<sup>239</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 73.

<sup>240</sup> HENNING, Paula Córrea. Modos de existir, conviver e se relacionar com a natureza no contexto contemporâneo. **Jornal Eco**. Rio Grande, 3 ed., p. 5, dez 2013.

## 5 ECOSOFIA: tecer-se na ética, na política e na estética

Para iniciar esta conversa sobre ecosofia, escolhi a Figura 4, que é um recorte das experimentações que tenho feito em minhas andanças pelos caminhos da filosofia, da arte e da educação. Esta imagem talvez dê uma ideia sobre o que é narrado no próximo conto, intitulado *Enredar-se numa teia*, e também sobre o pensamento de Guattari acerca da crise contemporânea e da invenção de estratégias que nos ajudem a enfrentá-la.

Figura 4: Experimentações feitas em uma aula de meio ambiente.



Fonte: Elaborado pela autora.

Abri os braços igual fazem os equilibristas sobre a corda bamba. Com a ponta de um dos pés, vasculhei a superfície limosa da rocha. Sentindo a pedra menos escorregadia do que havia imaginado, pisei-a com delicadeza. Lenta e cautelosamente, avancei até a laje de pedra que margeava o arroio. Indiferente à dureza e à aspereza do solo, deitei o corpo sobre a rocha plana e morna. Estiquei braços e pernas o máximo que pude. Olhei para o alto. No céu, nuvens *cumulus* eram carregadas ao sabor do vento. Observei o deslocamento das nuvens. Sentia

a mente movimentar-se. Ensimesmada, metia-me em pensamentos em forma de vapor. Estar naquele lugar me remetia às aulas que dera no *Programa Mulheres Mil*. Lembrei-me de um passeio que foi feito ali. Das conversas que tivemos às margens daquele arroio e também em sala de aula. Da teia de barbante que tecemos em nossa primeira aula. Do estranhamento que ouvir versos de um poema numa aula de meio ambiente provocava em algumas daquelas mulheres. Do quanto lhes parecia esquisito falar sobre a vida em nossas aulas. "Quão provocante tem sido, também para mim, a experiência de produzir um pensamento pela arte e pela filosofia!" – exclamei para mim mesma. Erguendo o tronco vagarosamente, me coloquei sentada. Fitei a água que corria veloz por entre as pedras. Desejei escrever sobre aqueles tempos em que estive junto às mulheres-mil. Não para narrar eventos ou para contar histórias, mas para ficcionar com a realidade. E, quem sabe, a partir da escrita, tensionar o pensamento sobre minha formação.

#### **Enredar-se numa teia**

Era a nossa primeira aula de meio ambiente. Eu estava exausta. Trabalhar, estudar, ser mãe, dona de casa, chefe de família exauria as energias deste meu corpo já mais que balzaquiano. Cheguei a traçar mentalmente uma tática de fuga. Fugir, nem que fosse por um dia. Ir para casa e não pensar em nada. Impossível! Certamente, à minha espera estaria o caçula, pronto a repreender-me pela indisciplina. "A senhora diz que tenho que estudar pra ter um futuro melhor e fica matando aula!", imaginei meu pequeno a bronquear.

Minhas colegas, todas mulheres, pareciam eletrizadas naquele dia. Pensando bem, quase todos os dias elas pareciam assim. Eu, talvez por conta das *flores de sangue*<sup>241</sup>, me via

---

<sup>241</sup> Em sua obra *A desumanização*, Valter Hugo Mãe se refere de forma poética ao período menstrual como *as flores de sangue*. *Foi a essa altura, com onze anos, que me vieram as flores de sangue. [...] A minha mãe disse que era um pequeno vulcão. São as flores das mulheres. São sangue. São de lume*, Conta Halla, figura estética criada pelo escritor português.

introspectiva. Silenciosa, sentada em uma carteira escolar, a olhar por uma janela, afundada em meus pensamentos. Pensava nos meus filhos, no que cozinharía para o dia seguinte, nas coisas do trabalho, nas contas a pagar...

O som de passos pesados me trouxe à tona. Era o professor que acabara de adentrar na sala. Ele anunciou sua chegada com um tímido "olá". A maioria das minhas colegas sequer notou aquela presença masculina. Alguém verbalizou um "oi", mas creio que o fez quase como um autômato. E eu fiquei atenta, inspecionava-o.

Parecia jovem. Talvez fosse um pouco mais velho do que meu primogênito. Cachos castanhos lhe caíam até os ombros e só não lhe encobriam a visão por conta da tiara que usava. A barba por fazer. O corpo era largo, forte e um pouco mais alto do que o meu. Longos e roliços braços tatuados. Carregava nas costas uma mochila enorme, como quem vai acampar. Vestia um jeans esfarrapado nos joelhos, uma camiseta desbotada, um coturno empoeirado.

Um tanto quanto amuada, avaliei: "O que esse guri vai querer me ensinar? Já sei: Temos que separar o lixo, não devemos gastar muita água, precisamos cuidar dos animais e blábláblá! Enquanto isso, quem se preocupa com as contas que tenho que pagar? Eu deveria estar em casa, isso sim!" – Suspirei dominada pela casmurrice.

Ele começou a falar. Disse "boa noite" e informou o seu nome. Chamava-se Ernani. Agora falava num tom alto e grave. "Voz de radialista!" – pensei ao ouvi-lo. Desta vez a mulherada estava atenta. Pareciam tão surpresas quanto eu diante da jovialidade daquele professor.

Na mão esquerda, o professor Ernani trazia um rolo de barbante. E nos convidou a participar uma dinâmica. A Rosa saltou da cadeira e disse:

– Eu não vou sair daqui! To móida e só quero ficar sentada!

Os resmungos da Rosa não o abalaram. Ele disse que todas poderiam ficar sentadas, se assim desejassem. Também explicou a que se referia a tal dinâmica. Teríamos que dizer o nosso nome e, depois, falar sobre um problema ambiental da nossa cidade. Achei estranho. Começou um burburinho. Ele fez um "psiu", colocando o dedo indicador na frente de sua bocarra. A mulherada se aquietou depois de alguns segundos. O professor prosseguiu com a explicação. Disse que depois de falarmos o nome e de explicarmos o problema ambiental, teríamos que enrolar o barbante no dedo da mão e passar o rolo para uma colega que deveria fazer tudo de novo: dizer o nome, falar sobre o problema, amarrar o barbante no dedo e passar o rolo a diante. Parecia simples!

Enquanto algumas mulheres resmungavam e outras davam risadinhas, Camélia levantou o braço e gritou:

– Eu começo!

Uma voz vinda do fundo da sala gritou:

– ASSANHADA!

Camélia ergueu o corpo, virou-se para trás e de sua boca, tipicamente rebocada num batom lilás, voou um beijo pelo ar.

– Invejosas! – Retorquiu Camélia, cheia de si, enquanto caminhava em direção ao professor.

Ela pegou o rolo de barbante da mão do professor, voltou para a cadeira onde estava sentada antes e disse:

– Meu nome é Maria Camélia Silva da Silva, tenho 45 anos, sou separada, tenho 4 filhos que eu criei sozinha e o problema... Acho que é o lixo. A cidade anda muito suja, professor!

Enquanto Camélia falava, eu pensava: "O que tem a ver a vida dela com os problemas do meio ambiente? Elas nem prestam a atenção no que os professores falam!"

Camélia amarrou o dedo e passou o rolo de barbante para Dália que enrolou a cordinha no mindinho e disse:

– Sou Dália e o problema são as drogas.

Santa Margarida largou uma gaitada. Seus dentes brancos como a lua combinavam com sua pele negra como a noite. Desdenhosa, Margarida falou:

– Nada a ver, mulher! O que drogas têm a ver com a natureza?

Pressentindo o início de uma desavença, o professor Ernani logo interveio. Com seu vozeirão, começou a esclarecer que não havia respostas certas e nem erradas. “Como assim não tem uma resposta certa?” – Me interroguei sem proferir qualquer palavra. E disse mais:

– Tudo que nos causa mal é um problema ambiental.

Por alguns segundos, deitou um silêncio na sala. Dália sacudiu os ombros e passou o rolo adiante. Santa Margarida começou a falar sobre briga de vizinhos. E a mulherada enveredou o assunto para enchente, mosquito, fila do SUS, fofoca de parente, alcoolismo do ex-marido, ônibus lotado, assalto...

Até que o rolo de barbante chegou as minhas mãos. Eu disse meu nome, mas engasguei ao falar sobre o problema. Disse “violência doméstica” e, subitamente, calei. Senti um nó na garganta, um aperto no peito e um calorão no rosto. Sufoquei com as lembranças. Identificando minha tristeza e constrangimento, o professor Ernani pediu-me apenas para passar o rolo a outra aluna. Foi quando o meu olhar se encontrou com o dele. Seus olhos pareciam feitos de vidro. Eram como a escotilha de um barco, através da qual eu via o céu azul da praia do Cassino. Um azul que me apaziguava. Entreguei o rolo para uma colega e a dinâmica prosseguiu.

Junto com a mulherada, falando sobre todo tipo de problema (do bairro, da cidade e da vida), o professor Ernani ia conversando. Ele falava sobre filmes, livros, notícias de jornal... Até sobre poesia ele falou! Se não fosse pelas linhas de barbante que se cruzavam pela sala, eu diria que estávamos numa roda de chimarrão. Mate doce como eu costumava

tomar com a minha avó enquanto jogávamos conversa fora sob a sombra das figueiras.

Os ponteiros do relógio pareciam acelerar. Já estávamos quase ao final daquela aula. Quando me dei conta, tínhamos construído uma teia. E estávamos todas enredadas naqueles fios. Mas ainda faltava o professor Ernani. Ele foi o último a receber o barbante. Depois de amarrá-lo no dedo, ele disse que, na natureza, tudo estava ligado, igualzinho àquela teia. Que os problemas ambientais também tinham a ver com o social e com o metal. De repente, sua fala foi interrompida. Empolgadíssima, a Dália comparou o professor a um pastor da igreja que ela frequentava. E, ainda, convidou o professor Ernani para evangelizar. Ele sorriu, balançou a cabeça de leve, e disse que não estava falando sobre e nem em nome de nenhuma religião. O professor Ernani disse que sua fala estava mais próxima da filosofia e da arte do que de crenças religiosas. Mas que aquela seria uma conversa para a próxima aula. A aula daquela noite chegara ao fim.

"Filosofia? Arte? O que isso tem a ver com meio ambiente?" Eu me perguntava mentalmente. Mesmo confusa, eu queria saber mais sobre aquilo que o professor Ernani falava. Sentia-me capturada, como se fosse um inseto preso àquela teia. Anotei esse pensamento esquisito na capa do meu caderno.

Nos desvencilhamos dos fios de barbante. Algumas mulheres foram saindo da sala, mas outras pareciam tão presas quanto eu as suas inquietações. Era custoso para algumas de nós sair dali. As mais desinibidas foram conversar com o professor. Algumas queriam falar mais sobre seus problemas, sobre os "barbantes enredados" em suas vidas. Eu também desejava permanecer ali, nem que fosse só para ouvir mais um pouco. Mas se ficasse, perderia o ônibus. E um atraso deixaria meus filhos preocupados. Mesmo contrariada, disse "tchau" e saí.

Só quando já estava no ônibus, voltando para casa, me dei conta de que, em nenhum momento, o professor Ernani havia

prescrito orientações sobre separação de lixo, economia da água e proteção aos animais. Nunca havia pensado que falar sobre a vida era também falar sobre o meio ambiente. Fiquei imaginando quais seriam as surpresas que eu teria na próxima aula.

\*\*\*

## 5.1 Que crise é essa?!

No livro *As três ecologias*, Guattari salienta que, embora o planeta esteja *vivendo um período de intensas transformações técnico científicas*<sup>242</sup>, também enfrenta um enorme desequilíbrio ecológico que, caso não seja remediado, ameaça a manutenção da vida numa escala mundial. Contudo, para o pensador francês, esse desequilíbrio não está relacionado apenas com os danos ao ambiente físico, mas também com a deterioração dos modos de vida, pois

É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica — que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza<sup>243</sup>.

Segundo Guattari, a vida contemporânea encontra-se imersa em uma crise multifacetada. De forma análoga à poluição que degrada os ecossistemas, a miséria, a fome, o racismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia, as doenças psicológicas e tantas outras tensões sociais e comportamentais, intoxicam e degeneram os corpos e subjetividades por toda a superfície do globo<sup>244</sup>. Assim, algumas das questões relatadas pelas alunas do conto *Enredar-se numa teia*, a saber: *fila do SUS, fofoca de parente, alcoolismo do ex-marido, ônibus lotado, assalto*, entre outras, também compõem a crise de nossos tempos.

Essa crise decorre de uma padronização dos comportamentos que tende a reduzir as relações sociais ao mínimo. Por quase todo o lugar que se passa, vê-se uma repetição redundante de imagens e comportamentos<sup>245</sup>; *mesmo ideal de status, mesmas modas, mesmo rock*<sup>246</sup>. Quase sempre um mais do mesmo! É como se

---

<sup>242</sup> GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 7.

<sup>243</sup> Iden, 2012, p. 8.

<sup>244</sup> Iden, 2012, p. 13.

<sup>245</sup> Iden, 2012, p. 8.

<sup>246</sup> Iden, 2012, p. 11.

estivéssemos sempre a desembarcar em *Grude*, outra cidade inventada por Italo Calvino:

Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. As ruas do centro exibiam mercadorias embalagens rótulos que não variavam em nada. Era a primeira vez que vinha à Trude, mas já conhecia o hotel em que por acaso me hospedei; já tinha ouvido e dito os meus diálogos com os compradores e vendedores de sucata; terminara outros dias iguais àquele olhando através dos mesmos copos os mesmos umbigos ondulantes. / Por que vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir. / – Pode partir quando quiser – disseram-me -, mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é coberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome do aeroporto<sup>247</sup>.

Paisagens, diálogos, comportamentos formatados. Quase tudo na vida contemporânea parece favorecer a repetição, a reprodução de cópias, a representação do que o mercado anuncia. Destes encontros com a filosofia de Guattari e a literatura de Italo Calvino, suscitam forças que inquietam meu corpo. Questiono: Como poderia um professor escapar desse modo de vida? Talvez repensar a própria formação, exercitar um olhar para si mesmo e para o mundo, seja um escape provisório. Não é que outra vez as palavras de Italo Calvino vêm surpreender-me! E o escritor me diz: [...] *antes de nos metermos a observar os outros deveríamos nos conhecer melhor*<sup>248</sup>.

No contexto da crise atual, inúmeras correntes ambientalistas defendem com afinco a preservação da biodiversidade no planeta, enquanto poucos se engajam nas lutas em defesa da diversidade cultural, dos direitos humanos e da multiplicidade<sup>249</sup>. Estranhamente, defende-se a diversidade daquilo que se convencionou chamar de natureza, porém, não se toleram as diferenças existentes entre as pessoas. Ecoa nas relações sociais o entendimento de uma natureza da qual o humano não faz parte. Não se trata de refutar a legitimidade dos movimentos ambientalistas, mas de pensar as questões ecológicas para além da preservação dos solos, da atmosfera, dos recursos hídricos, etc. O que está em jogo é a vida

<sup>247</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 118.

<sup>248</sup> CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 196.

<sup>249</sup> DODSWORTH-MAGNAVITA, Alexey. A filosofia para questões urgentes. **Revista Filosofia, Ciência & Vida**: São Paulo, ano VI, n. 72, p. 14-22, 2012, p. 22.

sobre a superfície terrestre como um todo, seja nas relações que estabelecemos com o ambiente físico, com os outros sujeitos ou com nós mesmos.

Assim como a proliferação excessiva de algas pode comprometer a vida em um ecossistema aquático, problemáticas sociais, como as descritas por Guattari no seguinte excerto, ameaçam a vida humana:

Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc., para "renová-los", aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar *homeless*, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental<sup>250</sup> [grifos do autor].

Críticas como esta foram formuladas por Guattari há quase 30 anos, todavia, parece que pouco tem sido feito para reverter tais cenários de deterioração. A recente eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos leva a crer que questões dessa ordem tendem a se agravar cada vez mais. Então, por que se permite e se estimula essa *liberdade de proliferação*<sup>251</sup>, como nos disse Guattari, para homens como Trump? Talvez a resposta esteja nos interesses capitalísticos que, em nossos tempos, ditam as regras não apenas da economia, mas também das produções de subjetividades.

Em meio as denúncias que faz sobre as tantas facetas da crise atual, Guattari fala sobre a situação das mulheres e dos jovens. Algo que me interessa trazer para esta cartografia, uma vez que trabalhei dando aula para esses atores. Para Guattari, *em escala global, a condição feminina está longe de ter melhorado. A exploração do trabalho feminino, correlativa a do trabalho das crianças, nada tem a invejar aos piores períodos do século XIX*<sup>252</sup>. Parece pertinente incluir na fala de Guattari a questão da violência doméstica (física e psicológica) que faz tantas mulheres, como a personagem do conto *Enredar-se numa teia*, engasgadas e sufocadas pelo desespero de serem agredidas.

Escrever sobre a precariedade da condição feminina na contemporaneidade, me remete aos versos do poema *Maria-pelego-preto* de Manoel de Barros:

Maria-pelego-preto, moça de 18 anos, era abundante de pelos no pente. A gente pagava para ver o fenômeno. A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do umbigo. Era uma romaria chimite! Na porta o pai entredado recebendo as entradas... Um senhor respeitável disse que aquilo era uma

<sup>250</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 25.

<sup>251</sup> Idem, 2012, p. 25.

<sup>252</sup> Idem, 2012, p. 25.

indignidade e um desrespeito às instituições da família e da Pátria! Mas parece que era fome<sup>253</sup>.

Quantas Marias-pelego-preto não de existir por aí? Meninas e mulheres a cobrirem o rosto talvez por vergonha de uma condição que lhes fora imposta; talvez para não testemunharem as agressões e abusos que sofrem. Não estará a dignidade humana tão ou mais ameaçada de extinção quanto espécimes da flora e da fauna?

A juventude, por sua vez, embora seja um dos principais alvos de manipulação da mídia, não deixa de desenvolver suas próprias singularizações. A exemplo disso, Guattari fala sobre a cultura *rock* como promotora de *uma espécie de culto iniciático que confere uma pseudoidentidade cultural a massas consideráveis de jovens, permitindo lhes constituir um mínimo de Territórios existenciais*<sup>254</sup>.

Atualizando essa ideia, pode-se pensar a cultura *hip-hop* como um movimento de esquiva praticado por jovens, principalmente aqueles que vivem em subúrbios, que se opõem às subjetividades hegemônicas. A pesquisadora Camila Marques fala do *hip-hop* como um movimento social no qual os sujeitos constroem subjetividades *dentro de uma cultura própria, em que a arte, a pintura, a música, a dança e a rima servem como formas de denúncia e de resistência a um discurso interpretativo dominante e a uma posição desigual na sociedade*<sup>255</sup>. No estudo da autora, percebe-se que, mesmo se constituindo como um movimento de subversão, a cultura *hip-hop* vem sendo capturada pelo CMI, especialmente no que tange ao consumo de uma moda ditada e produzida por grifes.

Mesmo ciente dessa capacidade do CMI de apropriar-se de modos de existência, não se pode perder de vista que a música, assim como outros artefatos artísticos, são potentes ferramentas na produção de pensamento. Por isso, falar sobre a problemática ambiental por meio do cinema, da literatura, da poesia, como faz o professor do conto *Enredar-se numa teia*, talvez viabilize algumas fugas provisórias deste capitalismo feroz.

Pensar na potência de prosas e versos literários me conduz às palavras de

<sup>253</sup> BARROS, Manoel. **Poemas Concebidos sem pecado**. In: Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: LeYa, 2013, p. 18.

<sup>254</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 14.

<sup>255</sup> MARQUES, Camila. Experiência estética e subjetividade política: consumo de moda no movimento social *hip-hop*. In: 10º Colóquio de Moda, 7ª Edição Internacional, 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, UCS, 10, 2014, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: UCS, 2014. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda\\_2014/ARTIGOS-DE-GT/GT02-CONSUMO-DE-MODA/GT-2-EXPERIENCIA-ESTETICA-E-SUBJETIVIDADE-POLITICA.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/ARTIGOS-DE-GT/GT02-CONSUMO-DE-MODA/GT-2-EXPERIENCIA-ESTETICA-E-SUBJETIVIDADE-POLITICA.pdf). Acesso em > 26 jul. 2017.

Halla, figura estética criada por Valter Hugo Mãe para narrar a obra *A desumanização*. Em um trecho desse livro, Halla diz: *Às vezes um poema se acende como um candeeiro dentro da cabeça. Fica-se a ver muito bem o que até então não se vira*<sup>256</sup>. Quantos pensamentos que compartilho nesta pesquisa emergem das experimentações que faço com a arte! Experimentar a arte e a filosofia como formação transforma o modo como entendo e como me coloco no mundo.

A crise contemporânea se constitui a partir de conflitos sociais, ambientais e subjetivos que não apenas decorrem de interesses capitalísticos, mas que também os fortalecem. *A instauração em longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece [...] fazer parte integrante do monstruoso sistema de “estimulação” do Capitalismo Mundial Integrado (CMI)*<sup>257</sup> [grifos do autor]. Assim como Guattari, Pereira também faz referência ao caráter capitalístico da crise atual:

Na cidade contemporânea, capitalista, a satisfação das necessidades só faz aumentar as necessidades. Isso porque seu motor principal está na proliferação de um estado permanente de insatisfação, numa falta de equilíbrio estrutural que nos faz viver de crise em crise, numa busca contínua por um estado de repouso impossível. Daí que o *normal* produzido por essa cidade é viver insatisfeito e sempre à beira do abismo, à beira do colapso (financeiro, à beira da loucura, por um triz, sob riscos constantes)<sup>258</sup> [grifos do autor].

Insatisfeitos a buscar uma inércia impossível. De crise em crise, empurrados à beira do abismo. É assim que muitos sujeitos contemporâneos se sentem. *Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos*<sup>259</sup>...

Outros filósofos, assim como Guattari e Pereira, debruçam seu olhar sobre essa crise em que nos vemos mergulhados. Michel Serres, por exemplo, faz uma analogia entre a crise atual e uma patologia severa (crise cardíaca, epilética, nervosa, etc.). Frente à debilidade crítica causada por uma doença, o corpo tem que tomar, por si só, uma decisão: sucumbir à morte ou se curar. A cura, entretanto, nunca se refere a uma volta atrás, pois um retorno indicaria a retomada em direção à crise. Assim, a cura indica um estado novo do organismo. *A crise lança o corpo na*

<sup>256</sup> MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017, p. 127.

<sup>257</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 13.

<sup>258</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **O desafio da tolerância na cidade contemporânea** em PORTO, Tania Maria Esperon (Org.) *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas* Araraquara: JM Editora Ltda., 2003, p. 6.

<sup>259</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 40.

*direção da morte ou na direção de uma novidade que o force a inventar*<sup>260</sup>. Serres ainda provoca:

Diga-se, a propósito, que está aí um dos magníficos segredos da vida: a possibilidade de criar do zero, por si mesmo uma organização completamente diferente do organismo! Ela pode inventar uma nova existência! Será que não poderíamos nós também<sup>261</sup>?

Inventar estratégias que escapem da crise. Essa é a proposta da ecologia criada por Guattari. Chego mais perto dessa proposta ecológica, uma vez que dela evoluem intensidades que potencializam esse movimento de problematizar os modos como me coloco no mundo. Quiçá, essa ecologia também favoreça o exercício de pensar a formação de professores.

## 5.2 A ecologia inventiva de Guattari

Tão múltipla quanto a crise contemporânea é a ecologia proposta por Guattari. Uma ecologia inventiva. Uma articulação ética, política e estética dos três registros ecológicos: ambiental, social e mental. Uma *ecosofia*<sup>262</sup> que vai além da ecologia ambiental, principal enfoque dos debates ambientalistas, pois suas práticas se propõem a pensar também as relações sociais e a produção de subjetividade. Uma ecologia múltipla que

[...] não concerne somente à alteridade humana completamente constituída. Na relação com os indivíduos, com os semelhantes, mas leva em conta o dessemelhante, a dissidência, a diferença de ordem humana, animal e vegetal, e com a relação com o cosmos, e com os valores incorporais tais como a música, as artes plásticas, etc. Acredito que é a vontade de construir a vida, a consciência de maquinar a existência, incluída as mediações artificiais que são a ciência e a arte, o que levará a sair deste alento modernista e pós-modernista que conhecemos<sup>263</sup> [tradução minha].

Nessa perspectiva, a ecologia ambiental ultrapassa as relações antropocêntricas e salvacionista que os sujeitos contemporâneos ocidentais estabelecem, primordialmente, com a natureza. *A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza*

<sup>260</sup> SERRES, Michel. **Tempo de crise**: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e futuro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 11.

<sup>261</sup> Idem, 2017, p. 11.

<sup>262</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 8.

<sup>263</sup> GUATTARI, Félix. **¿Que és la Ecosofia?** *Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud*. Buenos Aires: Cactus: 2015, p. 216.

*ou de especialistas diplomados*<sup>264</sup>. Em vez de controlar, dominar, temer, salvar ou contemplar a natureza, a proposta de Guattari é que nossas relações com o ambiente físico sejam reinventadas. *O princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis*<sup>265</sup>. Talvez entendermo-nos como parte dessa natureza perpasse por essas novas relações.

Na ecosofia, a ecologia social está envolvida com o desenvolvimento de novas práticas relacionais, com a criação de novas maneiras de nos relacionarmos com os outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, no contexto urbano, etc. Ressalta-se que, a proposição de Guattari é a de uma criação e não de uma retomada de modos relacionais anteriores à crise que hoje enfrentamos<sup>266</sup>. A ideia é que saibamos lidar com as reconfigurações da natureza que hoje nos são apresentadas e não fomentar a ilusão de que, sem as transformações técnicas e científicas de que hoje dispomos, viveríamos melhor. Talvez sem algumas dessas transformações, alguns de nós encarquilhariam e sucumbiriam igual ao polvo que Guattari utiliza para simbolizar a impossibilidade de darmos uma “marcha ré” nos modos de vida:

Para simbolizar essa problemática, que me seja suficiente evocar a experiência de Alain Bombard na televisão quando apresentou duas bacias de vidro: uma contendo água poluída, como a que podemos recolher no porto de Marselha e na qual evoluía um polvo bem vivo, como que animado por movimentos de dança; a outra, contendo água do mar isenta de qualquer poluição. Quando ele mergulhou o polvo na água "normal", após alguns segundos, vimos o animal se encarquilhar, se abater e morrer<sup>267</sup> [grifos do autor].

Por isso, quando falo em escapar de uma modelização, não quero dizer com isso que deveríamos fugir para um lugar físico onde estaríamos a salvo do controle midiático e capitalístico, nem que deveríamos isolarmo-nos do restante do mundo. Falo de uma fuga que se possa fazer sem sair, geograficamente, do lugar. Uma fuga subjetiva que se faz estando no/dentro do capitalismo.

Pensando ainda sobre a busca por um isolamento, que opere como blindagem contra as turbulências vividas nas relações sociais, indago: Seríamos nós capazes de sobreviver isolados, apartados do convívio com outros sujeitos? Eis que

---

<sup>264</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 38.

<sup>265</sup> Idem, 2012, p. 52.

<sup>266</sup> Idem, 2012, p. 15-16.

<sup>267</sup> Idem, 2012, p. 25.

envolta nesse pensamento, faço um encontro com a literatura. São as palavras de Valter Hugo Mãe que me falam sobre a importância da relação com o outro:

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe beleza no que se diz. **Só existe a beleza se existir interlocutor.** A beleza da lagoa é sempre alguém. **Porque a beleza da lagoa só existe porque a posso partilhar.** Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se **concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro**<sup>268</sup> [grifos meus].

E também a vida só se concretiza pela expectativa de reunião com o outro! Partilhar na alteridade e na diferença. As novas relações sociais propostas pela ecologia social, não se dariam apenas entre os semelhantes, mas também entre os dessemelhantes, entre os diferentes. *A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis dos socius*<sup>269</sup>. Trata-se da reinvenção das relações com os outros sujeitos, mas também com o ambiente que nos cerca, com o mundo.

Nesses rearranjos das relações sociais não se pode perder de vista que a expansão do CMI se dá tanto nos níveis produtivos e económicos quanto nos processos subjetivos. *O objeto do CMI é hoje, num só bloco: produtivo-económico-subjetivo*<sup>270</sup>. Com isso, torna-se necessário pensar sobre os efeitos dessa expansão nos domínios da ecologia mental, sejam eles na vida cotidiana individual, doméstica ou conjugal<sup>271</sup>.

A ecologia mental refere-se à reinvenção da relação do sujeito com *o corpo, com o tempo, com o fantasma e com os mistérios da vida e da morte*<sup>272</sup>. Essa ecologia funcionará como um antídoto contra produção de subjetividades capitalísticas<sup>273</sup>, contra a modelização e a uniformização das subjetividades estimulada pelas mass mídias. Mesmo sabendo que esse antídoto não matará o “monstro”, mas abrirá algumas brechas, possibilitando a emersão de novas suavidades e reinvenção de nossas relações com o tempo. Essa possibilidade me remete ao poema *Vida/Tempo* de Viviane Mosé:

Quem tem olhos pra ver o tempo / Soprando sulcos na pele / Soprando sulcos na pele/ Soprando sulcos? / O tempo andou riscando meu rosto/ Com uma navalha fina / Sem raiva nem rancor / O tempo riscou meu rosto /

<sup>268</sup> MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017, p. 40.

<sup>269</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 33.

<sup>270</sup> Idem, 2012, p. 32.

<sup>271</sup> Idem, 2012, p. 33.

<sup>272</sup> Idem, 2012, p. 16.

<sup>273</sup> Guattari denomina como subjetividades capitalísticas são os modos de existência produzidos pelo Capitalismo Mundial Integrado.

Com calma / Eu parei de lutar contra o tempo / **Ando exercendo instantes** / Acho que ganhei presença. / Acho que a vida anda passando a mão em mim. / A vida anda passando a mão em mim. / Acho que a vida anda passando. / A vida anda passando. / Acho que a vida anda. / A vida anda em mim. / Acho que há vida em mim. / A vida em mim anda passando / Acho que a vida anda passando a mão em mim / E por falar em sexo quem anda me comendo / É o tempo / Na verdade faz tempo mas eu escondia / Porque ele me pegava à força e por trás / Um dia resolvi encará-lo de frente e disse: tempo / **Se você tem que me comer / Que seja com o meu consentimento** / E me olhando nos olhos / Acho que ganhei o tempo / De lá pra cá ele tem sido bom comigo / Dizem que ando até remoçando<sup>274</sup> [grifos meus].

Numa época regida pela máxima capitalística do “tempo é dinheiro”, “andar exercendo instantes” ou “deixar-se comer pelo tempo” soa subversivo. E porque não dizer convidativo?!

É assim que o registro mental da ecosofia poderá operar de maneira a criar um fazer que se aproxime mais dos modos do artista e menos dos cientificismos dos profissionais da psicanálise<sup>275</sup>, um fazer que leve em conta as afecções. Para tanto, talvez seja necessário ao povo “psi” [...] *desfazer de seus aventais brancos a começar por aqueles invisíveis que carrega na cabeça, em sua linguagem e em suas maneiras de ser*<sup>276</sup>. Guattari fala sobre os profissionais da psicanálise, mas não poderiam também os professores evocar uma ecologia mental? Apostando, quem sabe, num pensar por meio da sensibilidade e não apenas pela razão? Talvez seja um desejo o professor do conto *Enredar-se numa teia* tornar o seu fazer pedagógico mais sensível, por isso ele se vale de artefatos artísticos como o cinema e a poesia em suas aulas de meio ambiente.

Em entrevista transcrita no livro *¿Que és la Ecosofia?*, Guattari diz: *Que em meu espírito não há oposição entre as ecologias política, ambiental e mental. Toda apreensão de um problema ambiental postula o desenvolvimento de universos de valor e, portanto, de um compromisso ético-político*<sup>277</sup> [tradução minha]. Os três registros ecológicos (ambiental, social e mental) transitam um sobre o outro, se entrecruzam, se perpassam como um arranjo rizomático. São como as linhas de barbante que constituem a teia que as alunas e o professor do conto *Enredar-se*

<sup>274</sup> MOSÉ, Viviane. **Vida/tempo**. Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/95227>. Acesso em: 19 jul. 2017.

<sup>275</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 16.

<sup>276</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 22.

<sup>277</sup> GUATTARI, Félix. *¿Que és la Ecosofia? Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud*. Buenos Aires: Cactus: 2015, p. 61.

*numa teia* construíram em sala de aula. Talvez por isso o professor deste conto diga que *na natureza tudo estava ligado, igualzinho àquela teia*.

As três ecologias operam concomitantemente, de modo que não há como enclausurar uma questão num ou noutro registro. O conto *Enredar-se numa teia* dá uma ideia dessa operação conjunta. Quando a personagem que narra o conto é convidada a falar sobre um problema ambiental, ela fala sobre a violência doméstica. Na perspectiva ecosófica, a violência, como um ato que atenta contra vida, será considerado uma problemática de ordem ambiental que perpassa por questões sociais e subjetivas. Se a ecologia ambiental pretende preservar a vida, qualquer ato que atente contra ela fará parte desse registro.

Penso nesse entrelace das três ecologias e sinto necessidade de trazer os escritos de Italo Calvino. Me pego a imaginar os registros ecológicos como as pedras que compõem o arco de uma ponte que o viajante de *Cidades Invisíveis*, Marco Polo, descreve ao imperador Kublai Khan na seguinte conversa:

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra. / Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan. / – A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra- responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam. / Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: / – Por que falar em pedras? Só o arco me interessa. / Marco Polo responde: – **Sem pedras, o arco não existe**<sup>278</sup> [grifos meus].

O arco não existe sem as pedras. De modo análogo, sem a operação conjunta dos três registros ecológicos, a ecosofia não existe, não se sustenta.

O que está em jogo na ecosofia é a *maneira de viver daqui em diante sobre este planeta*<sup>279</sup>. A aposta ecosófica reside na invenção de novos *modos de viver e de sobreviver num determinado lugar*<sup>280</sup>. Essa invenção de novos modos de existência, Guattari batizou como *produção de singularização* ou de *ressingularização*<sup>281</sup>.

Nessa empreitada de buscar uma formação que transforme mais do que formate, interessa a ideia de inventar novos modos vida, de escapar das armadilhas capitalísticas. Por isso, no próximo capítulo desta cartografia, debruço um olhar atento para mais esse conceito filosófico, a ressingularização.

<sup>278</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 79.

<sup>279</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 8.

<sup>280</sup> Idem, 2012, p.15.

<sup>281</sup> Idem, 2012, p. 15

## 6 RESSINGULARIZAÇÃO: capturas e esquivas no CMI

No final dos anos 1970, Guattari propôs o conceito de Capitalismo Mundial Integrado (CMI) para designar o capitalismo contemporâneo. Mais abrangente do que o termo globalização, o CMI refere-se ao fenômeno de mundialização do capitalismo, ao neocapitalismo que permeia as esferas sociais, ambientais e subjetivas. Para o pensador francês, o capitalismo é mundial e integrado, porque se alastra por toda a superfície do planeta, inclusive em países que ainda se dizem socialistas, como a China, e porque esse capitalismo *tende a fazer que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique de fora de seu controle*<sup>282</sup>.

Embora os fatores subjetivos sempre tenham ocupado um lugar de destaque ao longo da história, atualmente, *parece que estão na iminência de desempenhar um papel preponderante a partir do momento em que foram assumidos pelas mass mídias de alcance mundial*<sup>283</sup>. As mass mídias ou mídias de massa assumem o papel de modelizar as subjetividades, inclusive, como é discutido no capítulo *Natureza: tudo pode ter começado com um sim...*, quando produzem enunciados que influenciam na maneira como os sujeitos de relacionam com o ambiente físico. O MI, do qual fazemos parte, se alastra em todos os corpos, produzindo modos de vida que reproduzem e reafirmam esse modelo.

O CMI não apenas controla todas as atividades humanas como também produz subjetividades, algo que Guattari e Rolnik denominam de *produção de subjetividades capitalísticas*<sup>284</sup>. No livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, que traça um mapa da viagem feita por Guattari e Rolnik pelo Brasil em 1982, os autores descrevem que a subjetividade pode ser *fabricada, moldada, recebida e consumida*<sup>285</sup>. Assim como os bens de consumo são produzidos de modo serializado, em fábricas, a subjetividade pode ser manufaturada e injetada como representações nos sujeitos.

Grandes potências como os Estados Unidos promovem sua expansão econômica, implantando subjetividades capitalísticas nos países de Terceiro

<sup>282</sup> GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 3 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985, p. 211.

<sup>283</sup> GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 11-12.

<sup>284</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 33.

<sup>285</sup> Idem, 2013, p. 33.

Mundo<sup>286</sup>. Em outras palavras, o CMI é disseminado e fortalecido por meio dessa produção maquínica de subjetividades. E por meio de variados artefatos midiáticos, as multinacionais vão ditando o que os sujeitos devem consumir, como devem agir e pensar.

Parece-me que foi sobre essa produção de subjetividade capitalista que, no início dos anos de 1980, o *rock* brasileiro cantou, por meio da voz de Renato Russo: *Quando nascemos fomos programados / A receber o que vocês / Nos empurraram com os enlatados dos USA, de 9 às 6 / Desde pequenos nós comemos lixo. / Comercial e industrial [...]*<sup>287</sup> Uma subjetividade “enlatada” que, até hoje, de certo modo, determina nossos modos de vida.

A fabricação de subjetividade capitalística talvez seja mais importante do que a produção de bens energéticos, como a extração e o beneficiamento do petróleo. O Japão, por exemplo, tem uma significativa carência de combustíveis fósseis, exceto o carvão, o que obriga o país a importar petróleo. Por outro lado, o Japão tem uma produção de subjetividade bastante adequada aos propósitos do CMI. Por isso, nos anos 1980, empresas de várias partes do mundo tentaram “japonizar”, não apenas suas linhas de produção, mas também a subjetividade da classe operária em seus países<sup>288</sup>.

Algumas sequelas dessa proliferação virulenta das subjetividades capitalísticas sobre a superfície do planeta foram apontadas no início do capítulo *Ecosofia: tecer-se na ética, na política e na estética*, quando estabeleço uma conversa sobre a crise ambiental, social e subjetiva que se instala na contemporaneidade. De todos modos, parece-me conveniente evocar aqui mais algumas palavras de Guattari acerca de tal crise:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrantes<sup>289</sup>[grifos do autor].

Então, que possibilidades nos restam de nos esquivarmos desse capitalismo

<sup>286</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 36.

<sup>287</sup> RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado. **Geração Coca-Cola**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7tXCo-fl59M>. Acesso em: 23 jun. 2017.

<sup>288</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 34.

<sup>289</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012, p. 27.

que está sempre pronto para “abocanhar”, para capturar as subjetividades? Como resistir quando tudo a nossa volta parece trabalhar para que nos tornemos sujeitos conformes e conformados com os interesses do CMI?

Não há como dar a “marcha a ré” na história; retornar aos modos de vida de nossos antepassados. Portanto, nossos esforços devem ser direcionados para o que será feito daqui para frente; para a invenção de novas maneiras de viver em meio a uma crise de múltiplas facetas, essa crise que degrada tanto os recursos naturais quanto as relações sociais, tanto os corpos quanto as subjetividades. Nas palavras de Serres:

Cabe a mim escolher: hoje, trata-se de fato de uma crise. É preciso assim inventar o novo. Seria eu capaz? Nada é tão incerto. Seremos capazes de traçar outros caminhos? Espero que sim. Mas quais? Ninguém sabe. Mas seja como for não há busca mais apaixonante<sup>290</sup>.

No mesmo fluxo de pensamento de Serres, Guattari dirá que um esclarecimento da crise atual requer invenção. Mas inventar o quê? Para Guattari, uma possibilidade de resistência contra a produção de subjetividade capitalística reside na invenção de modos de existência que escapem, mesmo que provisoriamente, das subjetividades dominantes. *Tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição*<sup>291</sup>. Essa resistência inventiva é o que o autor chama de *produção de singularidades* ou de *ressingularização*<sup>292</sup>. Convido-te a aproximar mais o olhar para essa ideia.

## 6.1 Ressingularizar: despraticar as normas

A subversão dos modos de vida atuais, da maneira como nos relacionamos com o ambiente físico, com os outros e conosco, é o que Guattari chama de *produção de singularização* ou de *ressingularização*<sup>293</sup>. Por meio dessa produção *criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista*

---

<sup>290</sup> SERRES, Michel. **Tempo de crise**: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e futuro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 12.

<sup>291</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 22.

<sup>292</sup> Idem, 2012, p. 15.

<sup>293</sup> Idem, 2012, p. 15.

*plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe*<sup>294</sup>. Assim, a ressingularização se constitui como uma resistência que se dará

Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma ressingularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero<sup>295</sup>.

A partir da ressingularização poderiam ser criados outros modos de vida. Com isso, passaríamos a ficar atentos a uma ética, a uma estética e a um modo de fazermos política. Assim, seria possível estarmos à espreita de um processo que considerasse a criação de um si mesmo e de novas relações com o corpo, com os outros, com o mundo.

A relação entre ressingularização e ecosofia se compõe por essa articulação ética, política e estética. A ética está relacionada à escolha de um novo modo de existência, a política com uma atitude frente ao mundo e a estética com um estilo diante da vida. Essas implicações éticas, políticas e estéticas também se entrecruzam, se entrelaçam como as linhas de uma teia, como os fios de um emaranhado, como as hastes de um rizoma. Nas palavras de Guattari:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época<sup>296</sup> [grifos do autor].

Uma vez que a ressingularização promove novos modos de escapar de subjetividades produzidas pelo CMI, não se pode pensá-la como imposição, regramento ou normatização. Por isso, trata-se de uma escolha facultativa, de uma ética. *O que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade?*<sup>297</sup>. Uma liberdade de ordem política, pois está relacionada com as atividades cotidianas que vão compondo as relações que os sujeitos estabelecem com o mundo e com eles mesmos. A partir da reinvenção dessas relações, do exercício de um olhar ecosófico para o mundo, talvez possam emergir novos modos

<sup>294</sup> GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 17.

<sup>295</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 15.

<sup>296</sup> Idem, 2012, p. 55.

<sup>297</sup> FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 267.

de vida; talvez possa surgir uma estética da existência<sup>298</sup>.

A produção dessa cartografia se dá nessa trama ética, política e estética. Aqui a ética se refere às escolhas que fiz como cartógrafa; a escolha, por exemplo, pela criação de contos como estratégia de fuga do identitário. A política com a qual se lida nesta cartografia é da ordem do micro, uma micropolítica. Uma política que se dá nas atitudes cotidianas, num ser-fazer professora e cartógrafa. Tanto essa ética quanto essa política reverberam nos modos de existência, na maneira como me relaciono com o mundo e comigo.

Lá fora, a vida efervescia ruidosa. As vozes embriagadas que vinham de um botequim. O ladrar de cães errantes. O trote de um cavalo sobre o asfalto. As gargalhadas de uma mulher. O choro de uma criança. O ronco do motor fumacento de um caminhão. O disparo do alarme de um veículo. O regozijo das caturritas a saborearem os frutos de um arbusto. Uma mistura frenética de sons que penetrava pela ventana. Fechei a veneziana, puxei a cortina. Buscava quietude. Pensava na cartografia e em suas linhas. Experimentaria uma música. Para melhor perceber a composição, pensava ser imprescindível fazer calar aqueles interferentes ruidosos. Escutaria a obra *Music of Change*<sup>299</sup> de John Cage. Uma professora do mestrado havia proposto a leitura de um texto sobre a obra desse músico. E também a experimentação de algumas composições criadas por Cage. Decidi, primeiro, experimentar. Preparei-me. Ouvi atentamente. Surpreendi-me. Aquela audição provocou em meu corpo uma sensação de completo estranhamento. Sons que pareciam ser produzidos por teclas de um piano dedilhadas ao acaso. Sem ritmo, sem harmonia. De repente, na composição, surgem ruídos que lembravam um "bater de pés". Nada naquela composição se aproximava do que eu imaginava ser música. Eram sons que incomodavam meus ouvidos, que desacomodavam meus sentidos. Inquieta, disparei a ler o texto. A

---

<sup>298</sup> FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 265.

<sup>299</sup> CAGE, John. **John Cage: music of change** (1951). Disponível em. [https://www.youtube.com/watch?v=B\\_8-B2rNw7s](https://www.youtube.com/watch?v=B_8-B2rNw7s). Acesso em: 26 ago. 2016.

leitura me fez perceber que esse era o propósito da obra de Cage: desacomodar o instituído. Dessas experimentações com os sons do mundo e com a música de Cage, emergiram ideias para a invenção de mais um conto. E o que antes se apresentava para mim como interferentes ruidosos, tornou-se possibilidade de criação.

### Transbordos

Sempre pensara que havia algo de singular na minha professora de física da faculdade. Algo que a distinguia da maioria dos mestres e doutores que ensinavam naquela escola de engenharia. Ela exibia os cabelos em curtas ondas acobreadas, sempre desalinhas. Por detrás do vidro de moldura espessa, exibia olhos castanhos sempre bem abertos, atentos ao mundo. Lábios finos numa boca a esboçar um sorriso suave. Um corpo alongado, esquelético, inquieto. Um jeito excêntrico. Diziam boatos maldosos, ela era a mais doida que já se vira por aqueles bancos acadêmicos. Falava-se que enlouquecera porque lera demais. Não os livros de física! Lembravam alguns dos outros professores. Afinal, para eles, as ciências exatas explicavam o mundo. Minha professora, diziam os "especialistas" as escondidas, enlouquecera por ler literatura bizarra, coisas sem sentido. Por isso, clandestinamente, também a chamavam Dom Quixote de Saia<sup>300</sup>. Pareciam incomodar-se quando minha professora de física dizia que não só a ciência pensava, mas também a arte e a filosofia. O falatório vil me entristecia. E eu recuperava o ânimo recordando versos de uma canção que falava sobre *peixes fora d'água e borboletas no aquário*<sup>301</sup>. Talvez eu visse na minha professora de física um pouco de exagero. Um exagero que eu via também em mim. Um desvio do centro, da normalidade. Uma vontade de transbordar. Um desejo de escapar, por um instante, do instituído.

---

<sup>300</sup> Em alusão a *Dom Quixote del Mancha*, figura estética criada pelo espanhol Miguel de Cervantes em 1605, que teria enlouquecido em virtude da leitura excessiva.

<sup>301</sup> GALVÃO, Paulo; GESSINGER, Humberto. **Dom Quixote**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/72889/>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Eis que um dia o transbordo se fez. Foi numa aula sobre ondas sonoras que tudo aconteceu. Ela anunciou o tema e, em seguida, projetou, na tela alva posta na nossa frente, um vídeo. As cenas mostravam um pianista numa apresentação musical. O artista posicionava-se diante do piano, colocava os óculos, ajustava a partitura e acionava um cronômetro. Isso mesmo, um cronômetro! Depois, ele repetia várias vezes esses movimentos, sem tocar numa só tecla do piano<sup>302</sup>. Para alguns alunos, aquelas imagens eram cômicas. Riam-se descontrolados. Outros exibiam um semblante interrogativo. Até que uma voz furiosa se levantou em protesto:

– Tudo isso é uma bobagem, uma tremenda perda de tempo! Estou aqui para aprender algo importante para minha carreira, não para assistir coisas inúteis!

Calaram-se todos. Calmamente, minha professora pausou o vídeo e retorquiu:

– O que para muitos não passa de bobagem, de inutilidade, para outros é uma possibilidade de criação. A arte, assim como a ciência, nos possibilita criar pensamentos. Essa obra musical foi criada por John Cage...

Impetuoso, meu colega interrompeu outra vez:

– Música? – Riu desdenhoso e prosseguiu: – Isso aí não é música. É ilógico. É loucura achar que ISSO é música.

Transparecendo familiaridade com aquelas exacerbações, minha professora serenamente disse:

– Quanto à lógica e à loucura, talvez seja oportuno evocar as palavras da escritora Clarice Lispector. *Quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico*<sup>303</sup>.

---

<sup>302</sup> CAGE, John. *John Cage's 4'33"*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFiXSx4>. Acesso em: 26 de ago. de 2016.

<sup>303</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 20.

Ela parecia trazer a citação guardada entre os dentes, como se há tempos as palavras insistissem em lhe fugir da boca. Sorrindo bem de leve, minha professora disse mais:

– Agora, gostaria de convidar a ti e aos teus colegas para conhecer um pouco mais de perto essa forma provocativa de fazer música, de criar com e sem o som, de problematizar a vida...

Como se a cólera de seu corpo fosse lentamente dissolvida, meu colega murchou e voltou a sentar-se. Acredito que ele, assim como eu, era ignoto da obra de John Cage, de Clarice Lispector e de tantos outros artistas-inventores sobre os quais minha professora de física falava. Isso é o que posso inferir quanto ao meu colega nervoso. Mas quanto a mim, posso afirmar: Ali, naquela aula de física, fui fisgado por essa ideia de criar pensamentos por meio da arte. Isso só fez crescer em mim o desejo de escapar das normalidades instituídas; de, vez que outra, transbordar alguns exageros.

\*\*\*

As produções musicais de John Cage podem ser pensadas como um convite a alteração de nossa percepção e de nossa sensibilidade. Por isso, a professora do conto *Transbordos* diz que a arte de Cage é provocativa. Mais do que música, Cage produz uma crítica ao antropocentrismo, ao homem como centro regulador dos sentidos<sup>304</sup>. A obra de Cage não atende aos padrões musicais de proporção e de harmonia e requer do ouvinte uma *escuta oblíqua*, uma escuta mais sensível do que racional<sup>305</sup>. Essa reinvenção do modo de escuta subverte o instituído, escapa da modelização, podendo fluir para uma singularização.

Penso na proposição de Cage por uma escuta sensível; por uma escuta oblíqua. E porque não pensar também num olhar oblíquo? Quem sabe sentir o mundo de modo meio enviesado não seja uma estratégia de ressingularização?

---

<sup>304</sup> SALGADO, Carmen Pardo. *La escucha obícua: una intivación a John Cage*. Valencia: Editora U.P.V., 2014, p. 8.

<sup>305</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. 14 ed. vol. 2. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014. p.14.

Experimentar uma obliquidade dos sentidos que, porventura, “despratique” as normas, como diz Manoel de Barros nesse poema:

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições. Acho que essa freqüência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria nossa Lispector. Veja isto: Rimbaud botou a beleza nos olhos e viu que a beleza é amarga. Tem lógica? Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso do seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amoráveis e os urubus eram carniceros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo<sup>306</sup>.

Quiçá experimentar a arte e a filosofia como produção de pensamento e como formação seja também um modo de “despraticar” as normas? Sigo a experimentar! Sigo a escrever e desenhar o mapa!

A partir de seu encontro com os sons e com os silêncios do mundo, Cage criou obras como *4'33"*<sup>307</sup>. Essa foi a composição que a professora do conto *Transbordos* levou para sua aula e que provocou exacerbações em um dos alunos. Uma inquietação provocada, talvez, pela incapacidade desse aluno de dar sentido aos sons e imagens que o atravessavam. E pode ser que esse fosse o objetivo da professora: provocar, inquietar, desacomodar. Às vezes, sair do lugar comum desloca também o pensamento, tornando-o menos representativo e mais inventivo.

O conto *Transbordos* traz a ideia de que não apenas os artistas podem subverter a subjetividade dominante por meio de seu fazer. Talvez alguns professores também possam. Os profissionais sociais, entre os quais estão os professores, exercem um papel relevante no sistema produtivo das subjetividades. Por isso, suas práticas pedagógicas tanto podem contribuir para que as subjetividades capitalísticas sejam reforçadas quanto podem produzir novas singularidades. Trata-se, também, de pensar como o professor entende a sua participação na formação dos alunos. Acerca disso Guattari e Rolnik, lembram que

<sup>306</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006, XII.

<sup>307</sup> CAGE, John. **John Cage's 4'33"**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFiXSx4>. Acesso em: 26 de ago. de 2016.

As pessoas que nos sistemas terapêuticos ou nas universidades, se consideram simples depositárias ou canais de transmissão de um saber científico, só por isso já fizeram uma opção reacionária. Seja qual for a sua inocência ou boa vontade, elas ocupam, efetivamente, uma posição de reforço dos sistemas de produção de subjetividade dominante. E não se trata de um destino da profissão<sup>308</sup>.

Uma ressingularização nas relações entre professor e aluno pode se constituir pela desconstrução de práticas pedagógicas convencionais que colocam um desses dois atores como centro do processo de ensino-aprendizagem. Por que não se desviar de um centro? Pensar, quem sabe, numa relação professor-aluno isenta de um centro regulador? Numa relação sem hierarquizações? Talvez seja essa excentricidade que o narrador do conto *Transbordos* se refere ao falar de sua professora de física.

O desejo de produzir singularidades a partir do ser-fazer professoral me fez repensar a sala de aula como um novo espaço. Um espaço em que professor e alunos talvez possam discutir as questões ambientais sob a óptica de Guattari. Um espaço em que podemos reinventar as relações com si mesmo, com a arte e com o mundo. Um espaço em que talvez possamos escapar, mesmo que por um breve tempo, daquilo que nos quer conformes e conformados.

Para que alguns professores deixem de ocupar uma posição de fortalecimento de subjetividades capitalísticas, talvez seja necessário repensar a sua formação. Inventar, quem sabe, modos de ser-fazer professoral que ultrapassem a formação acadêmica tradicional, que escape dos saberes instituídos. Uma formação transversal que favoreça um transbordo, um desvio, uma ruptura. Algo que me interessa experimentar! É sobre essa outra formação que trata o próximo capítulo.

---

<sup>308</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 38.

## 7 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: coletando intensidades

Enquanto escrevo esta cartografia, borbulham no país questões políticas e econômicas que respingam na educação, que reverberam em meu corpo e na pesquisa que faço. Recentemente, o senado brasileiro aprovou uma medida provisória que prevê alterações nas diretrizes e bases da educação nacional, a chamada reforma do ensino médio<sup>309</sup>. Entre outras mudanças, a reforma permite a profissionais com notório saber, sem formação docente, atuarem como professores no ensino técnico e profissionalizante. Escuto conversações, leio e assisto a notícias, acerca dessa permissão. Inquietação: Reconhecer os saberes de um sujeito, seja pela diplomação ou por outros meios, seria suficiente para torná-lo professor? O que torna alguém professor? O que forma e transforma um professor? Talvez haja múltiplas respostas.

Ao longo dos séculos, diversas instituições (escola, família, igreja, etc.) têm se empenhado na tarefa de formar sujeitos. Todavia, essa tarefa tem sido reduzida à prescrição de regras de conduta socialmente aceitas, o que pode anestesiar e anular a relação dos sujeitos consigo mesmos<sup>310</sup>. Para problematizar, mais especificamente, a formação que se dá nos limites escolares, tomo emprestadas as palavras de Pereira:

No caso da escolarização, genericamente falando, observamos as crianças sendo entregues às escolas como matéria bruta a ser lapidada pelo complexo pedagógico, com vistas a fabricação de sujeitos homogêneos. [...] Em cursos superiores, igualmente, observa-se grupos de estudantes entregando-se às universidades e esperando obter-se de volta, transformados em profissionais competentemente habilitados para uma profissão<sup>311</sup>.

Nos mais variados níveis educacionais, vê-se uma formação que envereda para o lado da modelização, da formatação, da conformação. *É um comportamento repetido de entregar-se ao outro para que ele faça, modele, fabrique uma identidade*

<sup>309</sup> BRASIL. Senado Federal. **Medida Provisória nº 746, 2016**. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>. Acesso em: 08 ago. 2017.

<sup>310</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 174.

<sup>311</sup> Idem, 2013, p. 174.

*e devolva ao mundo um sujeito estável e pronto*<sup>312</sup>. Uma formação que favorece os interesses do CMI, que reforça uma produção de subjetividades capitalísticas, na medida em que se destina, primordialmente, à profissionalização, à fabricação de um sujeito dito “inovador”. Uma formação que enaltece o individualismo em nome de um sistema neoliberal que preza a utilidade e a competência, mesmo que ela seja fabricada e efêmera. Essa fábrica de novas subjetividades se perde nas cinzas do tempo, sendo reinventada a todo o momento.

Será que é somente para isso que serve a educação? Para profissionalizar? Para capacitar? E quanto às relações que estabelecemos com o mundo e com nós mesmos? Essas indagações me remetem a uma carta anônima que acredito ter sido escrita por uma vítima do holocausto e dirigida aos professores. Essa carta diz assim:

Prezado professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim, tenho minhas suspeitas sobre a educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas<sup>313</sup>.

Talvez se possa pensar numa formação. Uma formação que trabalhe a capacitação profissional, mas que também atente para as relações entre os indivíduos na sociedade e consigo mesmo. Uma formação que possibilite a criação de pensamento. Quem sabe, o desejo por uma formação que se dê no cotidiano de cada um de nós possa mover alguns professores a reinventarem seus modos de ser-fazer? Indo um pouco mais além: Quem sabe, essas reinvenções reverberem nos modos de vida de alguns alunos desses professores? Com isso, talvez pudéssemos formar não apenas crianças, mas também adultos mais sensíveis, mais atentos ao mundo e a si mesmos. São muitos os “talvezes”! Os desassossegos não cessam! Mas sabe-se que uma macropolítica não resolveria o problema da formação. É necessário pensar no desejo de alguns professores, numa micropolítica por meio das experimentações que se dão na vida.

---

<sup>312</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 174.

<sup>313</sup> CARTA dirigida a professores encontrada em concentração nazista. Disponível em: <http://cafecomsociologia.com/2014/01/carta-dirigida-professores-encontrada.html>. Acesso em: 21 ago. 2017.

Segundo Pereira, diplomar-se num curso do campo da educação (magistério, licenciaturas, pedagogia, etc.) ou ser contratado por uma instituição de ensino para exercer a carreira docente não torna um sujeito professor<sup>314</sup>. O autor vê a figura do professor como [...] *o sujeito que se produz em uma prática de ensinar, de trabalhar a formação de outros sujeitos, em uma prática de educar*<sup>315</sup>. O professor como um sujeito que se produz por meio das relações que estabelece com o mundo e com ele mesmo. Não seria essa a busca da ecosofia? Uma ideia que toca no meu corpo-professora. Deixa em alerta meu corpo-cartógrafa.

Para problematizar minha própria formação, debruço-me sobre um referencial filosófico e, ao mesmo tempo, experimento a arte. Intensidades heterogêneas emanam de todos os lados. Intensidades que atravessam meu corpo; que me provocam e me põem a pensar; que me convidam a escrever. Enquanto traço algumas linhas sobre formação neste mapa cartográfico, sou interceptada pelas palavras de Valter Hugo Mãe. O literário português, por meio de uma de suas obras, vem me dizer assim: *o américo*<sup>316</sup> *é habilitado por escola nenhuma senão pela do coração. estudou pela amizade e compaixão os modos de sacudir os outros. faz no lar o que fazem os enfermeiros também, mas com um acréscimo de entrega que não se exigiria*<sup>317</sup>. Penso numa formação que se dá pela relação com o outro. Penso nas propostas ecosóficas de Guattari. Vou adiante!

Quando convidado por Claire Parnet para falar sobre seu trabalho como professor, Deleuze proferiu as seguintes palavras:

Uma aula é ensaiada. É como no teatro e nas canções, há ensaios. Se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados. Uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada. [...] Se o orador não acha interessante o que está dizendo... Nem sempre achamos interessante o que dizemos. E não é vaidade, não é se achar interessante ou fascinante. É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante. Às vezes, temos de nos açoitarmos. Não que seja desinteressante, a questão não é essa. É necessário chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo. O ensaio é isso. [...] E as aulas são algo muito especial. Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula<sup>318</sup>.

<sup>314</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 21.

<sup>315</sup> Idem, 2013, p. 13.

<sup>316</sup> Em *A máquina de fazer espanhóis*, Valter Hugo Mãe marca os trechos que são narrados pela figura estética de Antônio Jorge da Silva usando de uma escrita integralmente formatada em caixa baixa.

<sup>317</sup> MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 45.

<sup>318</sup> DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Essa fala de Deleuze remete a um fazer professoral que se aproxima do fazer do artista; um fazer que requer desejo, ensaio e fascínio; um fazer que está mais próximo da sensibilidade do que do cientificismo. Algo que também parece acercar-se das ideias ecosófica de Guattari. Mas de que estratégias poderia se valer um professor para aproximar-se desse fazer mais sensível?

As experimentações que tenho feito no decorrer desta pesquisa ecoam nos modos como me constituo professora de meio ambiente, nas aulas que invento, nas relações que estabeleço com o mundo e comigo mesma. Penso estar provando de uma formação que transpõem o instituído; de uma maneira de pensar que tenta escapar da representação. Longe de formular conclusões, nesse momento da pesquisa, exercito um olhar transversal sobre a formação de professores, sobre minha própria formação. Talvez as intensidades que evoluam desta cartografia possam ser vetores nos corpos de alguns outros professores, inquietá-los e movê-los a pensar sobre seus modos de existência. *Quero poder compartilhar essa aventura buscando, ao escrever-me, ajudar os outros a escreverem-se; ao falar-me, ajudar a falarem-se; ao pesquisar-me, ajudar a pesquisarem-se*<sup>319</sup>.

Talvez estivéssemos em meados do mês de julho. Eu caminhava pela rua esquivando-me da sombra dos prédios. Buscava captar o máximo possível da luz irradiada por aquele sol vespertino. Expor-me ao sol sempre me apeteceu. Sentia como se a radiação solar, ao penetrar na pele, se infiltrava pelos órgãos, agitando cada célula, cada molécula, cada átomo do meu corpo. Uma agitação propulsora capaz de romper qualquer estado de inércia, apatia ou desânimo que acomettesse meu corpo. Num passo tranquilo e despreocupado, eu experimentava o sol. Assim, me deslocava de casa até o câmpus onde assistiria a mais uma aula. Para a preleção daquele dia, estava prevista a exibição de um longa-metragem. Cheguei à sala de aula. A penumbra anunciava que a projeção logo seria iniciada. Acomodei-me na primeira cadeira vazia que avistei. Comecei a assistir à película. Aquela

---

<sup>319</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 34.

experimentação com o cinema me tocou! Os sons e as imagens que emanavam daquela sequência de cenas me afetavam. Senti que aquele filme exalava forças que atravessavam meu corpo. Como se fossem os raios da luz solar, aquelas forças também agitaram cada partícula do meu corpo. Inquieta, eu exclamei para mim mesma: "Tenho coletado tantas intensidades no decorrer desta pesquisa!" Quis assistir aquele filme outra vez. Quis escrever sobre aquela ideia de coletar, intensidades. Criei mais um conto.

### **Espigando intensidades**<sup>320</sup>

Durante muito tempo reproduzi discursos. Discursos que aprendi nos tempos em que pensei que só por meio da ciência se poderia pensar. Naquela época, sequer imaginava que um dia escreveria ficções, que criaria um pensamento, que problematizaria a vida.

Confesso que, no passado, não fui um homem afeiçoado à escrita. E, se hoje escrevo, não é por ofício, nem tampouco por desenfado. *Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo*<sup>321</sup>. Escrevo para tentar dar conta daquilo que afeta meu corpo; daquilo que me inquieta. E o que aqui escrevo versa sobre algumas dessas inquietações.

Por anos a fio, fui um homem dedicado às ciências exatas. Por isso, não espere se deparar com um esmero linguístico nem tampouco com um rebuscado poético nas linhas que rabisco. Lembre-se de que escrevo com o corpo; um corpo que, por vezes, ainda se vê demasiado austero.

Talvez lhe pareça que o aqui escrevo é mera narração pessoal, um recorte autobiográfico. Não se engane! Esse corpo que escreve tem sido território de passagem de intensidades que emanam de muitos outros corpos. Intensidades que me afetam

---

<sup>320</sup> Valho-me do termo "espigar" não pelo sentido que a Língua Portuguesa lhe dá, que seria o de produzir espigas. Nesta escrita, "espigar" tem a conotação de catar, de colher, em referência a obra cinematográfica *Los espigadores y la espigadora* de Agnès Varda.

<sup>321</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.16.

e me transformam. E quanto à veracidade desse amontoado de palavras, lhe digo: *é claro que a história é verdadeira, embora inventada*<sup>322</sup>. Sem mais delongas, começo a contá-la.

Entre tantas outras coisas, sou professor da área ambiental. Recém havia colado grau quando fui convidado para dar aulas a um grupo de catadores de resíduos. Seria um trabalho voluntário. Titubeei, afinal, buscava uma ocupação remunerada. Julgava que, para homens adultos como eu [...], a vida se dividia muito claramente entre *fazerem por se sustentar e não fazerem coisa nenhuma*<sup>323</sup>. Intentava embrenhar-me pelo campo da educação. Só por isso, acabei assentindo.

Nos primeiros tempos, em sala de aula, me posicionava diante do quadro verde a tagarelar sobre poluição ambiental, classificação de resíduos, reciclagem e outros falatórios técnicos e tecnológicos. Despejava sobre os alunos uma avalanche de informações. Tudo muito igual ao que via fazerem meus mestres da escola à universidade. Despercebidamente, reproduzia e reforçava o legado da transmissão de saberes.

Eu repassava o que sabia em tediosos monólogos. Meus alunos, os catadores, resguardavam-se num silêncio brutal. Pedia-lhes que opinassem sobre o que eu lhes falava, mas a abnegação era geral. Eu imaginava que toda aquela apatia era resultado da complexidade dos temas com os quais lidávamos. Convencia-me de que a mudez daqueles homens e mulheres era mera transitoriedade. Enganava a mim mesmo. Era incapaz de perceber o quanto havia me distanciando deles. Com o passar do tempo, tombou sobre meu corpo o desânimo.

Naquele mesmo ano, ingressei num curso de formação continuada para professores. Um dos seminários daquele curso lidava com a articulação de questões educacionais com arte e com filosofia. Foi ali, pisando em terreno estrangeiro, lidando com o desconhecido, que sofri alguns abalos.

---

<sup>322</sup> LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.12.

<sup>323</sup> MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 83.

Bifurcações e mais bifurcações iam se fazendo nesse novo percurso formativo. E eu descobria que a filosofia e a arte pensavam tanto quanto a ciência.

Num desses percursos sinuosos, me deparei com um filme inquietante chamado *Los espigadores y la espigadora*<sup>324</sup>, conhecido no Brasil pelo título “Os catadores e eu”. Decorridos tantos anos, hoje sou incapaz de recordar como o filme chegou até mim. Talvez tenha sido uma indicação do professor-orientador da pesquisa que eu faria naquele curso, de outro professor ou, até mesmo, de um colega. Pouco importa! Recordo apenas de tê-lo assistido solitário, na quietude do pequeno apartamento em que morava à época.

Nas primeiras cenas, a cineasta-narradora do documentário, trazia imagens do quadro *Espigadores* pintado por Millet. Fiquei em alerta! Era meu desejo pesquisar sobre o trabalho dos catadores de resíduos. Inclinei mais o corpo na direção da televisão. Me pus à espreita, *com um olhar de caça sobre as palavras*<sup>325</sup>, sons e imagens.

Entre as tantas entrevistas que a cineasta registrava, uma me provocou. Era um homem que, em meio a sua fala sobre os *espigadores*, se punha a recitar um poema. A dublagem do filme era em Espanhol, mas pude traduzir que o homem dizia assim: *como se vê o catador caminhando passo a passo, pegando as relíquias do que vai caindo atrás do ceifeiro*<sup>326</sup>. Aquilo me inquietou!

Por semanas, aquelas palavras pulsaram em meu corpo. Eram como *uma goteira na minha testa. Um coração na minha cabeça*<sup>327</sup>. Me faziam pensar sobre a pesquisa que eu desejava fazer; sobre minhas práticas pedagógicas; sobre o distanciamento que imperava na relação entre eu e meus alunos. E me questionava:

---

<sup>324</sup> VARDA, Agnès. **Los espigadores y la espigadora**. Filme-vídeo]. Direção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, 2000, 82 min, color, son.

<sup>325</sup> MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 83.

<sup>326</sup><sup>326</sup> Recorte do filme *Los espigadores y la espigadora* em que um dos entrevistados de Agnès Varda recita parte de um poema de Joachim Du Bellay.

<sup>327</sup> BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 62.

Quantas relíquias tenho deixado para trás nesse afastamento? Quantos saberes tenho desperdiçado? Quantas intensidades tenho deixado de “espigar”? Intensidades que podem potencializar minha pesquisa e que podem mudar meu olhar para o mundo.

As forças que habitavam o filme deslocavam meus modos de pensar e de agir. Mais tarde, outros *bons encontros*<sup>328</sup> foram se fazendo com a arte, com a filosofia e com o mundo. Encontros que potencializavam minha pesquisa. Encontros que reinventavam minhas relações com os alunos, com o mundo e comigo mesmo. E eu tentava “espigar” ao máximo as intensidades, tentava recolher e acolher as forças exaladas nesses encontros. *Aliás nada disso é passado, tudo continua*<sup>329</sup>. A vida continua me provocando. Para dar conta das inquietações, eu escrevo, invento coisas, me reinvento.

\*\*\*

Faço assomar-se o conto *Espigando intensidades*, nesta escrita, por entender que dele escorrem forças que potencializam um outro modo de pensar a formação de professores. Nesta empreitada, me alio também aos estudos de Jorge Larrosa e de seus intercessores. Navego pela correnteza do pensamento deste autor para aproximar-me da ideia de uma *formação pela experiência*<sup>330</sup>.

### 7.1 Formação pela experiência: por um pouco de poesia, dança, riso solto...

*Sim, eu repito, sou como um viajante que de repente se encontra numa vila estranha, sem saber como ali chegou [...]*<sup>331</sup>. Assim pode ser pensada uma formação pela experiência, como uma viagem a um lugar ignoto, uma viagem não planejada, quase uma aventura. A experiência como formação se aproxima de um pisar *em terreno estrangeiro*, um lidar *com o desconhecido*, como traz o professor do conto

---

<sup>328</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. p. 28.

<sup>329</sup> PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico sobre a formação de professores. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p. 19.

<sup>330</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIFA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p.129-145.

<sup>331</sup> PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das letras, 2006, p. 70.

*Espingando intensidades. Uma formação na qual não se sabe onde vai chegar, nem mesmo se vai chegar a algum lugar*<sup>332</sup>.

Numa formação pela experiência, o viajante parte em direção a si mesmo e ao mundo de sua vida. Seria como *o que acontece numa viagem em que se tem suficiente força para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior*<sup>333</sup>. Afinal, essa experiência sobre a qual falo tem a ver com o conceito desenvolvido por Larrosa. Para esse autor, a experiência refere-se aquilo [...] *que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca*<sup>334</sup>.

A experiência como uma viagem interior, um deslocamento em direção a si. Mas quão estrangeiro e desconhecido nos tornamos de nós mesmos? Quantas coisas nos interpelam no dia a dia sem que nada nos aconteça? Quantas coisas apenas passam por nosso corpo sem, entretanto, o afetarem? Na vida contemporânea, quase *tudo que nos passa está organizado para que nada nos aconteça*<sup>335</sup>. De que modo pensar a experiência, como subterfúgio contra formações modelizadoras, quando tudo parece feito para impossibilitá-la? Indagações que conduzem meus pensamentos aos escritos de Calvino:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço<sup>336</sup>.

Atenção. Aprendizagem contínua. Saber reconhecer. Talvez, antes de mais nada, faz-se necessário reconhecer, estar atento aquilo que limita ou impede a experiência. Ajusto as lentes, forço um pouco mais a vista para olhar mais de perto essa questão. O que pode tolher a experiência?

Informação, opinião, falta de tempo e excesso de trabalho compõem a quadriade que, na contemporaneidade, impede que algo nos aconteça. Assistimos a uma aula, lemos um livro, ouvimos o noticiário, acessamos redes sociais, etc. Somos

<sup>332</sup> LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 52-53.

<sup>333</sup> Idem, 2010, p. 53.

<sup>334</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 18.

<sup>335</sup> Idem, 2016, p. 18.

<sup>336</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

constantemente bombardeados por informações. Mais ainda: tornamo-nos obcecados pela informação; a todo momento queremos informar e ser informados. E, uma vez informados, não raramente, somos estimulados a opinar, a julgar, a nos posicionarmos a favor ou contra determinado assunto. Recebemos informações, opinamos sobre elas, contudo, na maioria das vezes, nada nos toca, nada nos modifica<sup>337</sup>.

A dupla informação/opinião é bastante operante nos processos de aprendizagem que permeiam pelos mais variados níveis educacionais. Como lembra Larrosa,

Desde pequenos até a universidade, ao largo de toda nossa travessia pelos aparatos educacionais, estamos submetidos a um dispositivo que funciona da seguinte maneira: primeiro é preciso informar-se e, depois, há de opinar, há que dar uma opinião obviamente própria, crítica e pessoal sobre o que quer que seja. [...] Com isso, nos convertemos em sujeitos competentes para responder como Deus manda as perguntas dos professores que, cada vez mais, se assemelham a comprovações de informações e a pesquisas de opinião<sup>338</sup>.

É esse modo de ensinar, sobre o qual disserta Larrosa, que se vê o professor do conto *Espigando intensidades* adotar em seus primeiros tempos de atuação docente. Como narra o personagem: *Despejava sobre os alunos uma avalanche de informações. Tudo muito igual ao que vira fazerem meus mestres da escola à universidade. O personagem ainda acrescenta: Meus alunos, os catadores, resguardavam-se num silêncio brutal. Pedia-lhes que opinasse sobre o que lhes falava, mas a abnegação era geral. Mesmo nos dias de hoje, aulas assim não são novidade. Muitos professores ainda ministram aulas nesses moldes tradicionais. Existiriam outras maneiras de ensinar e de aprender que não pela aliança entre informação e opinião? É transitando por essas veredas que escrevo um pensamento sobre um outro modo de ser-fazer professoral.*

Além de sujeitos informados e opinantes, nós, sujeitos contemporâneos, vivemos correndo contra os ponteiros do relógio; vivemos numa aceleração desmedida, num permanente assombro de estarmos em atraso. A constante excitação e a busca voraz pela novidade fazem com que muitas coisas nos passem, mas nos passam de um modo tão fugaz, tão efêmero que torna a experiência

---

<sup>337</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 18-21.

<sup>338</sup> Idem, 2016, p. 21-22.

impossível. Na escola, no trabalho, na vida cotidiana nos tornamos, cada vez mais, esse

[...] sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo<sup>339</sup>.

Outra vez, a questão do tempo emerge na escrita desta cartografia. Penso nessa relação de valoração e de mecanização que estabelecemos com o tempo. Penso nessa aceleração dos modos de vida; na estafa, na exaustão, na deterioração dos corpos que, não raro, decorre dessas relações que estabelecemos com o tempo. Relações essas que inviabilizam a experiência. Mas e se aceitássemos o convite das três ecologias de Guattari? Se reinventássemos, se ressingularizássemos, nossa relação com o tempo? Inquietação! Nesse turbilhão de ideias e interrogações, eis que emerge os versos do poema *Tempo* de Manoel de Barros:

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o *quando*. O *quando* mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou *quando* uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou *quando* uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora que eu sou *quando* um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou *quando* infante. Eu resolvi voltar *quando* infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou *quando* infante. Agora nossos irmãos, nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não tinha frente nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinhava, lavava e costurava para nós. O pai passava o seu dia passando arame nos postes de cerca. A gente brincava no terreiro de cangar sapo, capar gafanhoto e fazer morrinhos de areia. Às vezes aparecia na beira do mato com a sua língua fininha um lagarto. E ali ficava nos cubando. Por barulho de nossa fala o lagarto sumia no mato, folhava. A mãe jogava lenha nos quatis e nos bugios que queriam roubar nossa comida. Nesse tempo a gente era *quando* crianças. Quem é *quando* criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Por que o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra *quando* de suporte<sup>340</sup> [grifos do autor].

Talvez pudéssemos favorecer a experiência usando mais encher, como diz o poeta, e menos mensurar o tempo. Desacelerar um pouco, quem sabe? E, mesmo

<sup>339</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 23.

<sup>340</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006, XV.

que de vez em quando, encher o tempo pondo olhos, ouvidos, nariz, boca e pele a provarem o mundo.

Outro fator impeditivo da experiência, segundo Larrosa, é o trabalho excessivo<sup>341</sup>. Não raramente, a experiência é confundida com o trabalho, sobretudo no âmbito da educação. Esse equívoco reside na crença de que existe um saber teórico advindo dos livros e dos centros de ensino e outro, o da experiência, proveniente da prática e do trabalho. Todavia, a experiência, como aquilo que nos acontece, distingue-se de qualquer atividade que possa ser convertida em valor ou mercadoria de troca<sup>342</sup>. E mais, o trabalho como relação antropocêntrica, na qual o homem *pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade*<sup>343</sup> [grifos do autor], anula qualquer possibilidade de experiência.

Pelo que foi dito até aqui, parece que nossos modos de vida contemporâneos tendem a afastar-nos, cada vez mais, da experiência. Será, então, possível, que nos tempos atuais, tornarmo-nos sujeitos da experiência? E de que modo? Mais do que prescrições, Larrosa dá algumas pistas sobre como fazer de nossos corpos um território de passagem, uma superfície sensível ao que nos afeta:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço<sup>344</sup>.

Esses gestos de interrupção de que fala Larrosa remetem aos movimentos do butô, dança-teatro que criada por Tatsumi Hijikata, no Japão da década de 1950<sup>345</sup>. No butô, o dançarino se movimenta num ritmo vagaroso; dança como se a experimentar lentamente o solo, o ar, a luz, os sons; move-se como se estivesse a captar com o corpo forças que o cercam e que podem afetá-lo. Talvez possamos

<sup>341</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 23.

<sup>342</sup> Idem, 2016, p. 23.

<sup>343</sup> Idem, 2016, p. 24.

<sup>344</sup> Idem, 2016, p. 25.

<sup>345</sup> NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; TIBÚRCIO, Larissa Kelli de O. M. A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 461-468.

favorecer a experiência desacelerando um pouco nossos modos de vida; exercitando um “bailar” mais lento, porém não menos atento, em nossas maneiras de pensar e de agir.

Quiçá por meio da experiência possamos repensar nossos modos de ser professor, reinventar nossas práticas pedagógicas, ressingularizar? Uma experiência dessa ordem parece ter sido o que ocorreu com o professor do conto *Espigando intensidade*. Em seu encontro<sup>346</sup> com o filme *Los espigadores y la espigadora*, um simples trecho da película parece ter tido força suficiente para tocá-lo, para movê-lo a pensar sobre seus modos de se constituir professor.

Em entrevista com Veiga-Neto, Larrosa problematiza a pedagogia tradicional dominante e discorre sobre a ideia de uma experiência da leitura<sup>347</sup>. A partir da Modernidade, se instituíram fronteiras desagregadoras entre o conhecimento e o sujeito cognoscente<sup>348</sup>. Por consequência, o conhecimento tornou-se algo exterior a nós; adquirimos conhecimento para sabermos o que não sabíamos antes, contudo permanecemos os mesmos, sem que o conhecimento nos afete, nos transforme. Consumimos o conhecimento como uma mercadoria, mas o que consumimos não nos consome, não passa através de nós<sup>349</sup>. É a lógica capitalística operando! Quase tudo, dos bens materiais às relações sociais, parece ser produzido para ser consumido e, tão logo seja possível, descartado para que se consuma novamente.

No entanto, as fronteiras que separam o conhecimento do sujeito cognoscente são construções históricas que podem ser atenuadas ou, até mesmo, desaparecerem. Pensar a experiência da leitura como uma experiência de formação seria uma alternativa para a redução desse distanciamento, pois,

[...] a leitura como formação seria pensar essa misteriosa atividade que é a leitura como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos. E para mim a questão da formação está magistralmente enunciada no subtítulo *do Ecce Homo* de Nietzsche: como se chega a ser o que se é<sup>350</sup>.

Essa leitura de que trata Larrosa não se restringe ao contato com obras escritas, mas com tudo aquilo que requer de nós uma capacidade de escuta. Na

---

<sup>346</sup> Encontro no sentido filosófico dado por Espinosa, ou seja, encontro com aquilo que tanto pode aumentar como reduzir a potência de ação de um corpo.

<sup>347</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 129.

<sup>348</sup> Idem, 2007, p. 1130.

<sup>348</sup> Idem, 2007, p. 130.

<sup>349</sup> Idem, 2007, p. 131.

<sup>350</sup> Idem, 2007, p. 130.

escuta, abrimo-nos para aquilo de que não precisamos, para aquilo de que não sabemos, para o desconhecido<sup>351</sup>. Assim, as pessoas, os objetos, as obras de arte, as paisagens e tantas outras coisas exteriores ao nosso corpo, podem ser lidas/escutadas da mesma forma que se lê ou que se ouve a leitura de um texto. Algo que parece roçar numa escuta oblíqua, melhor dizendo, em modos de sentir oblíquos sobre os quais estabeleço uma conversa no capítulo *Ressingularização: capturas e esquivas no CMI*.

Outro componente importante da experiência é o seu caráter transformativo. A experiência não apenas forma como também transforma. *É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma*<sup>352</sup> [grifos do autor]. No conto *Espigando intensidades*, vê-se o professor-narrador metamorfosear o modo de pensar suas práticas pedagógicas e suas relações com mundo. Nas palavras desse personagem: *As forças que habitavam o filme deslocavam meus modos de pensar e de agir. Como lembra Larrosa: somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação*<sup>353</sup>.

Não há um protocolo prescritivo, nem tampouco garantias de que uma experiência aconteça. Todavia, deixar-se atravessar pelas coisas do mundo, torna-se permeável ao desconhecido, expor-se a potências alheias a nós é colocar o corpo à mercê de que algo nos aconteça; é propiciar a experiência. O sujeito da experiência

[...] se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial<sup>354</sup>.

Uma passividade que requer um certo padecimento. Não, não é nada fácil expor-se ao desconhecido! Como escreve Lawrence:

Mais que qualquer outra coisa, o mundo teme novas experiências. Porque uma nova experiência desloca experiências antigas. E é como tentar usar músculos que talvez nunca tenham sido usados, ou que foram se

---

<sup>351</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 133.

<sup>352</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 28.

<sup>353</sup> Idem, 2016, p. 28.

<sup>354</sup> Idem, 2016, p. 25-26.

enrijecendo ao longo do tempo. A dor é terrível<sup>355</sup>.

A possibilidade de uma experiência ser dolorosa concerne no fato de que ela não se dá em outro lugar senão no corpo, na carne. O corpo *como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos*<sup>356</sup>.

Em séculos anteriores à Era Moderna, o conhecimento foi entendido como a aprendizagem que se dava pelo sofrimento ou por algo que alguém passava. Nesse período, a experiência se caracterizava por um saber finito e singular, que implicava numa ética na constituição dos modos de vida<sup>357</sup>. No entanto, a imprevisibilidade da experiência fez com que filósofos modernos, como Bacon e Descartes, a convertessem em método: um caminho seguro da ciência<sup>358</sup>.

A partir da criação do método, surge a ciência experimental e, o que antes poderia *transformar a vida dos homens em sua singularidade*<sup>359</sup>, tornou-se experimento: *uma etapa do caminho seguro e previsível que leva à ciência*<sup>360</sup>. Com isso, a experiência deixou de ser um modo de dar sentido ao mundo, o modo como *o mundo nos mostra sua face inteligível*<sup>361</sup>. A experiência foi reduzida a um conjunto de regras que permite aos homens conhecer e dominar a verdade das coisas.

Nesse contexto, as práticas pedagógicas tradicionais só fizeram perpetuar e reafirmar a hegemonia da ciência como caminho único do conhecimento e da verdade. Essa ideia de supremacia da ciência aparece na seguinte narrativa do personagem do conto *Espingando intensidades: Durante muito tempo reproduzi discursos. Discursos que aprendi nos tempos em que pensei que só através da ciência se poderia pensar*. A pedagogia, de um modo geral, tentou controlar a experiência, enclausurando-a na técnica, impedindo o acontecimento, prevendo o incerto.

---

<sup>355</sup> LAWRENCE, David Herbert. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 12.

<sup>356</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 25.

<sup>357</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 137.

<sup>358</sup> Idem, 2007, p. 132

<sup>359</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I**: Novos olhares na pesquisa em educação. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 137.

<sup>360</sup> Idem, 2007, p. 132

<sup>361</sup> Idem, 2007, p. 138.

A experiência de ensinar e de aprender também foi convertida em experimento<sup>362</sup>. Essa conversão alterou a relação do sujeito contemporâneo com si mesmo e com a vida, pois,

[...] o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo do qual podemos nos apropriar; e algo que tem a ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estritamente pragmático, como a fabricação de um instrumento. De outro lado, a vida se reduz à sua dimensão biológica, à satisfação de necessidades (sempre incrementadas pela lógica do consumo)<sup>363</sup>.

Retomo o conto *Espigando intensidades*, pois há nele algo que potencializa essa problematização acerca da formação de professores. Há um trecho em que o professor do conto diz: *Despercebidamente, reproduzia e reforçava o legado da transmissão de saberes*. O legado de que fala o personagem do conto refere-se à ideia do professor como transmissor/depositário de saberes, como centro regulador do processo de ensino-aprendizagem, algo que pode ser desconstruído quando se pensa numa formação pela experiência.

A ideia da experiência como leitura entende um texto como uma possibilidade de criar outro mundo. Numa leitura da ordem da experiência, o objetivo deixa de ser a decifração ou a interpretação de códigos para ceder espaço ao compartilhamento de experiências<sup>364</sup>. A experiência é algo singular. Assim, numa formação pela experiência, professor e alunos certamente serão afetados de modo diferente por um mesmo texto. Mas ao compartilharem suas experiências, os atores podem criar um novo sentido para o mundo. Há na formação pela experiência uma priorização da produção de saberes em detrimento da sua reprodução, da sua representação.

É na relação entre o conhecimento e a vida humana que se dá o saber da experiência. Um conhecimento que não se restringe à ciência e à tecnologia, pois se relaciona com o sentido ou com o sem-sentido que damos ao que nos acontece. Uma ideia de vida que vai além da dimensão biológica, pois está relacionada com a existência, com a vida singular. Assim, o saber da experiência

[...] é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas

<sup>362</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 144.

<sup>363</sup> LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. três ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 137.

<sup>364</sup> Idem, 2007, p.147.

somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)<sup>365</sup>.

A experiência e o saber da experiência como algo que tem a ver com o modo como nos colocamos no mundo, com a maneira como produzimo-nos e com um estilo que adotamos frente à vida. Se dá por uma articulação política, ética e estética. Algo que parece roçar no conceito de *formação ecosófica*<sup>366</sup>, criado pela professora-pesquisadora Roselaine Machado Albernaz.

Em sua tese de doutoramento, Albernaz propõe um modo de pensar a formação de professores que ultrapassa as normatizações acadêmicas<sup>367</sup>. Algo que a autora chama de *formação ecosófica*<sup>368</sup>. Esse outro modo de formar professores se daria pela articulação dos três registros ecológicos descritos por Guattari (ambiental, social e mental). Assim, poderia se pensar numa formação feita por entrelaces, por conexões; numa formação rizomática que pode permear pelas mais diversas áreas do conhecimento.

Uma formação, pensada pelo viés da ecosofia, passa a ser entendida como algo que está em constante movimento de produção, como algo que nunca está pronto, acabado, concluído. Nessa perspectiva, o tornar-se professor vai além de uma diplomação ou de um reconhecimento de saberes. Numa formação ecosófica, alguém vem a ser professor a partir da *problematização do si mesmo e do mundo em que se vive*<sup>369</sup>. Embora existam subjetividades hegemônicas que moldem os modos de ser professor, cada indivíduo é, também, um sujeito pelo qual passam coisas diferentes; um sujeito que experimenta o mundo de forma singular<sup>370</sup>. É nessas singularidades que pode residir a possibilidade de subverter modos dominantes de ser e de pensar, a possibilidade de ressingularizar.

A formação ecosófica perpassa pelo conceito de experiência, desenvolvido por Larrosa, na medida em que *implica um voltar-se para si mesmo, uma relação com a própria matéria da qual a subjetividade se constitui, uma relação com aquilo*

<sup>365</sup> LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 30.

<sup>366</sup> ALBERNAZ, Roselaine M.. **Formação ecosófica: a cartografia de um professor de matemática**. 2011. 217f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2011, p. 196.

<sup>367</sup> Idem, 2011, p. 196.

<sup>368</sup> Idem, 2011, p. 196.

<sup>369</sup> Idem, 2011, p. 196.

<sup>370</sup> Idem, 2011, p. 199.

<sup>370</sup> Idem, 2011, p. 196.

*que desestabiliza*<sup>371</sup>. Nessa formação, além dos saberes científicos, sobre os quais se alicerça quase que hegemonicamente uma formação acadêmica, um sujeito se constituiria professor também pelas suas percepções do mundo e por sua ação nesse mundo. Por isso, uma formação ecosófica requer do professor uma atenção para outras áreas do saber como a arte e a filosofia<sup>372</sup>.

Nos contos que compõem o traçado desta cartografia é possível perceber que, por vezes, o corpo de alguns personagens é atravessado por forças que os movem a problematizar seus modos de pensar e de agir. São nos encontros que fazem esses personagens com a arte, com a filosofia e com outras matérias do mundo; nos encontros com corpos orgânicos e não orgânicos que surgem tais forças. Encontros que também foram feitos pelo meu corpo de cartógrafa e de professora. Algumas das forças que exalavam desses encontros foram acolhidas; impeliram a problematização de minha formação; ajudaram a exercitar um olhar oblíquo sobre o mundo; deram língua a essa pesquisa. Essas forças ainda me abalam. Tomo emprestadas as palavras do personagem desse último conto: *A vida continua me provocando. Para dar conta das inquietações, eu escrevo, invento coisas, me reinvento*. Será que o mapa cartográfico que aqui desenho provocará alguém? Espero que sim!

A partir desse exercício de problematizar a própria vida, talvez alguns professores possam inventar modos relacionais que escapem, por alguns momentos, das subjetividades capitalísticas. Eis que essa é a relação que Albernaz faz entre formação de professores e ecosofia<sup>373</sup>. E se falo de alguns professores é porque a autora não pretende *falar em uma generalidade, fazer uma generalidade sobre como tocar ou provocar professores* [...] <sup>374</sup>.

Entender-se como parte da natureza, subvertendo ideias antropocêntricas ou salvacionistas, talvez seja uma forma de alguns professores favorecerem uma ecologia ambiental. Já no que tange à ecologia social, esquivando-se do legado da transmissão de saberes e de práticas pedagógicas centradas no professor ou no aluno, quiçá esses professores possam contribuir para a invenção de novas relações com os *socius*. Ademais, se aproximarem o seu fazer professoral do fazer do artista,

---

<sup>371</sup> ALBERNAZ, Roselaine M.. **Formação ecosófica: a cartografia de um professor de matemática**. 2011. 217f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2011, p. 199.

<sup>372</sup> Idem, 2011, p. 200.

<sup>373</sup> Idem, 2011, p. 199.

<sup>374</sup> Idem, 2011, p. 183.

levando mais sensibilidade e menos cientificismo para suas práticas, quem sabe esses professores favoreçam uma ecologia mental. Não se pode perder de vista, contudo, que esses três níveis ecológicos precisam operar juntos e além dos muros da escola.

Não há, no entanto, um manual que garanta que a formação ecosófica aconteça. Nem tampouco se pretende fazer da formação ecosófica uma norma a ser seguida por todos os professores. Pelo contrário, o desejo aqui é escapar das normatizações, da instituição de modelos. Um desejo de ressingularizar. Como já foi dito, essa formação é da ordem da experiência, portanto, não há como mensurá-la ou planejá-la. Ela se dá na singularidade de cada professor. O que há nessa formação é uma *atenção com o si mesmo*<sup>375</sup>, para a natureza e para o mundo em que vivemos.

Há, também, na formação ecosófica um caráter transformativo. E a transformação nos modos de ser de um professor podem reverberar no corpo de alguns alunos. Nas brechas de ressingularização de um professor, também podem ser reinventadas novas maneiras de ser aluno. Nas palavras de Albernaz:

[...] o sentido da experiência na Formação Ecosófica é especial, pois é algo do qual se sai transformado. É através desse sentido que se constitui um pensamento que afeta os processos de formação. Afinal de que os professores de matemática necessitam para isso? Talvez de mais poesia, um pouco de dança, um riso mais solto que desprenda o corpo do eixo regulado<sup>376</sup>.

Desprender o corpo do eixo regulado. Sinto que foi um desprendimento desta ordem que as experimentações com a arte e com a filosofia provocaram em meu corpo cartógrafa e professora. Tantas coisas têm me provocado nesses últimos tempos! Coisas que antes sequer percebia. Experimentei, na arte, formas de produzir pensamento. Junto com os filósofos da diferença, experimentei um mundo estrangeiro, um mundo que me fez pensar para além da razão. Articular a arte, a filosofia e a formação possibilitou a invenção de contos, a mistura de ficção e realidade. E como escreve Valter Hugo Mãe: *muito do que não existe é do mais importante na vida, não despreze nada [...], agarre-se a uma fantasia se for boa, que a realidade é bem feita desses momentos mais espertos de lhe fugirmos de vez em*

---

<sup>375</sup> ALBERNAZ, Roselaine M.. **Formação ecosófica: a cartografia de um professor de matemática**. 2011. 217f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2011, p. 201.

<sup>376</sup> Idem, 2011, p. 203.

*quando*<sup>377</sup>. Agarrar na ficção para pensar a vida!

Penso no quanto essas experimentações com a arte e com a filosofia transformaram, e ainda transformam, a maneira como me coloco no mundo e como problematizo nos modos de vida contemporâneos. Depois de embarcar na fluidez do pensamento ecosófico de Guattari, já não dissocio as questões sociais e subjetivas da temática ambiental que abordo nas aulas que crio. Aulas nas quais tento problematizar o entendimento hegemônico de uma natureza externa ou dispersa do humano. Fisgada pela literatura, pela dança, pela música e pelo cinema, tento levar alguns desses artefatos para sala de aula. Mas essa metamorfose é ambulante<sup>378</sup>, como cantava Raul Seixas. Uma transformação que transita além dos muros da escola. Peguei gosto pela escrita. Não por qualquer escrita, senão por aquela que me permite inventar, ficcionar, criar. Tento acolher as intensidades que o mundo oferece. Estremeço. Penso. Escrevo. Transmuto...

E agora, parece que carrego no corpo alguns traços de Mestre Aristeu, figura estética criada por Manoel de Barros no poema *Aula*. Ando a querer usar um *idioma de larvas incendiadas*, a desejar uma linguagem que obedeça a *desordem das falas infantis do que das ordens gramaticais*, a tentar desfazer o normal... Sim, fui afetada! Encerro esta cartografia sem um fim. Mas com esse poema que, pelo menos me parece, fala um pouco dessas afecções que deitam em meu corpo:

Nosso prof. de latim, Mestre Aristeu, era magro e do Piauí. Falou que estava cansado de genitivos dativos, ablativos e de outras desinências. Gostaria agora de escrever um livro. Usaria um idioma de larvas incendiadas! Mestre Aristeu continuou: quisera uma linguagem que obedecesse a desordem das falas infantis do que das ordens gramaticais. Desfazer o normal há de ser uma norma. Pois eu quisera modificar nosso idioma com as minhas particularidades. Eu queria só descobrir e não descrever. O imprevisto fosse mais atraente do que o déjà visto. O desespero fosse mais atraente do que a esperança. Epa! O prof. desalterou de novo – outro colega nosso denunciou. Porque o desespero é sempre o que não se espera. *Verbi gratia*: um tropicão na pedra ou uma sintaxe insólita. O que eu não gosto é de uma palavra de tanque. Porque as palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques. E um pouco exaltado o nosso prof. disse: Falo de poesia, meus queridos alunos. Poesia é o mel das palavras! Eu sou um enxame! Epa!... Nisso entra o diretor do Colégio que assistira a aula de fora. Falou: Seo Enxame espere-me no meu gabinete. O senhor está ensinando bobagens aos nossos alunos. O nosso mestre foi saindo da sala, meio rindo a chorar<sup>379</sup>.

<sup>377</sup> MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016, p. 192.

<sup>378</sup> Em referência a música *Metamorfose Ambulante* composta por Raul Seixas nos anos 1970.

<sup>379</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: A segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006, X.

## 8 Referências

- ALBERNAZ, Roselaine Machado. **Formação ecosófica**: a cartografia de um professor de matemática. 2011. 217f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2011.
- ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- ARTHUS-BERTRAND, Yann. **Home**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wa546EesVPE>. Acesso em: 14 out. 2015.
- ARTIOLI, Guilherme Gianini; HIRATA, Dominguez Crespo; LANCHI, Antônio Herbert Jr. Terapia gênica, *doping* genético e esporte: fundamentação e implicações para o futuro. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 5, out-set 2007, p. 349-354.
- BARROS, Manoel de. **As bênçãos**. Disponível: [http://www.snpcultura.org/poesia\\_completa\\_manoel\\_barros\\_distinguida\\_casa\\_america\\_latina.html](http://www.snpcultura.org/poesia_completa_manoel_barros_distinguida_casa_america_latina.html). Acesso em: 12 set. 2017.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Biblioteca de Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- BARROS, Manoel de. **Poemas Concebidos sem pecado**. In: Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: LeYa, 2013.
- BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do infinito**. Biblioteca de Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: LeYa, 2013.
- BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- BLUME, Bruno André. **Ocupações das escolas**: entenda. Disponível em: <http://www.politize.com.br/ocupacoes-de-escolas-entenda/>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- BRASIL, Câmara dos Deputados. Projeto de Lei Nº. 867 de 2015. **Incluí entre as diretrizes e bases da educação nacional o “Programa Escola sem Partido”**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>. Acesso em 15 ago. 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Logotipo Programa Mulheres Mil**. Disponível: <http://mulheresmil.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- BRASIL. Senado Federal. **Medida Provisória nº 746, 2016**. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera

a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>. Acesso em: 08 ago. 2017.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BUARQUE, Chico; HIME, Francis. **Passaredo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pec2KWx2yJM>; Acesso em: 19 jun. 2017.

CAGE, John. **John Cage: music of change** (1951). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=B\\_8-B2rNw7s](https://www.youtube.com/watch?v=B_8-B2rNw7s). Acesso em: 26 ago. 2016.

CAGE, John. **John Cage's 4'33"**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFiXSx4>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CALVIN e Haroldo. Disponível em: <https://br.pinterest.com/explore/calvin-e-haroldo/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPBELL, Nell. **Biologia**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CAROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARTA dirigida a professores encontrada em concentração nazista. Disponível em: <http://cafecomsociologia.com/2014/01/carta-dirigida-professores-encontrada.html>. Acesso em: 21 ago. 2017.

D'ADDARIO, Miguel. **Como escrever seus próprios contos: técnicas e exercícios práticos**. 3 ed. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=PZskDwAAQBAJ&pg=PT49&dq=g%C3%AAneros+liter%C3%A1rios+%2B+contos&hl=ptBR&sa=X&redir\\_esc=y#v=onepage&q=g%C3%AAneros%20liter%C3%A1rios%20%2B%20contos&f=false](https://books.google.com.br/books?id=PZskDwAAQBAJ&pg=PT49&dq=g%C3%AAneros+liter%C3%A1rios+%2B+contos&hl=ptBR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=g%C3%AAneros%20liter%C3%A1rios%20%2B%20contos&f=false). Acesso em: 29 mai. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia**. Buenos Aires: Cactus, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DELEUZE, GILLES. **La subjetivación**: curso sobre Foucault (Tomo III). Buenos Aires: Cactus, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu55SONCA28&list=PL9410288DA0B684BA>. Acesso em: 19 abr. 2016.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/95340226/Artigo-Entrevista-Com-Gilles-Deleuze-O-Ato-de-Criacao>. Acesso em: 25 out 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.

DODSWORTH-MAGNAVITA, Alexey. A filosofia para questões urgentes. **Revista Filosofia, Ciência & Vida**: São Paulo, ano VI, n. 72, p. 14-22, 2012.

FONSECA, Tânia Mara Celli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCIN, Cleci (org.). **Pesquisar a diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso do *Collège de France* (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora MF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no *Collège de France* (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. 14 ed. vol. 2. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O Belo Perigo**: conversa com Claude Bonnefoy. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GALVÃO, Paulo; GESSINGER, Humberto. **Dom Quixote**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/72889/>. Acesso em: 14 jul. 2017.

GARRÉ, Bárbara Hees e HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **Educação Temática Digital**. Campinas, vol. 16, n. 3, p. 426-439, set-dez 2014.

GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **Perspectiva**. São Paulo. v. 14, n. 4, p. 129-138. out-dez 2000.

GONÇALVES, Arrison Vinícius Landgraf. **Terra que no se conoce: Paisaje sin nombre: Quem são os vulneráveis dos projetos sociais esportivos?** 2016. 185f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde). Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Rio Grande, 2016.

GREINER, Christiane. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Félix. **¿Que és la Ecosofia? Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. Buenos Aires: Cactus: 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 3 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Leandro Belinasco. A natureza na arena cultural. **Jornal A Página**. Portugal, ano 15, n. 155, p. 7, abr. 2006.

GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”. In.: 4º SBECE – Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, ULBRA, 4, 2011, Canoas, **Anais**. Canoas: ULBRA, 2011, p. 1-14.

GUIMARÃES, Leandro Belinasco. Pesquisas em educação: olhares atentos à cultura. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna et al. (org). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência**: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 237 - 246.

HENNING, Paula Córrea. Modos de existir, conviver e se relacionar com a natureza no contexto contemporâneo. **Jornal Eco**. Rio Grande, 3 ed., p. 5, dez 2013.

HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org). **Ecologias Inventivas**: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 240-253.

KAFFA, Franz. **Um artista da fome**. In: Biblioteca virtual da PUC. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Franz%20Kafka-2.pdf>. Acesso em 06 ago. 2016.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. **Caminhos Inventivos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LAWRENCE, David Hebert. **O caos da poesia**. In: TADEU, Tomas (trad.). O caos da poesia. Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,818.html>. Acesso em: 28 jun. 2017.

LAWRENCE, David Herbert. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOZANO, Héctor. **Merlí** [Série de televisão – vídeo]. Direção: Héctor Lozano. Roteiro: Eduard Cortés. Madri: Netflix, 2015, 50 min, color, son.

MACERATA, Iacã; SOARES, José Guilherme Neves; RAMOS, Júlia Florêncio Carvalho. Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção básica a rua. **Interface**. Botucatu, n.1, p. 19-930, jan. 2014.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MARQUES, Camila. Experiência estética e subjetividade política: consumo de moda no movimento social *hip-hop*. In: 10º Colóquio de Moda, 7ª Edição Internacional, 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, UCS, 10, 2014, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: UCS, 2014. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda\\_2014/ARTIGOS-DE-GT/GT02-CONSUMO-DE-MODA/GT-2-EXPERIENCIA-ESTETICA-E-SUBJETIVIDADE-POLITICA.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/ARTIGOS-DE-GT/GT02-CONSUMO-DE-MODA/GT-2-EXPERIENCIA-ESTETICA-E-SUBJETIVIDADE-POLITICA.pdf). Acesso em 26 jul. 2017.

MARTINS, Carlos José. Arte como sensação. In: 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. UFG,

36, 2013, Goiânia. **Anais**. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24\\_3448\\_texto.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_3448_texto.pdf). Acesso em 25 abr. 2017.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**: uma história de *Wall Street*. São Paulo: Guardalivros, 2014.

MOSÉ, Viviane. **Vida/tempo**. Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/95227>. Acesso em: 19 jul. 2017.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; TIBÚRCIO, Larissa Kelli de O. M. A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 461-468.

OLIVEIRA, Tiago Rannery Oliveira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, danças, desenhos: cartografia com método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**: Campinas. v. 23, n. 3, out-dez 2012, p. 159-178.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2003.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: estudo crítico da formação de professores. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

PEREIRA, Marcos Villela. **O desafio da tolerância na cidade contemporânea em PORTO**, Tania Maria Esperon (Org.) Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas Araraquara: JM Editora Ltda, 2003.

PESSOA, Fernando. **Da verdade não quero mais que a vida**. Disponível em: <http://direitoeavesso-pepa.blogspot.com.br/2010/01/fernando-pessoaricardo-reis-da-verdade.html>. Acesso em: 29 jun. 2017.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

PESSOA, Fernando. **Quando vier a primavera**. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/quando-vier-a-primavera-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa>. Acesso em: 18 jun. 2017.

POL-DROIY, Roger. **Michel Foucault**: entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

POZZEBOM, Fábio Rodrigues. **ONU alerta para impactos do projeto Escola sem Partido na educação brasileira**. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2017/04/geral/557435-onu-alerta-para-impactos-do-projeto-escola-sem-partido-na-educacao-brasileira.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/04/geral/557435-onu-alerta-para-impactos-do-projeto-escola-sem-partido-na-educacao-brasileira.html). Acesso em: 06 jun. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2014.

RUSSO, Renato; VILLA-LOBOS, Dado. **Geração Coca-Cola**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7tXCo-fl59M>. Acesso em: 23 jun. 2017.

SALGADO, Carmen Pardo. **La escucha obícua: uma intivación a John Cage**. Valencia: Editora U.P.V., 2014.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. Meio Ambiente, Verdade e Governamentalidade. In.: GADELHA, Sylvio; PULINO, Lúcia Helena (org). **Biopolítica, Escola e Resistência**: infâncias para a formação de professores Campinas: Alínea. p. 79-88.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose ambulante**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7VE6PNwmr9g>. Acesso em: 22 ago. 2017.

SERRES, Michel. **Tempo de crise**: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e futuro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TV CULTURA. **Café filosófico**: o que pode o corpo? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oE3aoW2xp4w>. Acesso em: 01 ago. 2016.

VARDA, Agnès. **Los espigadores y la espigadora**. [Filme-vídeo]. Direção de Agnes Varda. França: Ciné Tamaris, 2000, 82 min, color, son.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Na oficina de Foucault**. Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/Na%20oficina%20de%20Foucault%20-%20Editorado%20Final%20-%20dez%2006.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VIEIRA, Virginia Tavares; HENNING, Paula Corrêa. Os modos de fabricar a Natureza do Rio Grande do Sul na música pampeana. In: X ANPED Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, UDESC, 10, 2014, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/857-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/857-0.pdf). Acesso em: 15 jun. 2017.

WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/explore/calvin-e-haroldo/>. Acesso em: 18 jun. 2017.